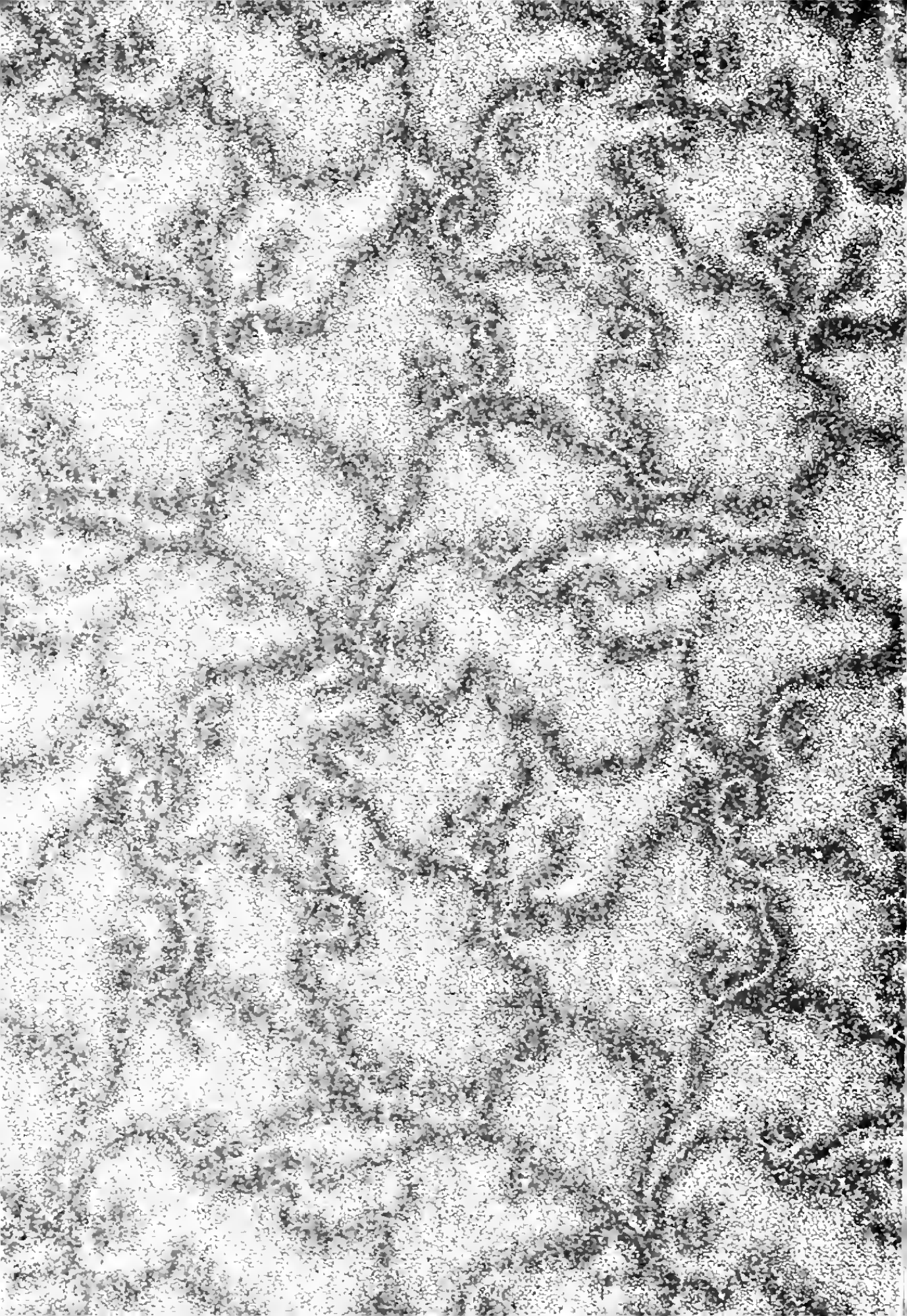
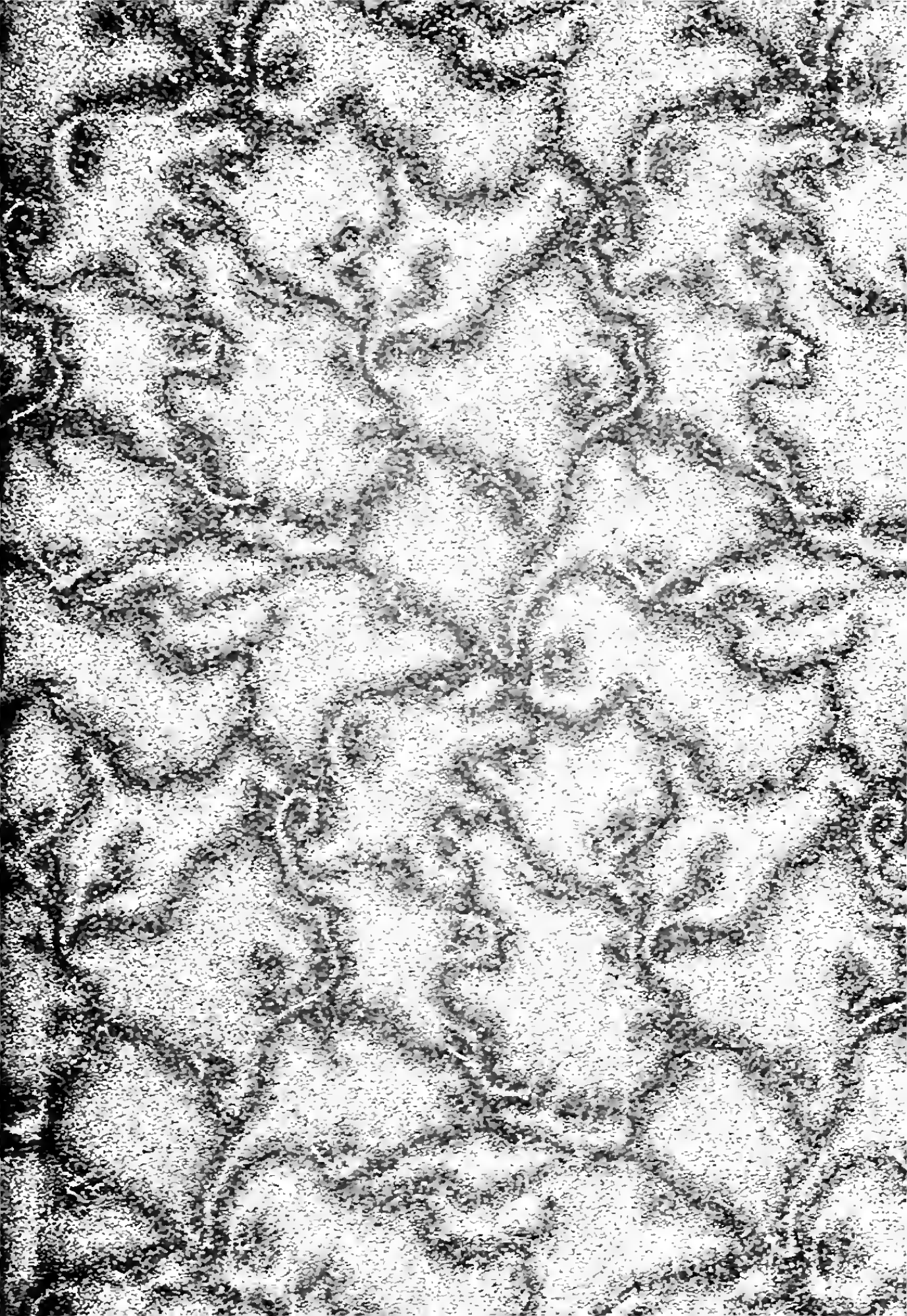
3 1761 07036564 8





A QUEIMAR CARTUCHOS

OBRAS DE SILVA PINTO

Questões do dia. 1870.
Sciencia e Consciencia. 1870.
Farçadas contemporaneas. 1870.
Novas Farçadas contemporaneas. 1871.
A questão da imprensa. 1871.
Theophilo Braga e os Criticos. 1871.
A' hora da lucta. 1872.
Horas de febre. 1873.
O Espectro de Juvenal. 1873.
Eugenia Grandet (trad.) 1873.
O Padre maldicto. 1873.
Balzac em Portugal. 1873 — 2.ª edição.
Noites de vigilia (edição mensal). 1874.
Noites de vigilia (edição quinzenal). 1875.
Emilia das Neves e o Theatro portuguez. 1875 —2.ª edição.
Contos phantasticos. 1875.
Os Homens de Roma (drama). 1875.
A Questão do Oriente. 1876.
Revista Litteraria. 1876.
Os Jesuitas (ao bispo Americo). 1877— 3.ª edição
Do Realismo na Arte 1877— 3.ª edição.
Nós e a Alfandega do Porto. 1877 — 2.ª edição.
O Padre Gabriel (drama). 1877 — 2.ª edição.
Controversias e Estudos Litterarios. 1878.
No Brazil. 1879.
O Emprestimo de D. Miguel. 1880 — 3.ª edição.
Realismos. 1880 — 2.ª edição.
Combates e Criticas. 1882.
Novos Combates e Criticas. 1884.
Terceiro livro de Combates e Criticas. 1886.
O caso de Marinho da Cruz. 1889.
Camillo Castello Branco. 1889.
Philosophia de João Braz. 1895.
Santos Portuguezes. 1895.
N'este Valle de lagrimas. 1896.
A queimar cartuchos. 1896,
O Riso amarello (a entrar no prélo).
Moral de João Braz (idem)
Theorias de João Braz (idem)
A torto e a direito (idem)

SILVA PINTO

A QUEIMAR

CARTUCHOS

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA — EDITOR
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54
1896

PQ
9261
S55Q4

LISBOA

Typographia e Stereotypia Moderna

11 — Apostolos — 11

1890

AO MEU EMINENTE CAMARADA

José Pereira de Sampaio

Silva Pinto.

A QUEIMAR CARTUCHOS

OS DO PORTO

31 de janeiro de 1891.

Conheço todos os homens *compromettidos* na revolta. Destaco, muito nitidamente, os individuos que fatalmente surgem em qualquer movimento revolucionario, de cá ou de fóra, postos em evidencia pela estulticia propria, pela velhacaria da controversia e ás vezes por mysteriosas causas que officialmente constituem attenuantes... e quero vêr apenas a multidão dos *rebeldes* de quem um homem da Ordem escreveu irresistivelmente: — «Nada roubaram, quando poderiam fazel-o!...»

São aquelles de quem um illustre indignado disse:—«Imagine-se o que nos esperava, se taes homens se apoderassem dos cofres publicos!...»

Alguem traçou á margem d'esta reflexão profunda um ponto de interrogação e um ponto de admiração. O primeiro referia-se ao conteúdo dos cofres e o segundo á candura do prosador.

Quero referir-me tambem a homens do meu tempo,—como José Pereira Sampaio *(Bruno)* e Basilio Telles, espiritos orientados pelo estudo, caracteres immaculados e corações firmes, que são a honra inquebrantavel do Porto pensante e da geração nova, que os conta entre os seus mestres,—homens que eu prézo e admiro e que uns bachareis em bisbilhotice, uns pretendentes doutorados, uns triumphadores, com pés de greda e cerebro de peior materia, tratam d'alto, com chascos e ameaças que seriam a peior escorrencia de sujas almas, se não houvesse alli mais fétida ejaculação de pús: o da apparente misericordia!

Inclinado aos homens que eu respeito e amo, e que eu vejo na primeira fila dos responsaveis, eu

não lhes peço para formularem as suas coleras, — nem eu creio que as sintam n'este momento. Quero dizer-lhes serenamente, sem fanfarronadas, sem intuitos de notoriedade, que não se compadecem com os meus cabellos embranquecidos, —mas apenas com a sinceridade de quem *nada deve e nada teme*, as seguintes palavras de um desilludido que não esqueceu as illusões:

*

* *

Eu achei-me ha quatro noites n'um grupo de conservadores. Desde o grande capitalista ao noticiarista indignado e ao ministro do Senhor, não o que denunciou em Albergaria o capitão Leitão — estava tudo representado. Tambem lá estava um actor, collega do Verdial e que não parodiou o Collot d'Herbois, porque só tem bravura nos camarins. Quando eu entrei—foi n'um café—discutia-se calorosamente os acontecimentos do Porto, nas origens, no processo, nos incidentes, no desfecho e nos resultados proximos ou remotos. Geralmente, condemnava-se a inop-

portunidade: a situação financeira, o conflicto com a Inglaterra, as indecisões, os perigos e os terrores do momento historico. E como eu extranhasse que a *inopportunidade* da acção, e de nenhum modo a propria acção, constituisse as bases d'aquelle protesto, um dos circumstantes — dos mais convictos e dos mais intelligentes — disse-me n'um arranque de amargurada colera:

—*Pois você imagina que «tudo isto» póde continuar assim?!*

*

* *

Não! Elle não suppunha que eu pudesse imaginal-o. A phrase, applaudida por todos, era o *formidavel grito da moral* que se alevanta e irrompe da consciencia do homem e que lhe leva de assalto as tibiezas, as hypocrisias, as conveniencias e as fraquezas; que pulverisa as covardias, abafa o clamor dos interesses, ergue, nobilita, aquece e illumina as almas! Elles bem sabiam o que eu poderia imaginar sobre a comedia dos furores, — vá esta justiça ás santas gen-

tes! — e sobre os precedentes em que os indignados de hoje firmam as suas reclamações. Elles o sentiam — como todos nós o sentimos: que o movimento de revolta do Porto, na sua impetuosidade, — excluidos os elementos, raros e já denunciados, de imbecilidade *ou de mais negra coisa*, — póde ser attingido pela acção da Lei, que é sagrada, mas evade-se ás notas dos casuistas. Ignoro se tremeram as instituições, mas sei que empallideceram os egoismos, — e que nas dobras da bandeira hasteada na camara municipal do Porto duas gerações de réus de lesa-patria entreviram a palavra *Expiação!*

*

* *

Oh! como eu admiro todas as sinceridades e todas as fidelidades, desde a do velho Malesherbes, inclinando a fronte veneranda aos joelhos do seu rei condemnado, até á do communista Duval, que, na hora extrema, alvejado pelas espingardas da Ordem, solta o grito de *Viva a Humanidade!* Era o *desprezo da vida* o que

animava em face da Morte o leal servidor do Rei e o leal servidor dos Desherdados. Admiraveis ambos e todos os que acceitaram o martyrio em homenagem a um ideal, a um principio, a um sentimento! E póde-se discutir, n'um dado terreno de relatividades, a verdade relativa do ideal, ou do principio; mas não se póde discutir o sacrificio, nem o sentimento de revolta, que o impôz! E a dentro dos que luctam frente a frente, de coração firme, voltados para a Morte, é preciso vêr um sentimento de altruismo ou de amargura, ou de lealdade, que só póde ser escarnecido e vilipendiado por uma especial classe de miseraveis gafos de todas as podridões: *os que da sombra espreitam a victoria, para collocarem a tempo as sympathias!...*

LIQUIDAÇÕES POLITICAS

Não devia surprehender os praticos em expansões de politicos o livro do sr. Fuschini. E' uma acção má e uma acção irrisoria: digo-o sem o menor intuito de ser desagradavel ao auctor, mas sem preoccupações, — que seriam novas nos meus avançados annos, — ácerca do resentimento que eu desperte.

E' uma acção má, como todas as *inconfidencias*. Assoalhar perante os bisbilhoteiros o que se ouviu e o que se disse em palestra intima e o que se combinou em cartas particulares só tem justificação quando se reage contra uma calumnia esmagadora: em tal caso, desde o ar-

cabuz de Carlos IX até ao rewolver *bull dog*, desde a maça d'armas de Clovis até á *sevilhana*, todas as armas são licitas á defeza; mas o sr. Fuschini não foi alvo de calumnia precursora do esmagamento. A sua collaboração nos actos do governo de que fez parte, as suas responsabilidades nas *violencias* são inilludiveis perante a opinião publica. A acção má — as inconfidencias—desdobra-se pois no *irrisorio*: o desabafo, a furia do politico que se viu logrado: ha quem diga — justamente logrado. Ninguem crê que um espirito esclarecido e pratico, qual o do sr. Fuschini, levasse tão longe a *innocencia*, que chegasse a considerar perdoadas nas altas regiões as suas manobras a descoberto. Em Politica — deve ser axiomatico — não se perdôa: quando muito, esquece-se, emquanto o culpado se affirma temivel ou indispensavel. Ora, o sr. Fuschini não podia ser indispensavel, pois que nada trouxe de novo ao mercado — a não ser a contribuição industrial, meditada com os vendilhões de agua-fresca, e não poderia ser temivel, pois que não dispunha de prestigio na opinião, e os

seus amigos politicos não viam n'elle um Mestre, mas sim um candidato a ministro.

*

* *

N'estas condições de ambição vulgar, incapaz da aspiração a ser, na sua esphera, *o mais forte* ou *o mais util* — e são estas as ambições invenciveis, — o sr. Fuschini devera ter, pelo menos, pois que é intelligente e pratico, a nitida percepção do seu destino, ao ser chamado ás negociações para ministro.

Se a *Liga Liberal* houvesse sido algum dia uma coisa séria, poderia o sr. Fuschini suppôr que os seus peccados seriam esquecidos, emquanto elle dispozesse de tal apoio ; mas a Liga valia incomparavelmente menos que a Esquerda Dymnastica, sua predecessora, pois que o sr. Barjona, valendo muito mais que o sr. Fuschini, abandonára a confiança e as boas vontades que haviam acudido á sua chamada e deixara uma lição deploravel de descrenças e outra lição, salutar, de *pé atraz* contra os salvadores.

Accrescia o desastre recente do sr. José Dias Ferreira, «em pousío durante vinte annos» — na phrase pittoresca do sr. visconde de Chancelleiros—e produzindo apenas a lei dos «carapaus» e a immolação dos principios democraticos nas alcatifas do paço. Quando o sr. Fuschini foi chamado, ninguem duvidou de que elle—ambicioso vulgar e apressado — acceitasse sem condições. Quando elle acceitou, todos desataram a rir. Mais um! Inferior em cabula politica e em talento a Barjona de Freitas, inferior em estudo a Oliveira Martins, inferior em prestigio «de pousio» a José Dias Ferreira, de jogo descoberto — em corridas pelas estações dos partidos, que esperava do Paço e dos amigos do rei um tal socialistasito e que esperava da opinião do povo um tal politicosito?

*

* *

A passagem pelo poder deixou-o marcado, pelas responsabilidades nos actos collectivos e pelas responsabilidades proprias — até á contri-

buição industrial. Espremido o limão, foi deitado fóra. Não dispondo do sorriso sceptico de Barjona, nem do espirito concentrado de Oliveira Martins, nem da rabulice *não sei se vê bem* de José Dias Ferreira, já sem Liga, já sem restos de crentes, mesmo entre os vendilhões de agua fresca, irritado contra si proprio, por ter *cahido*, —coisa peior do que a irritação contra os outros, —ferido na sua vaidade, na sua intelligencia desnorteada e no seu trabalho malbaratado, ahi o temos na ultima desgraça :—o desabafo perante o publico !

Mais uma vez logrado pelo seu funesto espirito ! Que pretende o sr. Fuschini provar ? Que os politicos não foram leaes para com elle ? E porventura lhes levava lealdade o socialista? Que o sr. João Franco é um mau homem ? Toda a gente sabe que é um homem honrado. Que o rei foi tambem desleal ? Que especie de garantias lhe offerecia esse *amigo do povo*, a ameaçal-o com a Liga ? Appella o sr. Fuschini para o povo? Não creio ; seria um cumulo de dispauterio pedir ao pobre *Zé* oito tostões pelo calhamaço dos mexericos. Oito tostões, sabe o socialista, é

o pão de quatro dias para uma familia de proletarios. A gente, se demoradamente pensa no diabo do livro, perde a cabeça, como na averiguação do mysterio da Eternidade!

*

* *

Ama-se a traição e traição e aborrece-se o traidor—dizia um pratico antigo. E' n'esta orientação que um jornal republicano diz a proposito d'esse livro-epitaphio: «Bate-se com o auctor nos monarchicos e bate-se com o livro no auctor.» E' o que de mais favoravel tem a esperar o sr. Fuschini, após seu réles suicidio. Diz elle que o accusaram de ter sahido tarde, e atribue o seu erro á natureza humana. A miseria não consiste na *sahida demorada:* está na *entrada* incondicional, sonhada, mendigada, com preludios clandestinos, e está nas referencias deprimentes aos homens a quem se associou, quando a vaidade esmagada lhe dá rebate ás expansões. Se o sr. João Franco, a figura mais preponderante do ministerio, lhe merecera havia um

quarto de seculo as notas de flagicio com que hoje o brinda, que tristissima ideia fariamos do observador que se lhe foi collocar ao alcance da garra, como figura subalterna, se o sr. Fuschini ainda vivesse para a critica! Não é nas condições vulgares da natureza humana que um tal «vulto» têm de acoutar-se do desdem dos homens: foi no terreno pantanoso das aberrações que o seu espirito sossobrou. Os erros, as fraquezas, as deslealdades, — tudo o que elle cita, e o que se presume inventado, — esbatem-se cotejados com o réles procedimento do denunciante inconfidente; e ninguem—ninguem!—de boa fé collocará o seu livro sobre a mesa de trabalho, entre os livros que honram o estudioso. Obra para dependurar extra-muros: tal é a carcassa da Traição!

O CASO DE MARINHO DA CRUZ

CARTA AO PRINCIPE REGENTE

1888

Alteza Real!

Foi uns dez minutos antes de regressar á sala da audiencia o conselho de guerra, em decisiva conferencia, que eu me aproximei pela primeira vez do alferes Marinho da Cruz, e entre estes dois homens sombrios trocaram-se estas simples palavras:

—Eu quero pedir ao sr. Marinho da Cruz que fixe o meu nome em sua memoria. Tudo quanto um homem tem o direito de pedir em sacrificios a um seu amigo, pode pedir-m'o a contar de hoje.

— Não me esquecerei do seu nome.

Abraçámo nos.

Era o terceiro dia de lucta. Eu estava no periodo temivel em que o homem sossobra ao pezo da angustia incomportavel, ou reage, a provoções da iniquidade, contra as demasias do infortunio. E eu fizera quinhão das minhas dôres a dôr d'aquelle desventurado. Avoçára a recordação das suas tristezas, das suas luctas na vida, dos rancores da ferocissima canalha que ha dezenove seculos suppliciou o Christo, dos protestos indignados das gentes serias, contra o desnorteamento do criminoso; espremera nas chagas da minha alma a esponja que se embebera na peçonha d'aquelle martyrio — e sentira-me bem assim!

Ah! quando eu abri os braços, e entre elles, aqui sobre o meu coração, pude sentir pulsar o d'aquelle desherdado do Destino, comprehendi as suaves compensações que a dôr do homem encontra na mesma dôr. Eramos dois, os condemnados: elle ao horror da sua miseria, eu ao horror de reclamal-a com as arestas da sua selvageria e com as trevas da sua noite! Eu bebe-

ra do seu calix, a largos haustos de sofreguidão que já não prevê saciedade ; elle não mitigara, desde creança, a sua sêde de justiça com a indulgencia dos homens pela sua desgraça, tão legitimamente aggressiva !

No desfilar de atrocidades — espectral procissão de tres dias de horror, — elle conquistara alento para a resistencia ; eu buscara vigor novo para combates novos, onde já agora farei paragem derradeira na defeza d'este infortunado, lá onde já não receba sancção dos homens o grito de alarme pela justiça, pela sinceridade e pela honra !

Uma cabeça embranquecida antes da hora não se avilta, quando descoberta, se os labios pedem esmola de attenção para os horrores que teem origem nos desfallecimentos da justiça. Eu levanto a voz, diante d'um principe, contra as iniquidades de um vulgo. Se é mister que perante Vossa Alteza Real eu dispenda o resto de lagrimas do meu patrimonio, tão opulento e tão empobrecido, apraz-me deixal-as cair, pois que não sabe chorar este meu desgraçado amigo, senão quando lhe dá rebate na desolação da sua alma

agreste uma pobre manifestação de carinho e de conforto!

*

* *

Ah, que generoza alma! Como Vossa Alteza Real seria feliz de uma felicidade que é patrimonio dos tristes, se podesse aquilatar com a negrura d'aquelle destino a grandeza d'aquelle coração! Fez-se noite de horror n'aquelle cerebro desde a primeira hora da vida; exauctorou-o para os dias de ventura, para as alegrias da mocidade, a tristeza do seu nascimento. Doente de uma enfermidade horrivel a pobre mãe; doente o pae, enfermos todos os seus! A' volta, as lamentações da pobre gente, — tão desprezadas pela promoção da *justiça!* Lamentações que previam o tristissimo destino da creancinha a debater-se em convulsões da enfermidade herdada, como prenuncio das convulsões que a esperavam no convivio dos seus irmãos no desterro!

Ah! a generoza alma! Se eu indiscretamente

busco chamar á superficie do seu mar de angustias o fel dos resentimentos, tenho de assistir com enternecimento á inutilidade do meu esforço! Nem uma palavra severa para o abandono! Nem um vislumbre de colera, arrancado pelo isolamento imposto! Nem um estremeção de rancor em frente do impiedoso desprezo de quem lhe deu com a vida o germen da sua miseria! Ahi está o mysanthropo aggressivo, que só conquistára odios, antipathias, chascos, insultos, murmurações e affrontas! Ali o teem, aqui o vejo, aqui o estreito nos braços, com as suas palavras de paz, de indulgencia e de perdão, com a sua triste e resignada doçura! Nem para os algozes inconscientes o anathema, nem para os perseguidores implacaveis um demorado pensamento de odio! Nos intervallos de claridade, commiseração pela cegueira, indifferença pelos rancores, uma dolorosa analyse das miserias humanas, congenitas da estupidez e da maldade: eis o que eu vingo chamar á superficie d'aquella alma sombria!

E eu terei de demonstrar em breve o como se encontram nas conclusões a Sciencia firmada

na observação especial, fria, methodica, deductiva, com a observação commovida de profano, que só na profunda revolta do seu moral encontrou animação para esta obra impopular de annotação ás atrocidades do processo e de tributo de justiça ao *criminoso*.

*

* *

Está Vossa Alteza Real no periodo e na esphera das felicidades humanas. Tem a mocidade, com as suas esperanças, tem a culminancia entre os dominadores, tem o futuro, tem n'este momento o ante-goso de todas as glorias e do maximo poder. E' intelligente, instruido e bondoso; dizem m'o os que ainda se interessam pelo dia de ámanhã, mais negro que o dia de hoje. Quero desenhar aos olhos de Vossa Alteza Real o quadro das miserias que se agitam á volta d'este infeliz. Appello para a intelligencia do Principe. Depois fallará o seu coração.

Estamos em pleno tribunal. E' o primeiro julgamento. Ha no conselho de guerra officiaes

instruidos, que estudaram o processo, No logar da accusação um official que tem creditos firmados de sua competencia. No logar de defeza um causidico excepcional pelo conjuncto da sua eloquencia commovida, da sua hombridade, da sua sinceridade e da sua penetração. Vossa Alteza Real conhece o crime :

«Marinho do Cruz assassinou a tiros de rewolver em 22 d'abril de 1886, das 9 para as 10 horas da manhã, no largo do Mitello, em Lisboa, o cabo de caçadores 2, Antonio Pereira, seu camada, seu subordinado e seu collega na escola do exercito. O exame do cadaver constata a existencia de tres balas na mássa encephalica, e testemuuhas presenciaes do crime affirmam que a victima cahiu ao primeiro tiro, conservando inalteravel a posição em que fôra encontrada pelas auctoridades.

Em seguida ao crime o arguido segue tranquillamente na direcção do Campo de Sant'Anna, onde, sentindo-se perseguido, toma a fuga ; prezo, porém, não offerece resistencia e entrega a arma, manifestando modos aterrados, e chorando.

Interrogado em juizo na manhã do dia immediato, depois de uma noite de completa insomnia, confessa o crime, que diz ter praticado sob a influencia d'uma inexplicavel perversão das faculdades, e relata que a victima pouco antes lhe dirigira uma grosseira injuria, em épocas differentes, acintosamente repetida; nos interrogatorios dos dias immediatos declara não se recordar do crime, do qual diz ter um conhecimento apenas indirecto, graças ás revelações de seu pae e dos companheiros de prizão; todavia, recorda-se do insulto que a victima lhe dirigira, e que repete deante do juiz.

O estado d'espirito do arguido na manhã do crime e nos dois dias que o precederam é conhecido pelo depoimento de uma testemunha que o acompanhou.

Na noite do dia 20 Marinho da Cruz é encontrado nas ruas da cidade em estado de sobreexcitação nervosa, com os olhos injectados de sangue, queixando-se de perseguições movidas por condiscipulos e camaradas da escola, dizendo palavras sem nexo, misturando o nome da victima ao de pessoas de familia e terminan-

do por affirmar, já em casa e mostrando um rewolver, que mataria o primeiro alumno da Escola que o injuriasse, suicidando-se depois ; no dia 21 observa-se o mesmo estado de excitação e as mesmas idéas de assassinio, sem referencia a pessoa determinada ; emfim, na manhã de 22, dia do crime, Marinho da Cruz, á testemunha, que o procura para convidal-o a sair, dirige palavras grosseiras e obscenas; em seguida chora, pede perdão, mostra-se afflicto e, abandonando o leito, declara ter passado mal a noite e sentir necessidade de procurar o campo, como distracção ao seu estado. E' depois d'isto que se encontra, poucos minutos antes do crime, com o cabo Pereira n'uma loja de que era frequentador.

Como quer que seja, a aggressão realisou-se a distancia da loja de bebidas, tendo seguido d'ahi até ao largo do Mitello, aggressor e aggredido, caminhos differentes.»

*

* *

E' a volta d'estes factos que se agita e revolve a discussão. Sabe Vossa Alteza Real que a intervenção dos especialistas no processo, como auxiliares da magistratura judicial, é tão importante que é indispensavel e que é urgente. Nem se concebe, sem desaire para o adiantamento de um povo, no periodo contemporaneo, que taes auxiliares sejam dispensados. Acceital-os, reconhecer-lhes a competencia, depois discutil-os, desdenhar-lhes os pareceres, suspeitar-lhes a lealdade, supprimil-os nas conclusões dos debates, architectar uma sentença no vacuo da suppressão : tudo isto, Principe, só em Portugal se admitte com serenidade e se premeia com louvor. Vossa Alteza Real tem de reger os destinos de um extranho povo !

Vae generosamente conceder Vossa Alteza Real aos seguintes tópicos da tragedia alguns minutos desperdiçados de suas preoccupações. A' similhança de qualquer dos profanos, de au-

ctoridade igual na materia que se discute, eu poderia citar com aproveitamento o meu Legrand du Saulle e o meu Gowers e os meus criminalistas. Citarei de preferencia os meus compatriotas. Cabe-lhes attenção pela competencia moral, a uns, a outros pela auctoridade scientifica.

Não ignora Vossa Alteza Real que se procedeu a um exame, requerido pela defeza, nas qualidades mentaes do alferes Marinho da Cruz. Do que a observação dos *simples* produzira em indicações sobre o desventurado vão os seguintes documentos sinceros, singelos, luminosos, d'uma pureza e d'uma limpidez que dispensa as vertiginosas demasias de elevação.

*

* *

Catharina Raposo, proprietaria, 65 annos :

Que, por ver e presencear, sabe que o réo por differentes vezes padecia de ataques de nervos, inchando-lhe muito as veias do pescoço, rasgando o fato e dando outras demonstrações

de perturbação mental, occasionadas principalmente quando o réo era contrariado.

Que depois da morte do irmão do réo, de quem este era muito amigo, as suas faculdades mentaes ainda mais se perturbaram, praticando actos de quem parecia doido, sendo d'estes o mais saliente emprehender que o dito seu irmão tinha sido enterrado vivo, declarando ella á mãe do arguido: «Desculpe, mas o menino vem a perder a cabeça!»

Que fóra dos ataques o réo era de bons sentimentos, bem comportado e amigo da familia.

Quiteria de Jesus. —Disse que, por frequentar a casa do pae do réo, sabe que este padece de ataques nervosos violentos, que o tornavam rôxo e o faziam rasgar a face e o fato, assistindo ella testemunha a seis ou sete d'estes ataques e constando-lhe muitos outros que lhe deram depois d'isso.

Que este estado se aggravou sensivelmente depois da morte do irmão, tornando-se o réo sombrio e melancolico, a ponto de não querer

apparecer a ninguem, e tendo a preoccupação de que o irmão tinha sido enterrado vivo.

Que sabe, por vêr e presenciar, de differentes factos que revèlam bem o estado de desarranjo mental do réo, e entre outros de que agora se não recorda, lembrou que elle tinha por costume quebrar louça, rasgar o fato, outras vezes dar esmolas exaggeradas, outras esconder-se de todos e até da propria familia, sendo emfim o seu viver habitual, um composto de contradicções.

Marianna José Madeira. — Disse que conhece de perto o réo e viu e presenceou repetidos ataques de nervos, violentos, em que o réo se fazia rôxo, rasgando o rosto e rompendo o fato, que ella testemunha algumas vezes concertou.

Que estes padecimentos do réo mais se aggravaram depois da morte do irmão, tornando-o esse facto apprehensivo e sombrio, chegando até ás vezes a fallar em ir ao cemiterio desenterrar o morto, para verificar se estava vivo, pois que dizia estar convencido que o dito seu irmão fôra enterrado vivo.

Que se recorda de differentes factos que attestam o estado de doença moral do réo, taes como, espasmos nervosos, afflicções que o fazem chorar, desejos d'isolamento, destruição de objectos, e outros de que agora não se recorda.

José Fernandes Vaz, casado, alferes d'infanteria 22, disse :

Que foi companheiro de casa, do réo, durante dois annos, e que durante esse tempo observou por differentes vezes ser o réo dotado d'um genio violentissimo, tendo ataques colericos que o punham negro, e que chegava quasi a parecer doido, e fóra d'este estado era bem comportado.

José Antonio Duro, disse :

Que pelo conhecimento que tem do réo e por ser publico e notorio sabe que elle desde creança costuma ter violentos ataques nervosos e que durante esse estado desapparece completamente o uso da razão.

Que conheceu o irmão do réo e que depois da sua morte os padecimentos moraes do mesmo réo se aggravaram.

Bastará, talvez. Passo ao relatorio medico-legal, ao exame directo:

*

* *

1. *Estado physico.*

Marinho da Cruz tem actualmente 25 annos e é de estatura regular. A physionomia nada offerece de salientemente notavel.

Na parte superior e media da cabeça existe uma depressão anormal, e as orelhas são um um pouco grandes, relativamente aos diametros da extremidade cephalica. Não ha outras anomalias apreciaveis.

A força muscular do lado esquerdo do corpo acha-se augmentada relativamente á do direito. Na escala de pressão dynamometro de Mathieu a mão esquerda deu 25, ao passo que a direita deu apenas 29, cifra pequena em absoluto e muito pequena em relação á que exprime a força esquerda.

Fazendo-lhe abrir a bocca, notamos uma tre-

mulação convulsiva nos musculos dos labios e da face, e egual tremulação observamos na uvula.

Do lado dos orgãos dos sentidos nada observamos digno de menção, a não ser um certo grau de myopia.

2. *Estado mental.*

A distancia de mais de um anno as respostas do arguido ácerca do crime e circumstancias que o precederam, acompanharam e seguiram, são as mesmas que deu quando submettido aos primeiros interrogatorios judiciaes. Das scenas importantes, que se passaram entre elle e a testemunha que o acompanhou na manhã do crime e nos dias anteriores, não se recorda; tambem não sabe dizer se na manhã do crime ingeriu vinho ou qualquer outra bebida excitante. Do que se passou depois do assassinio mantém apenas recordações fragmentorias e mal definidas de factos accidentaes: lembra-se de ter visto o pae n'um quartel, e tem idéa do official que o acompanhou á prisão.

Nada mais é possivel obter do arguido, sobre este assumpto.

Com quanto se diga pezaroso do crime commettido, não revela signaes de um verdadeiro arrependimento ; o acto incriminado é, diz elle, «um problema para o qual, decorrido tanto tempo, ainda não achou solução».

Ri-se, fallando de assumptos graves. A verdadeira situação em que se encontra, se a *comprehende*, não a *sente*.

Se lhe fallamos do irmão mais novo, fallecido em 82, entra invariavelmente n'uma crise emotiva, difficil de descrever : a angustia é extrema, chora e lança as mãos ao pescoço e á região precordial, como se ahi sentisse uma dôr violenta.

Interrogado sobre o uso do rewolver com que perpetrou o assassinio, diz que não trazia esta arma com intuitos offensivos, mas como militar a quem o porte d'ella não é interdicto. Explica que na occasião de fazer o uniforme novo, deu a um negociante da rua do Ouro a espada, recebendo em troca um espadim e o rewolver. Diz que este tinha um defeito consistindo na

falta de parallelismo entre o *tambor* e a *carcassa*, defeito de que resultava a impossibilidade de dar todos os tiros, ao menos com a força ordinaria.

Perguntado sobre a tentativa, que se lhe attribue, de evasão do castello de S. Jorge, gracejou longamente, explicando que isso não passava de uma mystificação da sua parte, levada a effeito «para se entreter». Conta, rindo, que os instrumentos apprehendidos e tomados como provas da tentativa alludida eram uma faca dentada, que elle proprio affeiçoára, e um prego torto.

A'cerca de um martello, com que se diz que andava munido para offender alguem, affirma que realmente o tinha comsigo, mas não sabe como, nem porque, nem se recorda de ter sido com elle encontrado.

A obsessão que em tempo o perseguiu tenazmente, e que tinha por objecto a duvida sobre a morte do irmão, não o abandonou ainda; «será uma puerilidade, diz, o que é certo, porém, é que ainda hoje penso n'isso, não sei bem porque».

Apoz a apreciação medico-legal temos as *conclusões:*

M. C. é *degenerado hereditario*, da cathegoria dos *epilepticos larvados*, em quem ataques incompletos e crises impulsivas substituem os accessos francamente convulsivos ou eclampticos, de que são os equivalentes mentaes.

2.ª O crime de que é arguido foi praticado sob a influencia de uma d'essas crises e representa o effeito de um impulso morbido, irresistivel e inconsciente, que o constituiu *absolutamente irresponsavel*;

3.ª Sendo um doente extremamente perigoso á ordem social e que, ao mesmo tempo, carece de um tratamento medico continuo e activo, deve ser entregue á auctoridade competente, para que esta promova sem perda de tempo a sua admissão de officio n'um hospital de alienados.—Antonio Maria Senna.—Julio de Mattos.—Reconheço os signaes supra.—Porto, 25 de junho de 1887. Logar do signal publico. Em testemunho de verdade.—O tabellião interino, Joaquim S. Ferreira de Soares.—Logar do sêllo de verba.—Lisboa, 28 de junho de 1887.—Santos, Reis.

*

* *

Pois que Vossa Alteza Real baixou os olhos ás conclusões do exame, colloco immediatamente debaixo d'esse olhar attento e intelligente o Codigo Penal Militar ; abro-o no art. 47.º e leio com Vossa Alteza Real :

«Os loucos que, praticando o facto, forem isemptos de responsabilidade criminal, serão entregues a suas familias para os guardarem, ou recolhidos em hospital d'alienados, se a mania fôr criminosa, ou se o seu estado o exigir para maior segurança.»

E' sabido como em primeiro julgamento o conselho de guerra, aproximando das conclusões dos peritos o artigo que eu venho indicando, frisou a *irresponsabilidade do criminoso* perante os tribunaes militares, tal como ella se affirmava perante o tribunal da Sciencia.

E Vossa Alteza Real não ignora como essa decisão foi recebida. As vaias succedendo-se aos protestos, rhetorica indignada dos phariseus estrondeando á volta do tribunal, o cynismo

confesso de mil galeotes embryonarios, lançando á conta do cynismo a apathia do *criminoso*, as injurias cuspidas sobre o defensor, a lealdade e a probidade dos alienistas insultadas e diffamadas pela escoria da declamação, e os exemplos de uns soldados assassinos condemnados sem prévio exame de alienistas, oppostos ao caso de hoje, — como se as nullidades atrozes dos processos de hontem pudessem justificar a sua atrocissima reproducção no caso de Marinho da Cruz! Foi isto o que Vossa Alteza Real poude ver e não esqueceu ainda.

Ninguem o esqueceu, menos ainda o conselho de guerra que ha quatro dias se pronunciou. Escabroso e deploravel é este ponto do meu protesto; mas se eu hesitasse, um unico momento sequer, em indical-o, agital-o, e marcal-o com o meu fel n'esta hora de dór e de maldição, eu faltaria ao meu passado e á verdade que de mim espera na sua noite de angustia e de morte este desgraçado amigo com quem me abraço!

Tenebroza hora inolvidavel na vida d'esses homens, que eu sei pundonorosos, superiores a todas as suspeitas, resp itadores de sua honra,

mantenedores da dignidade do seu codigo! Tudo sei e tudo confesso, e não me sae menormente lamentavel a sua responsabilidade tragica na sentença proferida n'aquella noite! Coára-se a dentro do tribunal um sopro de maldição sobre o infeliz e não vingara purificar o ambiente a palavra ardente e vingadora do magnanimo e eloquentisimo defensor. Contra a medicina legal, contra os alienistas, contra os depoimentos luminosos, e contra a luz que resistia aos sopros de morte da accusação, condemnaram implacavelmente, de olhos fechados, *em nome do exemplo a transmittir*, que o Codigo militar não póde subordinar-se a influencias de alienistas, nem a lei —velha como a Sé! — ás suas determinações!

Se a Vossa Alteza Real fosse dado ouvir os bramidos de jubilo que á porta do tribunal acolheram o *criminoso*: se Vossa Alteza Real podesse hoje ainda ter nos olhos a visão d'aquellas bestas-feras e nos ouvidos o écho d'aquellas notas... Mas fique assim, para espaço á phantasia commovida de Vossa Alteza Real, que não chegará nunca a attingir a completa verdade d'aquelle asqueroso horror!

* * *

Quero intercalar n'estas paginas umas cartas do meu pobre amigo a seu pobre pae. Ha de Vossa Alteza Real deter sobre ellas a sua commoção. Não se me prende a faceis enternecimentos a penultima hora da minha flagellada vida. E não posso terminar de olhos enxutos e de coração livre a leitura d'estes *documentos*.

As cartas são anteriores ao *crime*.

1.ª

«*Meu Pae.*

«O Paes alfayate faz a calça por 5$000 réis..., ainda hoje o sr. capitão Costa acaba de chamar-me e de me dizer que eu não devia deixar chegar o uniforme a este estado.

Isto custa muito a ouvir, principalmente quando se está em nossa consciencia completamente innocente a respeito de quaesquer factos mal considerados pela opinião publica.

E' um grande erro o prejuizo antecipado da

opinião contra qualquer individuo, e principalmente quando ella póde affectar os sentimentos, o pensamento e as qualidades moraes d'esse individuo, que é infelizmente o que me succede. Isto porém, fica por minha conta; hei de de ter a paciencia bastante para supportar o resultado das minhas leviandades, ou, mais exactamente, da minha natural susceptibilidade nervosa, que é a origem de todas as minhas faltas de reflexão.

O isolamento, só por si, diz um criminalista distincto, o sr. conselheiro Silva Ferrão, é uma das penas criminaes de maior effeito (Theoria de Dir. Pen.).

Ora, eu tenho a consciencia de não ter commettido nem uma simples contravenção, custa-me vêr que a hypocrisia e a calumnia, alliados de mais a mais com o abuso da boa fé, d'um individuo, são condições bastantes para acarretar sobre elle a indifferença, a má vontade e talvez o despreso de todos. Assim, fica uma pessoa condemnada a uma especie de prisão maior, com isolamento, porque a sociedade não existe para elle.

O mundo para esse individuo torna-se um

carcere, onde elle não tem mais liberdade que o condemnado a prisão maior n'uma cellula da penitenciaria; ahi põem ao condemnado um capuz, para que elle não seja conhecido nem interrogado por nenhum dos seus companheiros d'expiação nas horas de trabalho (Anbuni). Aqui o capuz é a indifferença, a má vontade de todos.

Rogo ao papá que me desculpe estas palavras envergonhadas. Mas o que hei de eu fazer senão lastimar-me? Eu não peço auxilio a ninguem, porque sei que a minha bondade irreflectida é a causa dos meus dissabores, e que ninguem tem culpa d'isso. Mas não é proprio de quem soffre soltar um ai, uma queixa? Sequer ao menos allivia um pouco.

Seja, porém o que Deus quizer: tal tem sido o remate de todos os pensamentos que eu tenho a respeito da minha vida. O que eu queria era ter a certeza completa de possuir, e era quando qualquer séria occasião chegasse para a minha triste vida, era a certeza, disse, de ter então a absolvição de todos os meus erros passados; possuir o perdão que meu pae e minha

mãe, intimamente, profundamente convictos da minha innocencia presente, ou antes de que a origem das minhas passadas faltas, foi, não a maldade, mas sim a inexperiencia e a irreflexão, me dessem, abençoando-me.

Terei eu a ventura suprema de conseguir por ultimo favor do mundo este desejo?

Eu não sei porque, quando os precedentes de um individuo o não recommendam, como a mim me acontece, que tenho tanto por onde meu pae me censure, só os factos podem, e, mesmo assim difficilmente, dar-lhe algum credito. Mas que factos? É tão difficil recuperar a reputação quando ella se perde! E quantos annos d'impaciencia, quanto tempo d'aborrecimento?! Eu ás vezes pergunto qual seria o meu crime para tanta infelicidade, e nada me responde: sempre a solidão. Em summa, eu não sei o que digo... tal é o estado de... não sei que diga em que estou. Meu pae, desculpe-me. Seja o que Deus quizer. Emquanto ao alfaiate, e...

Quem sabe se este fatinho novo será o ultimo que eu vista? Adeus, meu querido pae; dê por mim um saudoso abraço a minha mãe, e sauda-

des á Maria, e acceite um apertado abraço do seu infeliz filho

Antonio.»

2.ª

«*Meu Pae.*

«Não tenho escripto ha tanto tempo, porque desde janeiro e principalmente desde fins de fevereiro que tenho andado, posso dizer, que doente, e doente moralmente que é o peior. E' isto o que deve desculpar a minha falta em não ter escripto ; ando com um par de ceroulas ha um mez ; meias tenho-as comprado quando preciso e outras coisas assim, porque tenho mesmo até receio não appareça um dia, ámanhã ou depois, com o juizo perdido. A minha roupa está toda suja, e eu, por assim dizer, sem acção para arranjal-a e mandal-a como costumo, nem mesmo para tratar de quaesquer coisas da minha vida, seja o que o fôr que tenha que fazer.

Se saio de casa, para me distrahir e vou passeiar, estou mal ; hontem chorei por mais de duas horas, sentado n'um banco da Avenida. Se volto para casa e durmo, tenho pezadellos,

sonhos que me incommodam. O que me distrahe mais é estudar quando tenho exames de frequencia, e por isso estou sempre desejando que haja algum ; chega-me a faltar a paciencia para ler um jornal. Infelizmente não posso nem devo commetter a ninguem a empreitada de remediar as minhas afflicções. E' a mim que compete dar-lhes o remedio que puder, sem incommodar pessoa alguma, que não tenha culpa d'ellas. Por isso se não fosse a necessidade absoluta de explicar ao papá a minha falta em não escrever quando devia, eu não tinha fallado ao papá no meu soffrimento. Isto incommoda-me tambem e eu podia esquivar-me a esta nova apoquentação, dando ao papá uma desculpa que poderia ser muito boa, mas que, fosse qual fosse, não seria senão uma mentira ; e eu, principalmente nas condicções em que estou, não tenho interesse nem precisão alguma de faltar á verdade — quem soffre assim não tem mesmo cabeça para isso.

Logo que tiver paciencia para mandar alguma roupa, mandal-a-hei.

Continúo arranchado na mesma escola e na

mesma casa, preso por assim dizer, porque este mundo para mim não é senão uma prisão enorme.

Adeus, meu pae. Abraços do seu filho muito obediente e amigo

Antonio.»

3.ª

«*Meu pae.*

Desejo que venham aqui, porque me não é possivel de maneira nenhuma tornar a Portalegre, senão para cumprir perante a minha triste consciencia o dever dolororissimo de mandar exhumar o cadaver do meu querido e sempre chorado irmão, e verificar se elle se encontra ou não na mesma posição por que foi introduzido na sua ultima morada.

Feito isto, nada mais terei senão esquecer os dias da minha vida que ahi passei, e longe d'ahi passar bem ou mal o resto dos dias que me fizerem viver.

Adeus, meu pae. Dê por mim um abraço a minha mãe e saudades á Maria e á comadre Catharina, e receba um abraço do seu

Antonio.»

Peço agora um olhar de Vossa Alteza Real para aquella tragedia de tres dias do segundo julgamento. E' outro o promotor, são outros os juizes, o defensor é ainda o grande espirito que desde ha dois annos tem feito claridade no abysmo d'aquelle desventurado. Um auditorio palpitante de colera ou de angustias, e n'aquelle recinto temivel a serenidade em um unico espirito, a firmeza n'um unico coração.

No espirito e no coração do *criminoso* !

Logo direi o que ellas representavam em taes horas, — a firmesa e a serenidade, — que o furor dos alvares denominou cynismo...

*

* *

Sabe Vossa Alteza Real, como a Accusação lidou, no desempenho do seu dever, pela desgraça do *criminoso* : com sagacidade, com talento e com um encarniçamento profissional. Essa justiça mereceu-m'a no final da tragedia o illustre e brioso militar. Fez muito, fez tudo contra a luz. A luz ficou ; mas era inutil soprar

sobre ella, ou encobril a á cegueira ou á myopia irremediavel, ou á abstenção que cerrava ou desviava os olhos aborrecidos. Sabe Vossa Alteza Real que a intervenção da Sciencia no processo foi condemnada — por *chimerica*, que se obstina em descobrir casos pathologicos, — por *vaidosa*, que se presta a servir as argucias de quem a solicitou, — e, finalmente, por *irreligiosa*... Por *irreligiosa!* Não houve protestos saiba-o Vossa Alteza Real, nem houve sorrisos Os homens que tal ouvem e tal deploram já de ha muito perderam a linha dos sorrisos...

E a *accusada* tudo previra; a Sciencia tudo fixára. Previra os desdens, os rebaixamentos, a suppressão das suas fixações.

Previra a accusação de *chimerica*, quando dizia:

«Se n'um ou n'outro caso se põe a hypothese «da loucura, cahe a opinião dirigente, em massa, «sobre o *utopista*, e fala-se dos alienistas como «d'uns visionarios que defendem uma chimera. «Procedem assim os melhores espiritos da nos-«sa sociedade. E, todavia, para quem vê claro «n'estes problemas, a critica da *élite* intellectual «do paiz é *erronea, superficial e injustissima*. E

«as victimas da deficiencia apontada exportam-«se para as colonias, ou martyrisam-se nas ca-«deias, aperfeiçoando-se muitas vezes a loucura «degenerativa dos suppostos criminosos. A es-«tatistica das penitenciarias o dirá um dia.» (*Dr. «Senna. Rel. do serviço do H. do Conde de Fer-«reira, 1888.)*

Fixara as resistencias da opinião, quando es-crevera :

«A razão intima de tudo isto está na profun-«da ignorancia que existe ainda *na gente mais «culta*, no que diz respeito á psychiatria. A nos-«sa educação classica tem a culpa... Não ha «homem de boa sociedade que não saiba quem «foi Romulo e quem foi Ulysses, ou quem se «não envergonhe de não saber... mas por que «motivo nos movemos e respiramos, mas os es-«senciaes elementos da vida poucos sabem «e ninguem se envergonha de não saber.» (*Lom-broso.*)

Advinhava e fixava as resistencias offerecidas pelas intelligencias subalternas, e apresentadas pela Accusação, ao tratar-se da co-existencia da razão lucida de Marinho da Cruz e dos seus

talentos, com a pratica de actos irresponsaveis :

«O acto incriminado póde ter sido commettido «após *combinações longamente meditadas, deno-* «*tando um plano traçado com intelligencia,* exe- «cutado nas suas diversas phases com tenacida- «de.

«Mas este acto está em contradição com o «caracter ordinario de quem o commetteu, que «aliás não procura tirar vantagem do seu atten- «tado. *O accusado não intenta occultar o seu* «*crime, não procura cumplices...*»

...«Em alguns casos o epileptico *mediu* «*d'alguma sorte o seu crime e longamente pre-* «*parou sua execução.*»

«*As impulsões irresistiveis são executadas sem* «*dissimulação e sem precauções* para fugir-lhes ás «consequencias. *Não deixem nenhum remorso..* «se se trata d'um homicidio elle é muitas vezes «*perpetrado com uma violencia extraordinaria,* «*os golpes são multiplicados inutilmente e o ma-* «*tador encarniça-se sobre a victima.*» (*Vibert. Précis de Médécine Légale.*)

Registrara a reluctancia dos legisladores o homem de sciencia que escrevera :

«Portugal foi talvez um dos paizes da Europa «em que mais difficilmente se poderam traduzir «em formulas legaes *e em costumes constituidos* «as idéas libertadoras da consciencia humana.» (*Dr. Senna. Os alienados em Portugal.*)

E o grande Littré advinhara as ultimas enormidades e attenuara-as, quando escrevera :

«Não se modifica com uma lei o cerebro de um povo.»

O que ella, a Sciencia, não previu foi que a accuzassem de collocar a sua opinião, agradecida, ao serviço de quem primeiro a consultasse.

O que ninguem previu, ao entrar n'aquelle tribunal, foi a indignação do illustre accuzador, defendendo a moral religiosa, *esquécida* pela Sciencia, que subordina aos factos organicos os actos do ser moral.

A moral religiosa como factor determinante de responsabilidades ! Este phantasma teria apavorado a Sciencia e determinado a sua exclusão do tribunal, como auxiliar, se ella não estivesse ali desde a primeira hora como simples espectadora contristada.

Expulsa foi ella do julgamento. Nem contes-

tada, nem citada na sentença. A condemnação estava no fim d'este resvalo :

Marinho da Cruz pode ser um epileptico, um irresponsavel — excepto no acto de praticar o crime !

Marinho da Cruz pode ter a defenderem-n'o as testemunhas da sua infancia e da sua mocidade doentia e desgraçada ; pode ter a defendel-o a Sciencia duplamente veneravel — pelo caracter e pelo saber. Não se admitte discussões ; concede-se o reparo desdenhoso e, ao cabo, no formular da sentença, nem tanto se concede. Chegou a suprema gravidade.

Grave — e sinistro !

A esta hora será chegada a fadiga ao espirito de Vossa Alteza Real. E' de crêr que lhe puzesse embargos á commoção a rudeza succumbida do meu dizer. Fizeram os meus collegas de jornalismo entrever palavras de eloquencia, de mim para Vossa Alteza Real, n'esta carta que é uma *memoria* em nome do mais infeliz dos meus amigos e uma *supplica* em meu proprio nome. Atribuiram ao meu coração ulcerado o que não poderiam conceder ao meu espirito, sem me in-

quietarem por sua sinceridade. Vossa Alteza Real, para quem sou um desconhecido, pode esquecer a supplica; não desprezará a memoria que a envolve. No conforto da sua grandeza e na paz do seu lar, onde ha todos os deslumbramentos e todas as venturas, não introduzirá tristeza pertinaz este esboço da mais negra miseria que eu tenho visto em espirito e coração de homem e da mais negra crueldade de que ha memoria nos tristissimos annaes da justiça d'este paiz.

Saúdo Vossa Alteza Real, muito respeitosamente.

Silva Pinto.

Em 8 de agosto de 1888.

Agora, Marinho da Cruz, se me perguntas, virando para mim a face á entrada do teu destino, qual foi o meu intuito ao erguer a voz, da minha sombra aos esplendores do alto, eu direi ao teu coração, meu desventurado amigo, que não posso definir-te seguramente o meu intuito,

nem o pensamento vago que me impulsionou. Nós estamos na sombra temeroza onde os episodios e as *nuances* do ser irresponsavel não desatam os vinculos sagrados da nossa fraternal desventura. Ha de chover sobre ti, Marinho da Cruz, a maldição dos homens ; não te abrigarás da torrente, espirito sombrio, mas eu heide quinhoar largamente dos insultos, e das amarguras, como quem antepõe a todas as virtudes *do homem livre* a virtude da Responsabilidade.

Olhos de sympathia não me seria dado chamar para a tua noite ; quiz ao menos chamar os da curiosidade, implorando para ti o interesse do Poder. O espectaculo da supplica partindo d'este homem para aquella esphera seria fertil e productivo em extranheza : ahi tens o primeiro passo conquistado nos dominios da attenção meditada sobre o teu destino.

Sabes em que hora nos abraçámos, — foi *dez minutos antes.* Depois, o abraço tem sido continuo. Deixa-me crêr, Marinho da Cruz, que ha-de ser eterno — de toda a eternidade das tuas maguas, e que ha de ser apertado e forte—a toda a força da minha dôr !

HOMENS DO PORTO

I

BORGES D'AVELLAR.

Sólido ! Quadrado de hombros e de argumentação. Estou a vêr-me agora na redacção do tempestuoso *Diario da Tarde*,— rua das Flôres, Porto, quasi em frente da Misericordia. Tres mezas carunchosas, pintadas de preto e com *saiote* de baêta vermelha ; duas a um lado da sala. A uma d'ellas, o Borges d'Avellar, com a sua face *presunto de Lamego*, os seus oculos de ouro, os seus hombros de athleta, o seu espirito de *foyer* de primeira classe. Em frente, Urbano Loureiro, o intrepido polemista, *mergulhado* no trabalho diffiicil e vagaroso, e a espaços demoran-

do o olhar n'um ponto fixo, n'uma expressão mixta de ironia e de angustia. Pobre campeão da Troça, a esfusiar doestos e gargalhadas no resvalo da sepultura !

*

* *

Logo que eu entrava, Borges d'Avellar arrumava os seus papeis. Não que, por fórma alguma, elle fosse um vadio de redacção, em abuso da actividade dos camaradas, mas o vigoroso jornalista era professor, era auctor dramatico *effectivo* em dois theatros e era um tanto ensaiador das suas peças. N'esse turbilhão da lucta pela vida, a minha entrada na redacção constituia-lhe a grata certeza do allivio.— «Eu ia agora mesmo principiar aqui um bico d'obra ; mas, visto você ter chegado...»

— E o que vinha a ser o bico d'obra ?

— E' o amigo José Maria do *Bem Publico*...

— Não diga você mais !

Não era preciso dizer mais. O José Maria do *Bem Publico*, o José do *Bem*, foi durante tres

annos o alvo preferido pelo tiroteio do *Diario da Tarde*. Merecia-o o valente polemista José Maria de Sousa Monteiro, talvez o unico advrsario *a sério* que nós encontrámos na lucta.

Borges de Avellar abandonava a meza de trabalho, e lá ia á sua vida. Na redacção convivemos pouco. O seu meio, onde a *verve* se lhe expandia em pleno brilho, era o theatro, o *foyer*, o camarim de um artista. Então, o seu espirito muito recheiado de anecdotas centralisava a atenção. Era tolerante e até meigo para com os nescios — um modo especial de affirmar a Força.

* * *

Foi no theatro que a amargura se lhe introduziu para sempre no coração. Más paragens! diria eu, se demorando a vista na minha mocidade da ha vinte annos, não visse ahi um ponto negro, para suspeições. Mas quem se lembra de ir lá pedir quietação e remanso, como se fosse real a *mansa aldeia* pintada pelo scenographo, e como se, por detraz das paixões

fingidas que o publico applaude, não germinassem paixões que levam a gafaria dos precitos ás almas serenas dos incautos ?

Borges d'Avellar amou no theatro, vinte e tres annos antes da sua morte. Fixo perfeitamente este praso, porque, um anno antes de elle morrer, lhe ouvi estas palavras: — «Ha vinte e dois annos que isso foi, e sinto a mesma dôr de então !» E' claro : decorrem vinte e dois annos, um seculo, uma eternidade ; a *creatura* desce, rasteja, afunda-se, vae-se para o céu, vae para o diabo ; e, de repente, o homem surprehende-se a *escutar* o coração parado e a dizer : — «Ha já um seculo, uma eternidade, e sinto a mesma dôr de então !

*

* *

Foi no trabalho phrenetico de cada hora que elle vingou refugiar-se e distrair-se : salvar-se. Jornalismo, lyceu, collegios, trabalhos dramaticos, ensaios,— e, n'este labutar, a mais firme e calorosa dedicação pelos fóros e pelos brios da

classe a que mais se orgulhou de pertencer. Foi o trabalho da Imprensa o que menos ajudou na vida o indefesso trabalhador, e foi esse o que mais lhe deveu. Nunca uma desattenção de cérdos dinheirosos para com o jornalismo do Porto vingou passar do esboço á execução, sem que a voz do forte jornalista se fizesse ouvir n'um grito de alarme, abafando o intuito insolente. Nas horas da crise para a imprensa jornalistica, o seu nome foi sempre lembrado,— foi o primeiro lembrado !

Está disperso o seu trabalho, por milhares de folhas. Creio que no *Diario da Tarde* está a mais energica expressão do seu modo de ser polemista : correcto, logico, vigoroso — e vagaroso. Quando o adversario, embravecido, invadia os dominios da injuria, o colosso dizia-lhe serenamente — que não teria remedio senão desfazer-lhe a cara. E desfazia-lh'a.

*

* *

Foi meu amigo até á ultima hora. Escrevera-

me na vespera da sua morte, a enviar-me uns documentos, com muito trabalho e dedicação. Um seu collega dizia-me, alguns dias dopois :— «Era bem seu amigo o nosso pobre Avellar!» Eu sei que lhe devi camaradagem leal de quinze annos, com muitas affirmações de solidariedade nas horas do mais negro infortunio, e não se me desprende hoje o pensamento d'aquelle colosso prostrado antes da hora, tão cheio de força, de bondade, de intelligencia, e de sereno despreso pelos maus !

II

URBANO LOUREIRO

Se o martyrologio da imprensa jornalistica houvesse de apresentar ao Destino, para coroação, um benemerito por demasias de soffrimento, Urbano Loureiro poderia reclamar a distincção, e nenhum dos seus companheiros

de galé protestaria contra os fóros de primazia d'aquelle luctador desventurado.

Vi-o pela primeira vez, ha vinte e tres annos, no *Diario da Tarde*, o seu baluarte, de amargas recordações para a reacção ultramontana. A incomparavel folha de combate, por elle fundada, uns tres annos antes com Agostinho Albano e Borges d'Avellar, prende-se ainda hoje ás recordações sympathicas d'uma geração. A *causa* discutida e combatida passou de moda. Os combatentes uns resvalaram ao desalento, outros abraçaram-se com a Morte. O enthusiasmo extinguiu-se com a fumarada dos derradeiros tiros. Ficou apenas a saudade — e o contemplar das feridas...

* * *

Caracter complicado, sempre discutido e desconhecido sempre em seus lineamentos e seus meandros, em suas tortuosidades e nebulosidades; intelligencia vasta, alargando-se dia a dia,

sem profundidade; irritação prompta, como o enternecimento — este ultimo prejudicado ou salvo pela desconfiança; a ironia da fórma conquistando gradualmente o fundo, permittindo a colera, mas annullando a indignação, o que importa supprimir a generosidade; o primeiro momento condemnado pelo segundo, systematicamente, implacavelmente; grande força de odio e toda a ousadia na expressão d'elle; grande e altiva independencia cortando diariamente novos fios salvadores do seu futuro; uma especie de phrenesi no aggravamento da sorte; prezando o jornalismo como pedestal e a polemica ardente como uma missão sagrada do seu destino; a consciencia da vida breve — minada pela enfermidade; a pobreza aggressiva, cercada de hostilidades e provocando-as; a embriaguez da lucta desarmando a orientação, pelo imprevisto, como o genio militar vencendo a estrategia scientifica; temido e com a certeza de o ser; gosando o prazer de sentir-se odiado, na certeza lamentavel de não conquistar o amor: tal foi o homem.

*

* *

Odiado e temido, mas admirado; e n'essa admiração pelo jornalista um não sei que de inconsciente estima pelo homem. Mereceu-a? Quem isto escreve teve de medir-se em recontro violento com esse antigo camarada, e tão fundo cavou o resentimento nos corações de ambos que o mesmo seria reconciliarem-se e marcarem o dia de nova lucta. Merecera Urbano Loureiro aquella estima do publico? Não hesito em responder: Mereceu-a mil vezes a alma intrepida que atacou os fundamentos do mal, pela destruição dos falsos prestigios e que só um dia torceu caminho, — á entrada na Politica, — quando o amor fraternal lh'o supplicou.

*

* *

No desfilar de vultos sombrios, evocados pela minha memoria, quando me surprehende o nojo na contemplação de vultos resplandecentes, ap-

parece-me nitidamente aquella figura torturada de combatente, amargurado mas invencivel. Rachitico, abahulado, esforçando-se por occultar, empertigando-se, a deformidade physica; o olhar penetrante, com o mixto de desdem, atravessando a luneta de fumo; o sorriso não ironico, mas *trocista*, interrompido a espaços por uma expressão amarga, quando a lesão cardiaca lhe dava o rebate de morte; palestra animada, sem factos, sem anecdotas, mas com muita critica jovial e de dois gumes; risadas sonoras, terminando por vezes n'uma subita expressão de enfado e de amargura...

Amava a noite; escolhia-a de preferencia para o trabalho e para o cavaco de botequim — a Aguia d'Ouro. Não era facil vêl-o durante o dia, a não ser á mesa da redacção, onde se dirigia de casa, pelas vielas e pelas ruas menos frequentadas. Cousa notavel e extranha: evitava o isolamento e parecia comprazer-se no convivio de alguns amigos, poucos e certos, de sua antiga intimidade.

Na polemica, respondia ou replicava *passados dias* sobre o dizer do adversario. D'ahi grandes

condições de segurança na dialectica e no elemento da ironia. Um seu artigo de combate era poderosamente blindado ; — alguma coisa sei, por experiencia minha.

*

* *

Quando chegou ao Porto a noticia da sua morte n'uma aldeia proxima, eram já conhecidos pormenores da sua lenta agonia. Depois, vieram outros e bem crueis. Na vespera do dia terrivel escrevera ainda uns versos para a sua *Lucta*, uma satyra aos patriotas que então celebravam o centenario de Camões e que, aos olhos do jornalista, o deixariam morrer de maior miseria se elle regressasse ao mundo.

Ao vir-lhe a morte, tinha sob as mãos emmagrecidas e em frente dos olhos as cabeças de seus filhos e o ultimo numero do seu jornal : os filhos do seu amor e o do seu espirito. No olhar vago transiuzia-lhe a inquietação pela sorte de *todos*. Eu não sei se de envolta iria o arrepen-

dimento pela pugna terrivel em que se lançara, peito a peito, com os prejuizos, com os abusos com as injustiças da sorte e da fortuna, e que o prostrava antes da hora, entre os soluços das creanças, e sobre as armas de combate — pezadas em demasia para os continuadores !

III

AGOSTINHO ALBANO

Entre o Porto e a Foz, a meio caminho marginal do Douro, desce-se uma rampa que conduz bruscamente ao rio. Ao sopé escalavrado da rampa, um homem anegriscado e cabelludo aguarda-nos com um pequeno barco. Não ha perguntas ociosas. O homem aprôa o barco á outra margem, no desmoronado caes de S. Payo. Eu escolho de ordinario para essa digressão a hora do pôr do Sol, e os vidros coloridos do castello mourisco de S. Payo reflectem

os ultimos raios que nos envia o astro, como penhor e promessa de visita nova.

*

* *

Vagarosamente, subo a ladeira pedragosa que por entre montões de silvados conduz do rio á entrada da aldeia. Um portico antigo, de alto valor archeologico — affirmam especialistas graves — assignala essa entrada da azinhaga. Vou seguindo. A breve espaço entram de surgir as moçoilas, de regresso do trabalho. — Santas tardes, meu senhor ! — Guarde-as Deus, cachopas ! Viram para ahi o sr. Agostinho ? — O' Maria ! O' Roza ! este senhor précura o sr. Agostinho !

Desatam-se n'um trinado todas. Não as entendo, mas eu não peço ao Deus creador das andorinhas que me traduza os cantos d'estas suas creaturas. Sinto penetrar-me o ser moral, agreste e fuliginoso, a alegria saudavel e ruidosa d'aquellas filhas do campo e do mar. O trinado augmenta... Ha allusões maliciosas. Suspeito que o jornalista pôz a nota do seu espirito no con-

certo das innocentes. Das simples malicias antevejo o derivar ás revelações. Subitamente debanda a raparigada. — Lá vem elle ! Lá vem o sr. morgado ! Acolá vem o sr. Agostinho !

Fogem todas, rindo. O' Maria Izabel ! minha dôce cachopa melancolica ! Quem fugira comtigo para um gabinete reservado do Paraizo !

*

* *

— Você anda-me a contas com as croias, seu janota ! ? vem elle gritando, e já de longe abrindo os braços.

Abraçamo-nos com vigor.

Vem caindo a noite. Seguimos pelo atalho, que se desfaz a breve distancia, alastrando-se pelas terras de semeadura. Os homens do trabalho passam á nossa beira, descobrindo-se. Para além do pinhal da encosta, o mar alonga-se, a perder de vista, em ondulações d'uma desordem meditada. O castello mourisco embarga-nos com as suas altas paredes enegrecidas a contemplação da cidade. Vamos conversando baixo,

casos, repizar de velhas aventuras, commentarios alegres — que o meu sceptico amigo não abre *o seio* a confidencias doloridas. Espirito impetuoso, subordinando ao Bello o Moral, Agostinho Albano tem sobre os dois *factos* esta sentença profunda, que é ao mesmo tempo uma variante ironica ao dizer do bispo Myriel : — O Bello é tão moral como o Moral, ou talvez mais moral ainda !

*

* *

O logar vago que este jornalista parisiense deixou na imprensa do Porto não foi provido, nem me parece que venha a sel-o. O que eu admirei sempre, sem comprehendel-o, era a alliança da sua força de ironia com a força da sua *indifferença*. Nunca foi um polemista, por horror ás *personalidades*. Não admittia que dois homens dissessem um ao outro n'um jornal — para ser lido n'um salão — aquillo que n'um simples botequim lhes não seria tolerado. No *Diario da Tarde*, energica folha de combate, onde se affir-

maram ha perto de vinte annos diversos combatentes do jornalismo, Agostinho Albano descobriu o segredo de não se bater nunca. A sua original penna insubstituivel não se convertia em sabre, nem em bandarilha de fogo: desenhava arabescos no carão espavorido do adversario, e em caso de resistencia esfregava-lhe no nariz as bôrras do tinteiro. Jovial e *bom rapaz*, collocava uma barreira de altivez serena entre si e a familiaridade dos nescios, quando estes formavam pulo para a igualdade. Só uma vez o vi em plena colera: quando se sentiu aggravado em seus brios de homem e de jornalista, pela paixão violenta de antigos companheiros convertidos em inimigos. Desaggravou-se nobremente e saiu do jornalismo diario. Saiu para sempre.

*

* *

E' ali em S. Payo que eu o vejo ainda, quando vou ao Porto. Por entre uma especie de treva, que lhe vem da ociosidade do espirito, fulgura,

sempre que o provocam, a veia humoristica *impessoal*, recheada de imprevisto. Quando da aldeia regresso, já noite, ao bulicio da cidade, sinto mais livre o espirito e mais firme o coração. Boa e salutar visita ! Ah ! nós pedimos ao homem da pharmacia remedio para as ancias da dispepsia, e quando a alma se nos abate em angustias de fadiga e de pavor, lembramo-nos raro de pedir a um espirito amado, superior e honesto, duas horas de convivio, que nos alentem, que nos libertem e que nos salvem !

IV

ANTONIO NAVARRO

A morte prematura de Borges d'Avellar fêz retroceder o meu espirito, em digressão, a uma época distanciada para além de vinte annos. Entro na *Aguia d'Ouro*, o velho café revolucionario, e busco os homens fortes de duas gera-

ções, abancados ás velhas mezas do botequim.

A' direita da sala d'entrada, as mezas dos politicos: Antonio Girão, Delfim Maia, Antonio Navarro, Germano Vieira de Meyrelles, Costa e Almeida, Emilio Dantas, Sebastião de Carapeços, Oliveira Ramos...

A' volta d'estes, os vultos secundarios.

Do lado esquerdo, os litteratos e os artistas: Guilherme Braga, Borges d'Avellar, Miguel Angelo, Marques Pinto, Moutinho de Souza, os actores do Baquet — Amaral e Gama, Gomes Moniz, Molarinho, Sá Noronha, Gomes Cardim...

De noite, ao sair do theatro, uma camada nova sem logares escolhidos e certos: Urbano Loureiro, os parentes e os amigos de Urbano: o dr. Loureiro, Joaquim Loureiro, David Ramos, Vieira Mendes, Antonio Canedo e alguns artistas do theatro da Trindade, hoje reduzido a cinzas, como o Baquet, seu irmão.

Os mortos desfilam vagarosamente pela frente do meu olhar parado. Mortos n'estes ultimos an-

nos na brécha do trabalho, da lucta e da amargura: Antonio Girão, o espirito e a sciencia entralaçados; Delfim Maia, o jurisconsulto e o politico de uma só fé e de uma só probidade; Germano de Meyrelles, o temido e amargo polemista; Antonio Navarro, o velho patuléa, rosto e *alma* de leão; Sebastião de Carapeços, o legitimista de bronze, o colossal octogenario ligeiramente curvado ao pezo da saudade do *seu tempo*; Guilherme Braga, o tribuno ardente da Poesia; Marques Pinto, o dôce scismador dos mystérios da sua musica; Gomes Moniz, o indefesso martyr do jornalismo de cada hora; Urbano Loureiro, a mais poderosa organisação de luctador da imprensa do Porto; Borges d'Avellar, emfim, a força, a energia, a bondade e a lealdade...

A Aguia d'Ouro conserva, quinze annos volvidos, a tristeza dos seus mortos. Foi sempre sombrio o velho botequim, mas rumorejante — nas horas de colera e nas de alegria dos seus vivos de então. Ha dois annos estive alli. Frio e deserto! O dono da casa e um velho creado d'outros tempos acolheram-me com uma alegria

commovedora ; pareciam abraçar em mim todos aquelles phantasmas amados. Borges d'Avellar vivia ainda ha dois annos ; desapparecera porém d'aquella casa. Era como se já tivesse morrido.

— O logar onde o senhor está, disse-me o velho Manuel, era o do sr. Navarro : lembra-se ?

Se me lembro do Navarro !

Destaco esta figura leonina, para o caso de contar duas proezas do patuléa illustre ; uma dera-lhe renome ha quarenta annos e tanto ; a segunda foi um grito de revolta do coração valente, quando lhe surgia no horisonte a aurora do dia eterno.

*

* *

O duque da Terceira, hospedado na Torre da Marca, preparava os laços que deviam estrangular o movimento liberal dos populares do Porto. Antonio Navarro resolve prender o duque e, seguido de grande massa de povo, encaminha-se para a Torre da Marca. O velho marechal con-

ferenciava com o seu estado maior; Navarro sobe as escadarias, emquanto o povo nas ruas solta immensos brados de vingança. Creio que seria então uma ardente figura de revoltado o homem que ha dez annos eu conheci velho. Navarro penetra na sala da conferencia, vae direito ao duque, põe-lhe a mão no hombro e diz:

— Marechal! Está preso em nome do povo!

Era arrojada a tentativa. O duque era uma alma intrepida; cercavam-n'o officiaes dedicados, e todos aquelles homens conheciam a Morte de perto.

O marechal não resistiu. A' simples observação sua de que ninguem poderia responder pelos excessos do povo, Navarro objectou — que respondia elle, pela sua honra.

E respondeu. O duque foi conduzido pelo valente homem ao castello da Foz, em meio dos bramidos da multidão, e a voz de Antonio Navarro conseguiu contel-a.

O ultimo caso é de hontem. Cahira o governo progressista a que succedeu o gabinete Sampaio. Os regeneradores do Porto, ao receberem a no-

ticia, produziram uma estrondosa manifestação. Era á tarde. Pela rua de Santa Catharina, em direcção á Batalha, avançavam milhares de manifestantes dirigidos pelos influentes mais energicos do partido. A' porta da Aguia d'Ouro, um pequeno grupo de progressistas, entre elles Delphim Maia e Navarro, escutavam o rumor que se aproximava. A multidão desemboca no largo da Batalha, soltando vivas atroadores.

Um natural sentimento de prudencia fez aproximar o grupo das portas do café. O grupo — menos *elle*.

Navarro desce o passeio que fica em frente da Aguia. Descobre-se. Os cabellos brancos erriçam-se-lhe na cabeça energica; as faces, d'uma carnação ardente, empallidecem-lhe; os olhos azues relampejam-lhe. Produz-se um momento de silencio; a multidão estaca, e Antonio Navarro, agitando o chapeu e com os braços erguidos, troveja em plena praça:

— Viva o partido progressista!

Sente-se envolvido por alguns braços. São os dos seus amigos, que se precipitam e que o arrebatam para dentro da sala do café, á porta do

qual vae quebrar-se a primeira onda dos furiosos em perseguição do valente...

* * *

Experimento hoje um melancolico prazer, ao lembrar o nome do bravo soldado progressista. Antonio Navarro sumiu se na bruma mysteriosa e á volta de poucos dias era suavemente esquecido; comprehende-se: não fora importuno, nem pezado. Fanatico do seu crédo, em honra e em politica, nunca julgou os homens obrigados ao pagamento do seu fanatismo. Amargos lhe derivaram os seus ultimos dias: que a pobreza é para a alma generosa e altiva um supplicio de cada momento. Não accusava, todavia, amarguras o seu olhar firme e ligeiramente ironico, proprio dos que luctaram sem odio, porque muito desprezaram os inimigos. Os seus tempos de acção iam passados, deixando-o inactivo a contemplar o movimento novo. Elle comprehendia: não accusava; limitava-se a espreitar o ensejo em que uma circumstancia carece de um homem forte,

dos de grande raça, e então, quando os outros recuavam, avançava elle. Antonio Navarro occupou sempre a clareira onde a luz caisse a prumo!

V

ALFREDO CARVALHAES

E' de Barcellos este *portuense*, filho legitimo de Bocage. Legitimo e unico. Alfredo Carvalhaes condensou o seu lyrismo de primeira agua á volta de uma unica mulher; a metralha dos sarcasmos tem sido arremessada a todos os pontos do Porto. E' a cantora Calainho, é a visinha pianista, é o droguista de Cedofeita, é o reverendo Albino, mais o reverendo Chocolateira; são os vates pifios e pataratas; toda esta gente apresenta contusões e ferimentos com a *marca* do ridiculo immortal. E' com sonetos e quintilhas e tercetos e odes saphicas e quadri-

nhas de quatro syllabas que o temivel causticador fórma a sua bateria. E tudo aquillo explue entre gargalhadas, em revistas litterarias, em folhetos, em jornaes abréjeirados, em meias folhas impressas — e, ás vezes em palestra de botequim. O sarcasta não despreza este processo. Vae ao café Suisso, acocora-se sobre um banco, gemendo as nevralgias e apalpando as pernas combalidas; d'ahi avista a dez passos o *brazileiro* Fiuza, mais o Costa Ferreira, que discutem inscripções e maçonaria e as pernas gordas da Faustina da Maia; — os dois tambem o avistam e apressam-se em chamar o moço, que os liberte, trazendo a conta, para a fuga. Lá do banco temivel parte uma risadinha feroz — «Olha o Fiuza a discutir com o Ferreira com quantos *p p* se escreve a palavra *estupido!*» Os dois enfurecem-se, vociféram contra aquella bréjeirada — falta de garantias! e saem aos tombos em meio de grande risota. Na physionomia do trocista desenha-se então um grande tédio.

*

* *

Conheço, prézo e admiro, ha quinze annos, Alfredo Carvalhaes. Por vezes se tem estabelecido entre nós o *equivoco* — mais facil de estabelecer-se no Porto do que em Lisboa. Mas nunca trocámos na imprensa, onde temos trabalhado sempre, duas palavras que não fossem de estima. Comprehendemos ambos que teria de sentir remorsos de uma offensa o que houvesse de consignal-a ao outro. Somos, de longe ou de perto, companheiros da mesma galé — e vinculados pela mesma grilheta.

*

* *

Estatura alta, ligeiramente curvada, rosto trigueiro; bigode pequeno, com as guias cahidas, — á similhança do de Soares dos Passos e dos do seu tempo,— cabello empastado e escorrido, como o de Bocage; um olhar frio, e em todo

o rosto uma expressão de enfado ; raras vezes o sorriso, mas a rizadinha frequente. Quando ri, curva-se muito, como se uma dôr violenta lhe salteasse os membros, c leva a mão á bocca, afagando as guias do bigode. Ordinariamente, o fato em desalinho.

Tal a *figura* do poeta.

Tomára á sua conta, ha quinze annos, o sabio Amorim Vianna, a quem chamava *O Diogenes*, quando o surprehendia nos botequins. Agostinho Albano, eu e outros amigos outhorgaramos a Alfredo Carvalhaes o cognome de *Falstaff*. Uma noite, o sabio reagiu contra as chalaças do poeta e atacou-o, de bengala erguida. Carvalhaes cruzou com elle a sua. Era á porta do café Lisbonense, no Bomjardim. Quando eu cheguei, Carvalhaes, aparando os botes de Amorim Vianna, annunciava, berrando : — «Falstaff e Diogenes batendo-se em lucta quichotesca !»

*

* *

Conheço versos magistraes do poeta ; mas os

leitores do norte do paiz conhecem-lhe principalmente os de menor valia. Outro ponto de contacto com Bocage. Diz-me um leitor e admirador de toda a obra de Alfredo Carvalhaes — que o viu muito acabado e doente, ha quatro dias. (1) Eu não o vejo ha quatro annos, mas creio que está muito acabado e com artificios de saude e de vida — como todos os da nossa geração, os que ha doze annos fizeram com alegria as *noitadas do Porto*.

Vou dar um specimen da sua poesia aos dois leitores a quem movi o interesse. No soneto ha o muito fel que vem dos atrictos da vida, quando se não é *uma grossa besta*, ou *um fino orientado.*

OS CÃES.

Sempre os amei. Destino similhante
Parece unir-me áquelles vizionarios:
Como elles, beijo a mão fria, aviltante,
Que a cruz me impõe dos funebres calvarios.

Como uns velhos philosophos lendarios,
Andamos farejando a todo instante,

(1) 5 de dezembro de 1890.

Elles uns magros ossos solitarios,
Eu as visões que redimiram Dante.

Mas, ó da vida sempiterna lucta !
De nada vale a inspiração divina,
O fogo, o ferro, o carcere, a cicuta !

Quando julgamos terminada a sina,
Encontro, em vez do amor, a Prostituta ;
Elles, em vez do pão, a Strychnina !

*

* *

Amargo, não assim ? Pergunta-me agora o leitor sisudo se é boa aquella alma ulcerada, e eu conto-lhe o seguinte :

Uma noite, na Praça Nova, do Porto, passeava no seu triste giro uma *infeliz*, com uma creancinha pela mão. Carvalhaes aproximou-se da mulher... como se aproxima um bohemio. A mulher, que o não via, voltou-se á creança e disse: —«Tens fome, filha ? Espera: que a mamã ha de arranjar pão !»

O sceptico tirou algibeira o que lá tinha — pouco seria ; entregou-o silenciosamente á mulher e affastou-se.

— «Tive horror da minha especie» — disse me elle, contando-me o caso.

Poeta ! Cada especie é como Deus a fez. Gloria a Deus nas alturas ! (1)

VI

PEDRO DE LIMA

Ahi á volta de 1872, a *Revolução de Setembro* era um centro de dissidentes litterarios, nascidos da *Questão coimbran.* O chefe mais visivel era Luciano Cordeiro, — em plena guerra aos filhos da Academia, aos netos da Arcadia e aos genros e primos da litteratura emoliente. Gomes Leal publicava ali os seus primeiros versos, já escriptos com o dedo de gigante. Um rapaz jornalista de feroz *verve*,

(1) Carvalhaes morreu pouco depois de escriptas estas paginas.

o Clemente dos Santos, que é hoje um bom medico e sempre meu bom amigo, forjava locaes de tres linhas, que fulminavam ridiculos illimitados. A redacção era um cortiço d'abelhas zumbidoras, irrequietas, laboriosas e buscando flôres nas carécas dos litteratos conspicuos. Era no primeiro andar ; e por cima, n'um cubiculo, trovejava o artigo de fundo Antonio Rodrigues Sampaio.

*

* *

Foi justamente n'um dia d'essa época tumultuosa que o nome de Pedro de Lima appareceu no folhetim da *Revolução*, firmando uma das admiraveis poesias d'esse grande amargurado. E' aquella que se intitula *Creanças*, e que o leitor póde vêr no soberbo livro *Occasos*, se os merceeiros do Porto deixaram algum exemplar abandonado, porque a frouxidão do papel não sustinha o pezo dos feijões...

Vi os versos ; fixei o nome do auctor, e d'ahi a poucos dias enviava eu ao poeta um folheto

— a minha estreia — em que se falava de tudo, com essa audacia dos vinte annos, o que ha ahi de mais bello e de mais nobre, — quando não são os de um calculista sem nervos, sem sangue, alheio a enthusiasmos, incapaz de erros de fé — porque tirou tres vezes a prova.

Respondeu-me o poeta, e a sua carta revelou-me o homem. Não era uma lamentação ; era um grito de colera. As duas faces d'aquelle ser consistiam na investigação ardente do Absoluto e na revolta contra o Actual ; mas, entendamo-nos sobre o valor d'esta palavra : o revoltado não desdobrava em seculos a vida social ; condensava-a n'um momento composto de milhões de seculos, e sobre esse *momento,* que era todo o viver do Homem, exercia a critica desesperada que não reconhece Progresso onde existem *ainda* o Proletariado, a Ignorancia, a Prostituição : todas as vias de facto espantosas do Egoismo e da Miseria. O generoso coração de Pedro de Lima, associado á razão colerica, ;mava com rudeza. Os seus versos, quando não sondam o Mysterio, dizem tristezas severas. O seu lyrismo é ainda uma feição de justiça. Pe-

dro de Lima não collocaria um botão de roza na sua abotoadura, por julgar commetter uma iniquidade: as flôres *pertencem* ás mulheres e *pertencem* ás creanças.

*

* *

Quando me fui ao Porto, onde elle vivia, deime a ser seu amigo. Creio que me estimou um tanto. Amigo de intimidade só lhe conheci Guilherme Braga. Estão-se lembrando agora dos *Cadaveres:*

O' Pedro! vou mostrar-te os mortos da familia:
. . . . . .

E recordam-se dos versos do outro:

Sim, Guilherme! sou eu, o livido phantasma
D'alguem que já não vive...

Está por colligir um grande livro: *Os poetas do Norte.* Nada de prosa n'esse livro! Apenas as grandes composições poeticas dos de grande raça. E vejam lá: não esqueçam os *Cadaveres*

de Guilherme Braga, nem a resposta de Pedro de Lima !

*

* *

Tinha na physionomia uma expressão inolvidavel. Rosto trigueiro, bigode farto e indomado, olhar fixo, *mas vago*, sorriso raro e ironico. Escutava, com um movimento nervoso na face ; e quando falava, fazia-o bruscamente, acentuando a phrase com um gesto violento. Nos ultimos tempos pretendeu orientar o seu espirito na vereda scientifica... e pôz-se a ler o Shopenhauer !

Enlouqueceu. Pouco depois estava morto. Com a familia do finado, vestiram luto a Honra e a Poesia portugueza.

VII

GUILHERME BRAGA

O maior poeta do combate em Portugal. Entrevejo-lhe ainda, quinze annos decorridos sobre a sua morte, o *gentilissimo semblante* de que nos fala saudosamente no seu *Cancioneiro alegre* o Sacerdos Magnus da litteratura portugueza, e dou-me a pensar n'aquelle destino doloroso, mas d'uma logica implacavel no meio social em que o auctor dos destinos o enquadrou.

*

* *

Abro as paginas de Baudelaire sobre a vida e as obras da Edgar Poe, e d'esse primor de *critica de inspiração*, que estreita o homem das *Flores do mal* com o phantastico vidente americano, resalta a comprehensão nitidissima do

conflicto em que se agitou na sua cidade do Porto o excommungado illustre dos *Falsos apostolos* e do *Bispo*, até á penultima hora do seu viver.

Fale Baudelaire :

«Conversae a respeito de Edgar Poe, com algum dos seus patricios : o americano não hesitará sem duvida em confessar-lhe o genio, e até mesmo em orgulhar-se d'esse genio ; mas não deixará de referir-se n'um tom de superioridade sardonica, propria do homem positivo, ao modo de ser social do poeta, ás irregularidades do seu viver. . . »

A pratica e activa cidade que foi berço de Guilherme Braga não se desvanece com a opulencia do éstro dos seus poetas. Desde Garrett aos successores, que dão lustre á presente geração, soffreram todos, do espirito positivo do Porto, a malquerença e o desdem. Todavia, o poeta do combate vingou libertar-se do anathema e conquistar o assombro. Se o Porto desconhece, ou desdenha como futilidade, o lyrismo ardente, mas casto, das *Heras e violetas*, estremece de enthusiasmo quando no theatro, no

pamphleto e no jornal, Guilherme Braga lhe infunde alentos contra a reacção ultramontana e os sectarios de um Passado que ha meio seculo vinculou a nobre terra, pela sua lucta, á gratidão da patria.

N'esse ponto estreitaram-se em repetidos abraços Guilherme Braga e os conterraneos d'elle; mas quem diria ao leal combatente que, poucos annos volvidos sobre essa lucta, a phalange que elle inspirou estaria ahi prostrada pela Morte ou pela Duvida — e a sua obra, a de todos, apenas viva como exemplo!

Vejo ainda a sua estatura delicada e erecta, o seu rosto pallido, os seus olhos negros e profundos, um sorriso entre amoravel e sceptico, a cabeça de *romantico*, pelo penteado e pelo bigode fazendo lembrar as de Soares de Passos e Camillo... na mocidade do Mestre. Estou a vêl-o, quando no theatro Baquet, ou no de S. João, o silencio se estabelecia solemne, e milhares de olhos ardentes se fixavam n'um camarote, onde elle, sacudindo a juba, com as mãos crispadas,

e encarando o publico, estremecia ao soltar dos labios um primeiro verso...

Recordo-me de ter visto empallidecer um honrado e pacifico burguez, ao descrever-me a *noite* em que *elle* rugiu do seu camarote as estrophes, de desafio e de ameaça ao ultramontanismo, que conteem este brado:

.....

Vae soldar tuas algemas
Aos debeis pulsos dos cafres!
Não tazem ninho os milhafres
Na caverna dos leões!

Era então, n'essas horas, que o Porto se orgulhava d'elle e o espirito pratico se occultava no atrio de S. João, ou do Baquet,—para empolgar o espectador, á saida.

E como elle recitava! Puderam ouvil-o ainda os que escutaram arrebatados, nas causas criminaes celebres, o grande orador e grande causidico Alexandre Braga: na voz, no gesto, no olhar — a impetuosidade, o vigor, a paixão, todos os cambiantes em que o sentimento implora, ou amaldiçôa!

Fomos amigos durante os seis mezes que nos conhecemos. Alguem lhe lera um dia, com solicitude, uma referencia minha, impressa, desfavoravel a um seu acto publico — bem longe de ser deshonroso. Guilherme Braga ouviu a revelação e disse :

— «Não sabia. Fico sendo amigo d'esse homem. E' elle quem tem razão.»

Vi-o em 1874, pela primeira vez. Foi uma noite, na officina da *Actualidade*, onde Guilherme Braga fizera imprimir o seu *Bispo*. Recebera n'essa noite os primeiros exemplares do seu trabalho. Pegou n'um d'elles ; escreveu na primeira pagina o seu nome e o meu, e offereceu-me o livro.

Mas, retraindo-se :

— Quero eu ler-lh'o.

Recordam-se d'aquella simphonia magistral ? Eu lembro-me de ter ouvido o grande concertista Arban executar com a sua orchestra a *Benção dos punhaes*. Era por occasião da guerra franco-prussiana, e eu assistia ao concerto, com outros germanophobos, todos nós mal dispostos para com Meyerbeer. A's primeiras no-

tas foi uma derrocada ! A Germania Mater apparecia-nos no horizonte, como a *bruma sagrada* que Victor Hugo saúda commovido.

Tal senti, ao ouvir os primeiros versos do *Bispo*, recitados pelo auctor :

No claro azul d'um frio ceu d'inverno,
Junto á collina onde a cidade dorme,
Destaca ao longe o escuro vulto informe
Da antiga cathedral.
Fica-lhe ao lado a succursal do inferno,
Velho epigramma ao lugubre edificio,
Largo covil dourado, aberto ao vicio,
O paço episcopal.

E os conselhos *ao povo ingenuo* :

Da liberdade atalayando o asylo,
Sê magestoso e bom, sê grande e puro ;
Toma nas rijas mãos, bravo e trrnquillo,
A sagrada bandeira do futuro !

E' já longo o caminho do calvario
Que trilhas sob a cruz ha tantos annos ;
Dezfaz, quebra, estilhaça o teu rosario!
Calca, assoberba, esmaga os teus tyrannos !

Não teria o seu ideal norteado pela sciencia; mas muito sabia, porque muito adivinhava, o forte e generoso coração.

Mezes depois, eu subia a rua do Bomjardim, pela manhã cedo, e vi Urbano Loureiro, que descia. Era em frente do theatro da Trindade.

O meu collega do *Diario da Tarde* estendeu-me a mão, e rompeu em soluços.

— «O nosso Guilherme morreu esta madrugada !...»

Acompanhámos a Agramonte o grande poeta, e, dias depois, a sua companheira, a doce mãe de seus filhos, morta de saudade.

Melancolico idyllio n'aquelle meio de praticos!

VIII

PEDRO D'AMORIM VIANNA

E'-me desconhecido o paradeiro actual d'aquelle excentrico illustre. Sei apenas que o

grande pensador da *Defeza do Racionalismo* abandonou ha poucos annos a sua cadeira da Academia Polytechnica e a cidade do Porto, e que, alguns dias volvidos sobre a sua ausencia, apagou-se a lenda palpitante das suas excentricidades. Os portuenses careciam da presença do homem, para *sentirem* o extraordinario d'aquelle viver. Espiritos praticos, na lucta positiva pela existencia, se lhes perguntam pelas visualidades de um *poeta* ou de um *sabio*, explicam bem o que taes anormalidades sejam; mas explicam melhor, se podem apontar o personagem. Quero eu dizer : preferem dar o texto com gravura.

*

* *

A' volta de 1874, dois dias depois da minha chegada ao Porto, estava eu recolhido d'um aguaceiro, n'um estabelecimento da rua de Santo Antonio. A chuva era furiosa. Ia alagada a rua, ao longo da qual só se avistava um individuo. Vinha elle dos lados da Praça Nova, em di-

recção á Batalha. Chamei a attenção de um dos donos da casa; olharam todas as pessoas presentes, e nos labios de todas vi o mesmo sorriso, mixto de sympathia, de respeito e de compaixão. Inclinei-me aos taes donos da casa e interroguei-os sobre o mysterioso sujeito.

— E' o *Newton.*

— O...?

— O *Newton*, o Amorim Vianna, o *sabio*...

— O Amorim Vianna!

Dei-me a observar com attenção religiosa a poderosa figura do pensador, não em suas exterioridades, no conjuncto repulsivas, mas nos traços da sua physionomia extranha e inolvidavel.

Estatura mediana, hombros largos, costas abahuladas, andar pesado e bamboleante; um traje inclassificavel, leve pela qualidade do tecido, pesado pelas camadas de lama; um chapeu alto amachucado, lustroso e arruivado; na mão direita um junco de soldado de cavallaria, na esquerda um monoculo. Caminhava, pondo um pé no passeio e o outro na valeta, e como que abstraido na correcta execução d'aquella marcha...

Olhos azues claros, com um olhar parado, indeciso á superficie, mas deixando adivinhar ao observador um horisonte formidavel, invisivel aos extranhos. Cabellos louros esguedelhados, barba loura arripiada, occultando-lhe quasi todo o rosto; a fronte — que mais tarde pude vêr descoberta — era d'uma amplidão extraordinaria. Não se via, mas suspeitava-se a existencia de um sorriso cynico, occulto por aquella floresta — virgem de navalha. A's vezes, quando os transeuntes paravam a contemplal-o, o *philosopho*, como que chamado vagamente ás realidades da vida, assestava contra elles o monoculo; pela physionomia passava-lhe, durante dois segundos, uma expressão de dureza; em seguida, abandonava o monoculo, pendente de uma fita; a expressão cynica apparecia-lhe no olhar; o *philosopho* resmungava, encolhendo os hombros, e seguia seu caminho.

*

* *

Não quero dizer-lhes o que sinto em admira-

ção pelo grande critico da *Defeza do Racionalismo*, nem saberia dizer lhes o valor do mathematico illustre, geralmente venerado pelos entendidos. O meu fim é apenas fixar uns ligeiros traços do *excentrico*. A Critica falará, um dia, do *pensador*.

Vivia, só com um creado, n'uma cazita para os lados da Cordoaria. Entre os dois homens estabelecera-se este accordo: o que chegasse a casa depois da meia noite ficaria na rua. A' meia noite *e um minuto*, Amorim Vianna, debaixo de uma carga d'agua, bateria desesperadamente, mas inutilmente, á porta de sua casa. Se o creado lh'a abrisse a essa hora, seria despedido immediatamente.

D'aqui o triste viver de bohemio, girando fóra d'horas, sósinho, alheio ás cousas do mundo, refugiando-se ás vezes do frio em qualquer cafésito miseravel, até que o dono da casa o puzesse na rua — para fechar a porta. Sem familia, sem amigos, sem methodo na existencia, surprehendido quando descia ao real, atravessou durante annos o Porto — a cidade refractaria ao *extranho*, — escudado apenas pela veneração in-

consciente do povo e pela propria indifferença por tudo aquillo.

Contava-me uma vez Antonio Pinto Magalhães Aguiar, seu collega na Polytechnica, — que n'aquella manhã, regressando da Foz, n'um carro americano, vira Amorim Vianna parado, na rotunda da Boa Vista, a assestar o monoculo contra os passageiros do carro. Perguntou-lhe se se levantara cedo, ao que o outro, com um ar de candura, accentuado pela sua voz dôce, respondeu:

— «O que? ! Pois eu já me levantei? !»

*

* *

No café Lisbonense, sentava-se todas as tardes a uma meza um pobre homem, professor de dança e esgrima. O homemsinho esperava alli a chegada do sabio, o qual pela sua parte era infallivel na hora. Amorim Vianna chegava; tomava logar junto ao outro, e entre elles parecia estabelecer-se uma palestra animada. Espantou-me aquillo: que diabo poderiam dizer um ao

outro, diariamente, durante horas, aquelles dois homens, tão larga e profundamente separados pelas condições de espirito e de temperamento? Esperei, uma tarde, que Amorim Vianna se afastasse, e acerquei-me do outro.

— Tenho notado que o meu amigo sustenta todos os dias, grande polemica com o Amorim Vianna...

E o homemsinho, vermelhinho, com uma pera ruiva e um olho redondo e baço, de peixe morto:

— E' verdade! E' sobre philosophia!

Sentei-me, e pedi ao «philosopho» uns tópicos da sua discussão d'aquella tarde.

E elle:

— E' todos os dias a mesma coisa. Imagine o senhor: o Amorim chega, e vem cheio de argumentos, senta-se e principia logo: — *Porque sim!* E eu: — *Porque não!* E elle: — *Porque torna!* E eu: — *Porque deixa!* E elle: — *Zás!* E eu: — *Traz!* E elle: — *Bumba!* E eu: — *Tumba!*

Comprehendi tudo. Amorim Vianna procurava a companhia d'aquelle idiota — para estar completamente *só*.

*

* *

Uma vez, na Cordoaria, um soldado riu-se d'elle. O sabio desceu da meditação á colera mais rasteira e assentou duas chibatadas no guerreiro. Tumulto. Acudiu a municipal e prendeu os dois. A multidão agglomerou se e seguiu os presos, gritando : — «Larguem o sabio ! Morra a guarda!» O official de serviço no Carmo era o meu velho amigo o capitão Pina Cabral. O illustrado militar interveiu, soltando Amorim Vianna e declarando-lhe que assim procedia sob sua responsabilidade pessoal. Amorim Vianna assestou a luneta, mirou-o d'alto abaixo, e disse-lhe: — Você é tolo ! Você tem lá responsabilidade !

O official voltou costas, e o povo fez uma ovação ao sabio. Gemeu a ordem, mas triumphou o instincto bom da multidão.

Descia elle a feira de S. Bento, encostado ás lojas. Um honrado lojista tomou lhe o passo, para lhe fazer observar — que os dedos dos pés de s. ex.ª iam todos á vista. Os sapatos estavam

realmente escancarados como guéla de pescada, violada por mão de cosinheira. Amorim Vianna olhou para os sapatos; olhou para o homem, e, placidamente, com a sua vózinha assucarada:

— Tem ahi um jornal?

Deu-se-lhe o jornal. O philosopho introduziu meia folha em cada sapato, por modo que resguardasse os dedos, e, terminando a operação, disse, contemplando a obra, com ar complacente:

— Agora já se não vê nada.

E foi seguindo pela rua das Flores abaixo, bamboleando-se. Os pedaços do jornal saiam-lhe do calçado, esvoaçando. Parecia que ia pizando dois pombos presos ás solas dos sapatos.

*

* *

Jubilou-se. Parece que a maioria dos discipulos descançou n'esse dia, dos altos vôos fatigantes a que os obrigava o transcendente professor. A breve prazo, entrou elle, com as poderosas faculdades adormecidas, n'uma casa de sau-

de, d'onde partiria talvez, ignorado, para algum dos seus mundos desconhecidos, se na imprensa não se houvesse levantado alto clamor, a denunciar o *esquecimento*... e o resto. A familia, prevenida, foi buscal-o e levou o comsigo. Suspeito que vive hoje entre os seus, n'uma cidade proxima de Lisboa.

*

* *

Dizem-me collegas meus, aqui presentes, admiradores do grande espirito, que estes traços são exactos. Limito-me a suppôr que estão parecidos.

IX

O BARNABÉ

Este *portuense* é de Traz-os-Montes. Figura complexa e, talvez, para os que a conheceram e temeram, indigna de figurar n'uma galeria litteraria. Pois é digna d'isso, desde que um grande poeta lhe concedeu a distincção de a exaltar em seus versos. Foi Guilherme Braga quem disse as proezas do singular personagem; eu publiquei, depois da morte do poeta e antes da morte do Barnabé, ahi á volta de 1879, n'um jornal do Porto, (1) a breve e calorosa *Illyada*. Não conservo os versos, nem d'elles me lembro quanto importa á sua reproducção. Tenho pena.

(1) A *Voz do Povo*.

*

* *

Barnabé Pinto Xavier tinha em seu animo a seiva generosa que é condão dos homens de extraordinaria intrepidez. Se o leitor é o unico, entre todos os meus leitores, que desconhece as *Memorias do carcere*, de Camillo Castello Branco, leia-as, para conhecer nitidamente a sombria figura do José do Telhado, e para sentir converter-se n'um mixto de admiração e de piedade o sentimento irreflectido que lhe vem da lenda, á conta e á custa d'aquelle *heroe*. Elle foi mau no occaso de uma vida de sacrificios, de coragem e de lealdade; ligou o seu nome, que n'outra época e em differente meio teria sido aureolado pela fama honrada, a tragicas aventuras deshonrosas. A gente lê, com o coração apertado, e deplora que o Senhor dos Mundos não tenha de sua mão estas miserias da sorte.

O Barnabé pertencia áquella raça. Era o jacobino da valentia. Aos bofetões que elle deu perde-se a conta; as costellas que elle partiu dariam, sobrepostas, um monumento mais alto

que a torre Eiffel. Passo em rapida revista os *casos* de que tive conhecimento, e noto que elle *deu* sempre com justiça.

*

* *

Era um chefe fiscal em serviço na raia transmontana. Veiu d'alli, depois de espantosos feitos de bravura em frente dos contrabandistas hespanhoes, residir no Porto, com licença illimitada, obtida por uma protecção occulta. Na cidade invicta deu-se ao viver dos noctivagos, pelo *Gremio* de D. Marcos Arguelles, pelas batotas da rua Chan e das viellas da Madeira e do Assiz, ganhando centenas de libras ás 2 horas da noite, e pedindo, ás 4 horas da manhã, cinco tostões para matar o bicho. Encontrei-o por vezes, a essa hora, ao findar das noitadas bohemias em que os nevoeiros do Porto abrem o caminho de Agramonte e do Repouso; fazia pavor encaral-o.

Era um rapaz dos seus trinta annos, ahi por 1875, em plena actividade nas façanhas; estatura

alta e vigorosa, com um garbo marcial e arrogante, fronte livida, barba negra comprida, em fórma de leque, olhar fixo e com o tom baço das noites da jogatina ; sorriso desdenhoso ; força herculea, grande dextreza; na mão cabelluda um chicote, que nas horas de violencia era posto de parte, como objecto inutil. A voz surda tinha uns toques zombeteiros; o todo á superficie inspirava a uns terror, a outros antypathia. O coração era de ouro dos melhores quilates: não abrigava rancores, porque trazia sempre em dia as suas contas de aggravos.

*

* *

Era, porém, excepcional o seu aspecto, quando no panno verde lhe ficavam as esperanças de folgada mediania. A barba erriçava-se-lhe, os olhos negros chammejavam-lhe ; a braveza, que é o valor cego, manifestava-se em provocações directas aos mais valentes. Surgiam os conflictos, a bordoada de tremer céu e terra ; a policia aos tombos, — e, ao fim da tormenta, o Bar

nabé rindo muito, satisfeito, alliviado e consolado.

N'essas crises, porém, se acertava em apparecer-lhe um amigo, embora o mais debil dos homens, esse amigo domava-o com duas palavras: *Tem juizo!* ou *Anda d'ahi!* O furioso obedecia como uma creança docil, e ouvia em silencio as admoestações.

*

* *

Uma nota curiosa sobre a bondade d'aquelle homem:

Uma noite, contei-lhe eu, no largo da Batalha, que um individuo, conhecido de nós ambos, bom e infeliz chefe de uma familia numerosa, se me queixára, minutos antes, de que saira de casa afflictissimo, sem cinco réis para o almoço do dia seguinte. O homem estava a alguns passos de distancia, á porta d'uma loja de bebidas — *A Communa* — que teve a sua hora de triste celebridade. O Barnabé, que me escutara taciturno, abeirou-se do outro e entabolou com elle uma

palestra sobre as difficuldades da vida. Estava ali uma roda de bebedores; cada um d'elles opinou sobre os processos mais commodos de se equilibrar na existencia. O homem sem dinheiro falou da energia com que sempre trabalhára, inutilmente, para manter-se e aos seus. O Barnabé retorquiu-lhe violentamente:

— Um asno: é o que você é! Mal fez sua mulher, que é uma santa, em casar com uma besta assim. Você entende?! Com uma besta assim! Você ouviu?!

E lançou-lhe as mãos ao fato, sacudindo-o.

O outro, subitamente, virou para nós o rosto cheio de lagrimas, e disse:

— Entendo; mas quero que os outros tambem entendam! Eu digo...

— Se você diz alguma cousa, resmungou o Barnabé, com um olhar terrivel, faço-lhe a cara n'um bolo!

— Pois faça! Eu quero dizer a toda a gente...

O Barnabé voltou costas, e afastou-se a passos largos.

O que o outro queria dizer a toda a gente era

que o Barnabé, fingindo sacudil-o pelo fato, lhe introduzira na algibeira o dinheiro para o sustento da familia no dia seguinte.

*

* *

Conheci-o em curiosas circumstancias. Foi em 1874, no theatro da Trindade do Porto, depois reduzido a cinzas, como o Baquet. Travára-se uma lucta entre pateantes e partidarios de uma actriz. Eu pateava. O Barnabé applaudia. Chegou á crise aguda a violencia das contestações; o Barnabé veiu pela platéa fóra, distribuindo bofetões medonhos e esborrachando narizes conspicuos; vinha d'olho em mim; chegou; deitou-me a mão, sacudiu-me com vigor e disse-me: — «O que lhe vale, a você, é o seu nome de jornalista; senão desfazia-o!»

Creio bem que desfaria. Mas n'aquelle momento não me occorreu agradecer, pela minha profissão, os excessos de favor. Como quer que me sentisse arremessado a quatro ou cinco pas-

sos de distancia, tirei da algibeira um rewolver, apontei-o á cabeça do Barnabé, e . . .

O resto é da chronica da época. Gritos de pavor, como os d'aquella noite, nunca os ouviram antes, nem depois, os meus ouvidos de peccador. Disse-se que o Barnabé, alvejado, se deixára cair de bruços, evitando assim o projectil, e que este furára o panno de bocca, indo perder-se no urdimento. Desmaiaram senhoras; homens tropeçavam na fuga; berrava-se : *Assassino!* A guarda municipal retrocedia espavorida pelo corredor da platéa, e eu entregava a arma ao meu collega Borges d'Avellar e a minha pessoa á policia.

A qual policia me levou de Herodes para Pilatos, dando eu entrada, no dia seguinte, na cadeia da Relação.

No dia da minha chegada áquelle inferno, uma das primeiras pessoas que me visitaram foi o Barnabé. Ia offerecer-me um aperto de mão, os seus serviços e um conselho auctorisado : — «Nunca faça uso d'uma arma d'aquellas ! Um rewolver nunca acerta, senão por desastre. Se o povo nos não tivesse separado, hontem, ti-

nha-o eu desarmado, embora você disparasse os seis tiros contra mim. Quando quizer dar a segurar, empregue outra cousa. Olhe!

E mostrava-me uma navalha que me fez pensar no alfange de Mahomet II.

— Isto sente-se entrar! concluiu.

Eu podia occultar esta nota sinistra; mas corre me o dever de ser exacto, para que o *typo* saia completo.

*

* *

Entre mil casos de cada dia:

Estava eu jantando n'um restaurante, a S. Lazaro; n'um gabinete visinho estava o Barnabé, com outro sujeito. Fóra, na sala commum, travou-se contenda entre a dona da casa e um hespanhol, um toureiro, que praguejava como toureiro hespanhol. O Barnabé impacientou-se; abriu a porta do gabinete e gritou:

— Que balburdia é essa, ó patrôa?!

— E' este homem que está teimoso... diz que quer...

Não houve tempo para mais. O Barnabé entrou na sala; foi direito ao toureiro, e disse-lhe, com um ar aborrecido :

— Você é quem está fazendo barulho, seu gallego ? !

O outro deu um pulo, e preparava-se não sei para que ; nem elle teve tempo de orientar-se. A mão do Barnabé desceu como um raio, ouviu-se um estrondo como de uma arvore que estalasse, e ao impulso da assombrosa bofetada o hespanhol, como um voador, foi horisontalmente pela porta fóra estatelar-se a seis passos, no meio da rua.

O Barnabé, com o mesmo ar aborrecido, desandou para o gabinete e sentou-se á meza, dizendo para os companheiros :

— Não se póde conversar em paz n'uma tasca d'estas !

*

* *

A sua ultima proêza foi tragica. Matou um homem na Povoa de Varzim, e pôz-se a monte;

escapando ás perseguições, pela audacia, ou pela astucia. A auctoridade, que o conhecia, lançou pregão — «Que o Barnabé commettêra um roubo.» O calumniado apresentou-se no dia seguinte. Salvou-o ainda n'esse dia a mão mysteriosa que o protegêra sempre.

Vi-o pela ultima vez em 79. Estava no ultimo grau da tysica pulmonar, golfando sangue, n'um quarto de hospedaria, já sem recursos para esquivar-se á caridade. Recebeu a minha visita, com um sorriso desolador, apertou-me a mão e disse-me :

— «Eu não tinha nascido para morrer assim...»

E com muita amargura, concluiu o seu pensamento depurante :

— «Nem para viver assim !»

Já notaram como a gente percebe tudo, quando já lhe não aproveita a percepção ? Eu reconheço, por vezes, que estou muito vivo, — porque não percebo nada.

X

SEBASTIÃO DE CARAPEÇOS

Este prendêra o espirito ao passado, por um vinculo de colera e de saudade. Mas não lhe levava a esperança, alguma hora, a dentro d'alma clarões de contentamento. Tinha o sorriso sceptico da sua desgraça e da do seu partido. Narrava-se na sombra do velho fidalgo historias de amores e de valentias do gentilissimo cavalheiro dos tempos de D. João VI e de D. Miguel. No café da *Aguia*, Sebastião de Carapeços descobrira o meio de sustentar uma palestra, sem aludir a politica, e era em meio dos politicos o seu logar costumado! Não falava do passado; commentava apenas os factos do dia, n'um tom de auctoridade irresistivel. Estava longe de ser o *velho amavel* que diverte contando casos e fazendo-se amar jovialmente; a sua alta estatura,

o seu sobretudo correctamente abotoado e por vezes com a gola erguida, o seu basto bigode grisalho, as sobrancelhas espessas sobre um olhar dominador, o sorriso inimitavel do homem de boa raça, as mãos musculosas e breves, o requinte de cortezia na phrase e o gesto contido, sublinhando-a : todo este conjuncto fazia entrever no passado d'aquelle velho as duas faces da summa intrepidez — nos campos de batalha, em frente da Morte, e nos salões, em frente da Mulher.

*

* *

Conheci-o de perto nos primeiros dias de 1874. Foi n'um hotel então estabelecido á esquina da rua de Santa Catharina e do largo da Batalha, sobre o adro da egreja de Santo Ildefonso. Era a *Pomba d'ouro* o triste albergue onde eu me alojára, n'um vão de escada, com alguns livros e com muitas illusões sobre assumptos varios. Sebastião de Carapeços já as não possuia, e, quanto a livros, não parecia que os julgasse elu-

cidativos para os casos que lhe torturavam a memoria; — os outros casos eram-lhe indifferentes.

O facto não exclue a idéa de muita illustração e de um criterio proprio. Recordo-me de lhe haver emprestado, com uma calorosa recommendação, *Os Livres Pensadores*, de Luiz Veuillot. Recommendára-lhe, é claro, o estylo do admiravel polemista. O velho fidalgo levou o livro, e quando, passados dias, m'o restituiu, disse-me:

— «Não gósto do auctor. Escreve como um revoltado, e os revoltados são naturalmente subalternos.»

Não nos podiamos entender.

Um dia, ao jantar, á meza do hotel, uma senhora — de nacionalidade hollandeza, se bem me lembro,— pertencente a uma companhia artistica de passagem pelo Porto, tomou á conta do seu espirito causticante o rigido ancião que se mostrava incompativel com os espectaculos publicos. Sebastião de Carapeços adiou a conclusão de uma historieta que nos ia contando, ao Passos de Santo Thyrso e a mim, e travou

com a aggressora um duello de phrases afeleadas, n'um francez purissimo; — era a lingua falada pela dama. A breve espaço de tempo, a *artista* desembuçou-se, deixando entrever a *mulherinha*. O fidalgo vibrou-lhe um gracejo final — de misericordia — e ergueu-se vagarosamente da meza.

Estou a vêr a subita mudança que se lhe operou na physionomia, até então finamente zombeteira.

Com um tom de civilidade, que n'outro homem diriamos affectação, voltou-se para dois individuos sentados perto da artista e, indicando-lhes a mulher, perguntou-lhes:

— Esta senhora pertence-lhes?

Os dois, n'um tom entre risonho e sério:

— Decerto... é nossa collega.

— Pois minha senhora, — volveu Carapeços, inclinando ligeiramente a cabeça, — devo-lhe um favor que raras vezes tenho occasião de receber. Havia muito tempo que não tratava senão com mulheres de boa sociedade; fez-me bem este desenjoativo!

Disse adeus com a mão, e saiu.

*

* *

N'um d'esses dias, tambem á meza de jantar, contava elle não me lembra o que. Interrompeu-se; chamou o creado, um robusto gallego de cachaço vermelhusco, e disse-lhe:

— Traze-me dois ovos quentes!

O creado encolheu os hombros; saiu resmungando e voltou d'ahi a pouco, sem dizer palavra.

Sebastião de Campeços, sem voltar a cabeça:

— José!

— Senhor?

— Então?

— Então... não ha ovos!

Elle continuou a narrativa até final, sem que a voz denotasse a minima alteração. Depois, com a sua urbanidade fria, disse-nos:

— Hão-de permittir...

Ergueu se. O creado estava por detraz d'elle. O velho voltou se, desviou a cadeira, deitou a mão ao pescoço do gallego, e, antes que este tivesse tempo de reagir, lançou-o por terra. As-

sentou-lhe em seguida um valente pontapé, e disse-lhe:

— Vá buscar os ovos!

Sentou-se, voltando as costas ao sovado, — em quanto este saia, coxeando, praguejando em voz baixa e apalpando as banhas contundidas.

Regressou o homem, d'ahi a alguns minutos. Olhámos todos, menos o velho, que não viesse o rancoroso bruto desforçar-se. Sebastião de Carapeços limitou-se a dizer:

— Dá cá, José!

O outro apresentou-lhe... os ovos.

Tinha pulso o velho fidalgo — e tinha visto mundo.

*

* *

Dias depois, saiu do hotel. Continuei a vel-o na *Aguia d'Ouro*. Um dia desappareceu d'alli. Disseram-me que entrara doente n'uma casa de saude.

Ora, eis o que um grande escriptor me contou a proposito de Sebastião de Carapeços, alguns annos depois:

«Entrou na casa de saude. Faltava-lhe porém o dinheiro, e elle era incapaz de pedil-o aos do seu tempo e aos de hoje. Uma noite expulsaram-n'o, por insolvente, e elle foi morrer na rua, ao pé da porta. Iam passando os trens com os convidados para o baile do barão d'Araujo, que fazia annos. Acho que seria de Araujo...»

Aprendi com esse nobre velho a sorrir para os parvos felizes e a esperar *as ulttmàs* — antes do Final.

XI

NOGUEIRA LIMA

A este dominava-o o fanatismo dos versos e da Honra, mas, tendo de optar, levaria á fogueira, em sacrificio, todas as poesias da sua *Grinalda*. A severidade do seu caracter não punha embargos, todavia, á nota pueril da sua excentrici-

dade. Colligia com o maximo cuidado as phrases equivocas para a sua susceptibilidade, e os objectos mais extravagantes, a que o seu espirito meticuloso de fatalista prendia interrogações mysteriosas. Lembro-me de lhe haverem encontrado no espolio, um dente queixal, grudado a um papel com o seguinte distico: «Este dente caiu-me á meia noite em ponto, entre sexta feira e sabbado, 12 e 13 de outubro — ! ?» Contava-me o illustre jornalista portuense Agostinho Albano, o meu sceptico e presado collega do *Diario da Tarde*, historias curiosissimas dos *enguiços* do poeta, e d'um livro de Camillo, *Coração, cabeça e estomago*, o protogonista é considerado reproducção d'um typo de causticado permanente.

*

* *

Não posso todavia recordar-me, sem muita compaixão, d'aquelle infeliz e honrado homem. Nogueira Lima, a um terço da vida, quando as ambições robustecem o cerebro e o amor aca-

lenta a seiva do coração, derivou-se ao exame severo da injustiça dos homens e amalgamou-a com a fatalidade das coisas. Encontrei-o, pela ultima vez, pouco antes da sua morte; a côr biliosa do seu rosto exaggerara se; o seu olhar penetrante e severo amortecera-se. — «Estou exhausto, meu amigo! disse-me. Este maldito mundo afoga-se em podridão e eu pérco o meu tempo na lucta, mas sinto proximo o descanço!»

Narrou-me factos *justificativos* da sua amargura crescente: — Alexandre Braga recuzara-lhe, dez annos antes, versos para a sua *Grinalda*, e vivia respeitado e feliz! O Anselmo de Moraes convidara-o para administrar uma gazeta; elle, Nogueira Lima, impuzera uma condição terminante: — «Nem um só numero da folha seria vendido para embrulho; e o outro rira-se, e prosperava como um perfeito bandido! Um moço de recados, um gallego, pizara alli em cima, nos Clerigos, o rabo d'um cão amarello, e toda a gente se desentranhara em estupidas laraceas á conta do animal offendido! Estes factos, que Nogueira Lima julgava e condemnava, á custa do seu viver, tinham sem duvida a nota

da puerilidade, mas no mar trovejante d'aquella indignação exaggerada havia, no fundo, um grão d'areia, que representava a justiça. Nogueira Lima condemnava o poeta, seu amigo, que lhe recusara um favor, o industrial que mettera a riso a sua feroz delicadeza, e o gallego e os espectadores que achavam assumpto para galhofa nos soffrimentos d'um cão, e derivava dos factos alludidos á condemnação do egoismo, da brutalidade cynica e da crueldade bestial. Um verdadeiro martyrio !

Tinha diariamente conflictos perigosos. Insultava os carreiros brutaes que espicaçavam os bois pacificos e trabalhadores, e não hesitava em applicar bengaladas áquelles *villões impiedosos*. Os carreiros tinham-lhe medo ; e elle, em plena rua, orava contra a policia, os governos e as instituições e o mundo moderno. Enfurecendo-se gradualmente, entrava n'um estabelecimento conhecido e esmurraçava o balcão e as vidraças dos mostradores. O meu velho amigo David Ramos tem no seu orçamento importantes verbas dispendidas a murro pelo nosso infeliz Nogueira Lima.

Tinha o raro culto das fortes dedicações: d'ahi novos soffrimentos. A susceptibilidade, illudida á força de suspeitas, indicava-lhe um sem numero de aggressões, deslealdades, perfidias e desconsiderações de cada hora. N'um dia em que o desanimo lhe cavara mais fundo as faces e mais lhe amortecera o brilho do olhar attento, Nogueira Lima falou-me com uma tristeza singularmente suave em Emilia das Neves. —«Sublime artista! Oh! mas ingrata mulher!» Averiguações: Emilia das Neves brindara com um exemplar da sua biographia um amigo do poeta, e Nogueira Lima, adorador da immortal, fôra atrozmente esquecido. Tratou-se de reparar a *offensa*, mas o golpe fôra doloroso!

Nas fortes e controvertidas questões de direito e de dignidade, aquelle homem, digno como poucos, perdia toda a serenidade; apertava entre as mãos a fronte amarellecida, e o seu olhar terrivel encarava por momentos um attentado vingador. Para logo retrocedia, distrahido pelos episodios da vilieza vulgar, que desfilavam alli, ao seu alcance...

Na Idade Media Nogueira Lima teria levado

ao terreno do combate pelo ideal a lança d'um paladino e o coração d'um crente. Em 1874, do nascimento de Christo, Nogueira Lima olhou em redor de si, e pediu uma lança e uma arena; — o ideal de justiça tinha-o elle no generoso coração. Disseram-lhe que a ultima lança offerecia á viração da tarde um trapo incolor, na frontaria d'uma tasca de Paranhos. Indicaram-lhe uma arena — o terreno do Seminario do Porto — onde uns enxertos de gallego em escrava sustentam a Moral sobre os duros callos que lhes deixou nos hombros o pesado barril da juventude.

E então, n'um desvairamento, Nogueira Lima apertou com as mãos ossudas o coração triturado, e as ultimas gotas do seu sangue generoso abafaram-lhe na garganta, com o derradeiro soluço, a derradeira maldição!

O PLEBISCITO

ESTAVA eu nos «saloios» quando o *Reporter* abriu um plebiscito, para o fim de apurar, entre o mais culto dos povos e o mais versado em questões de Esthetica, os nomes do primeiro romancista, do primeiro poeta, do primeiro dramaturgo, do mais sincero dos criticos, etc. Só no meu regresso a Lisboa tive conhecimento dos factos consumados e a explicação de um caso irritante; o de o meu sapateiro me haver demorado vinte dias a remessa de umas botas. O artifice, todo entregue aos problemas litterarios, esquecera-se da coirama — como um cão!

Ignoro em quem elle votou, e não me é facil descobrir o *mestre*, em meio dos espertos concorrentes. Ou o serol do relaxado cheira a patchouli, ou os perfumes dos outros... Eu já me explico.

*

* *

E' no *Reporter* de agosto de 1895 que eu me vejo embrulhado na discussão da sinceridade critica, com Fialho de Almeida, com Fernandes Costa e com tres cavalheiros mais modernos. Eu teria deixado em paz a discussão dos «problemas», se o meu nome houvesse ficado, — com o do Pina, — em justa obscuridade. Provocam-me os rheumatismos; hão de atural-os, sem falar das iras da dispepsia.

E em primeiro logar, como homem que ha um quarto de seculo vive, espiritual e materialmente, do que sae dos livros, deixem-me dizer-lhes, antes de falarmos dos criticos, que não ha «primeiro poeta», nem «primeiro dramaturgo», nem «primeiro romancista», nem «primeiro jor-

nalista», quando ha senso commum e boa educação, á falta de outros predicados.

Vir a publico affrontar nomes illustres, rebaixando-os a confrontações ridiculas ou odiosas, — com a *auctoridade* do ciume, da inveja, do odio, que se adivinham, e da ignorancia, que se revela, — é caso para embargos de quem se diz official do officio affrontado, e não para condescendencias de admissão, menos ainda para convite e incitamento. Só pelos seus pares — isto é, pelos obreiros da sua officina, inferiores embora em recursos — podem ser «julgados» os trabalhadores do espirito, e as condições da votação devem ser correctas, sem que possam bater palmas, em feira de escandalos, os espectadores do espectaculo dispensavel.

*

* *

Quero, porém, admittir á votação espiritos que estão fóra da Litteratura, amadores intelligentes e instruidos; mas todos os votos terão

de ser firmados pelos votantes e *justificados* quando os nomes dos votados se não impuzerem — sem admittirem discussão. Por exemplo, se me perguntarem quem são *os nossos primeiros jornalistas politicos*, eu respondo: — Marianno de Carvalho e Emygdio Navarro; *os nossos primeiros romancistas contemporaneos*: — Camillo Castello Branco e Eça de Queiroz; *os nossos primeiros auctores dramaticos*: — Marcellino Mesquita e D. João da Camara; *os nossos primeiros poetas*: — João de Deus e Guerra Junqueiro. Vamos aos *criticos sinceros?* Pois tratemos d'isso.

Antes de mais, devo dizer-lhes que, se eu fosse, ao termo de vinte e cinco annos, susceptivel de irritações em face de uma votação desfavoravel, eu ficaria socegado, a coberto d'estas ponderações: Que tenho visto, centenares de vezes, uns *novos* a solicitarem das redacções a publicação de artigos, ou de locaes em que elles a si proprios se louvam, e que é licito e obrigatorio suppôr que uma tal bréjeirada não hesitaria em aproveitar *a aberta* do plebiscito, para votar em si propria. O que me assombra é que elles não

levassem de vencida o João de Deus. E' a covardia inilludivel do Presente.

* *

*

Sinceridade ? Criticos sinceros ? Mas *Sinceridade* é simplesmente *Consciencia :* — a porção de «Sciencia innata que existe em cada um de nós». Sem auxiliares de estudo, a sinceridade do critico vale tanto como a de uma lavadeira. Auxiliada pelo *estudo* e pela *vocação*, completa a entidade critica. E' assim que uma interrogação sensata ácerca dos *primeiros criticos* da nossa terra, no periodo contemporaneo, daria em resultado, em meu juizo, a seguinte *solução :*

1.º O critico litterario mais instruido é José Pereira Sampaio *(Bruno).*

2.º O critico de mais talento litterario é o Fialho de Almeida.

3.º O Fernandes Costa está em pousio, e o Armando da Silva prepara se para entrar em scena. Lamento a retirada de um. Exultarei com o advento do outro.

Importa, porém, acrescentarmos que n'um meio tão pobre de litteraturas, a critica litteraria não constitue um *ramo critico*. Funde-se nas outras affirmações de *observação* e de *annotação*. E o auctor da «Geração Nova» tem de ser o auctor das «Notas do Exilio», e o auctor dos «Gatos» tem de ser, de certo modo, encyclopedico. Como Ramalho Ortigão, mas superiormente educado.

*

* *

Diz-nos ali, no *Reporter*, um sujeito — que «entre nós não existe a critica.» — «Não ha rendas nacionaes como as de Malines: saiba-o v. ex.ª! Mas as belgas são a mais de libra cada metro!» Que me dizem ao rhinoceronte de corno molle?! Onde foi, lá fóra, que a critica se affirmou sincera? Foi com Sainte Beuve? Perguntem-n'o a Balzac, que o reduziu a torresmos! Foi com Gustavo Planche? Perguntem-n'o aos amigos de Victor Hugo! Foi com H. Taine? Perguntem-n'o a Jeronymo Bonaparte!... Lá

fóra! Não temos cá! — «E uma renda de Peniche, a imitar, assim coisa de seis vintens, senhor Jacintho! ?...»

*

* *

Vem d'ali — estou-o ouvindo — o meu amigo Z. de Peniche, e pergunta-me o que fica em *fauteuils* de orchestra, para os litteratos Sicrano e Beltrano. Estão tomados todos os logares; mas não se incommode por isso o de Peniche! Ha logares independentes no singular theatro. São para os «amadores perpetuos», os que não solicitaram nem toleraram classificações: tão amadores que não parecem actores, mas espectadores.

Taes são, uns d'estes bizarros, por indifferença de estudiosos fanaticos; outros por scepticismo de quem tem vivido. Cruelmente vivido.

Cá estou eu!...

*

* *

Sinceridade critica? Ha vinte annos, surgiu-me no Porto um drama de Antonio Ennes. Chamava-se *O Saltimbanco* e apoiava-se nos *Lazaristas*. Critica e publico applaudiam, doida ou parvamente. A' segunda representação, eu metti-me em casa e escrevi um artigo de cinco columnas d'um jornal. Ficou vinculado á peça. Está n'um livro meu (1) O dramaturgo nunca m'o perdoou. Devo dizer aos felizes *novos* que durante essa noite, em que eu executei o drama do triumphador, a chuva caía em cima da minha cama e da minha meza de trabalho — passando pelos buracos do tecto. E o suor caia-me sobre a tal meza, em resultado do meu enfraquecimento.

Era o enfraquecimento da fome, meus filhos! Havia muitas horas que eu não comia, e preoccupava-me em coisas de Esthetica — como o

(1) *Combates e Criticas*, 1882.

meu sapateiro replecto de peixe frito ! E agora me diz um plebiscitario — que a minha *sinceridade* estava subordinada á minha miseria. — Tanto, poderia eu responder-lhe, como a sinceridade dos outros á satisfação das suas necessidades e dos seus gozos ! Mas não responderei tal. Admittirei que *todos nós* eramos sinceros : que na critica implacavel e nos applausos delirantes não influiam as condições materiaes da vida. E que ficava — em auctoridade de julgamento ? Simplesmente a que procedia das *habilitações* de cada um : dos recursos addicionaes á sinceridade. E' o que succede hoje — quando o meu sapateiro, desleal em seus contractos, ou o litteratiço anonymo em sua votação, me accusam de menos sincero que o meu velho amigo Fernandes Costa, e a este de menos sincero que o meu querido Fialho de Almeida e a José Pereira Sampaio *(Bruno)* de menos sincero de que qualquer de nós !

*
* *

Saber! Estudar para saber! Exige-o a arte de alfayate (não fallo do sapateiro, porque estou zangado!), e ha de dispensar esse trabalho, aos sapateiros e aos litteratiços velhacos, a minha profissão?! Não dou licença! Vão-se para o diabo os peiitrapos!

Aos vinte annos, na idade em que uns entram pelo *Cartaxo* e outros pelas bebidas brancas, eu, lançado no Jornalismo pela miseria e pelo abandono, entendi que deveria pagar, pelo estudo da minha profissão, os recursos que ella me havia dispensado. E assim fiz, e ha vinte e cinco annos que assim procedo — na lida por conquistar o inconquistavel por parte de subalternos como eu: a perfeição. Mas nunca deslustrei o meu officio, em homenagem ao qual vi definharem-se mocidades como a de Cesario Verde, como a de Alfredo Carvalhaes, como a de Narciso de Lacerda! Nunca deslustrei, a esse officio nobre, por um vislumbre, sequer, de in-

dignidade, de traição, de calumnia, ou de covardia, — a grandiosidade e a nobreza!

*

* *

E vem d'ali o anonymo, que me deixa sem botas, e o que deixa sem grammatica os artigos, — e discutem ambos a minha sinceridade critica e a dos meus honrados amigos, e oppõem uns a outros, em proposito da satisfação apalermada de estupidos e córneos rancores! Pifios canalhas! Entrevejo o nédio carão do *chuméco* que borda asneiras sobre o *fel do Fialho* — esse fel que, *descripto* pelo genial prosador, me arrancava lagrimas ha poucos dias! Os grandes bólas! como quem diria: — Os grandes merdas!

EXCELLENTE POVO!

Como se désse o caso de eu, segunda-feira á noite, affirmar, á hora da ceia, que está muito melhorada a nossa situação financeira, a dona da casa metteu-me á cara, á hora do almoço de terça, as gazetas da manhã,—segundo as quaes vamos fruir as delicias de mais 15 réis em kilo de assucar. E que se procedesse á cobrança immediatamente:—determinava o Hintze, diz que em defeza do consumidor. Cá a patrôa da casa entende que será para aproveitar os despachos de assucar, extraordinarios, em vesperas da Semana Santa — a das amendoas, — e eu objecto-lhe que, a pretender o Hintze apro-

veitar a época das amendoas, melhor acertaria —tributando o gêsso. «Amendoas com assucar» é do tempo dos Affonsinhos.

*

* *

Esta dos 15 réis no assucar — um pretexto para que no custo do genero, ao balcão, paguemos mais 30 réis, — e o augmento nos direitos do sabão, homenagem á porcaria nacional, e outras brincadeiras á vez: tudo isto sommado embranquece o resto dos cabellos pretos de um cidadão simplorio que vive com as mãos limpas e ao qual as contas da dona da casa vão elevando o passivo, sem que o activo offereça compensação. Muito mais sério o caso de eu ter de pagar em 1896, quinze tostões por dia, para as despezas cazeiras que ha seis annos eu fazia por dez tostões: muito mais sério, digo eu, que o réles livro do Fuschini e os grutescos desabafos do Fuschini e a rica venda do livro do Fuschini. Mas o Hintze assevera-me officialmente que eu estou em erro: que melhoramos dia

a dia, economica e financeiramente, e eu tal repito em casa—pois que é elle o *nosso financeiro* e eu sou um profano em taes assumptos. Pratico—só para o pagamento.

Faz-me lembrar o caso de uma pneumonia dupla que eu tive em 1870. Aos primeiros indicios, foi chamado um medico, que já morreu. Disse elle—que era uma constipação, que era o mesmo que coisa nenhuma. Eu e os meus reagimos contra o optimismo do homem; elle, porém, desdenhoso e algo indignado: — «Então quem é o medico? Eu, ou os senhores?»

Claro que era elle *o competente*; mas, á cautella, chamou-se outro clinico, e se esse me não reconhece a pneumonia dupla, estaria eu ha vinte e seis annos na Eternidade, — com o que os meus irmãos em Christo não teriam perdido coisa alguma, e eu teria ganho alguma coisa.

O Hintze é, pois, o *competente*, e se elle diz que melhoramos, não entro em discussões. Não chamo outro. Quem realmente me parece que melhora é aquelle *assucareiro* — não o trastinho de loiça: o traste com figura de gente,—que ha tempos, a esta parte, tendo sonhado com o au-

gmento das direitos no assucar, fez encommendas de truz, afóra o deposito que já tinha em casa e nos armazens da alfandega. Para aquelle não ha duvida nenhuma, a vida é um lambedor. Para outros é o que mal cheira e vós sabeis.

*

* *

Disseram ha tempos as gazetas que a sr.ª D. Amelia, esposa do chefe do estado, formulára ácerca do nosso povo, creio que o da Beira, a seguinte formosa phrase, tão gentil como a sua auctora: — «Meu Deus! que excellente povo!» Não o ha mais excellente, minha senhora! Chega a ser excellentissimo — assim o da Beira, como o das restantes provincias; e o de Lisboa, então, é de se lhe lamber os dedos. Elle cóme gêsso por assucar e por farinha de trigo, bebe oleo de purgueira por azeite doce, cozimento de malvas por chá da India, sangue de carneiro por vinho do Termo, e róe chavelhos do demonio por ossos de vacca ou de vitella. Assim ali-

mentado, trabalha como um burro, paga as contribuições, até que lhe penhorem os tarecos, pella-se por festas em que figurem tropa e musicata e, especialmente, vistosos vultos da Côrte, e contenta-se em applicar ás esfoladuras o extracto das lérias do Fuschini, publicado pelas gazetas,— esquecendo que o citado aventureiro foi o que mais lhe penhorou os tarecos, e o brindou com a contribuição industrial, ainda por cima!

Não ha um povo assim. Sua Magestade tem paraizos de razão!

*

* *

Venho já um tanto afastado do augmento dos direitos no assucar; e, se me demoro, não tardará que eu azéde. Porque não aconteça eu revoltar-me contra as affirmações do Hintze—de que vamos melhorando,— o melhor é acceitar-lhe a competencia: ou eu não pertencesse ao excellente povo que faz as delicias de Sua Magestade!

RATÕES

Conta-me o Felisberto, um loiraça das Obras Publicas, que no prédio onde elle móra, para os lados da Estephania, habita o andar nobre o conselheiro Malaquias e no quinto andar o Gaudencio das ostras, assim chamado porque tem o sestro de deitar no seu barril do lixo cascas d'ostras, para fazer crer que vive á grande. O Malaquias é rico como um porco, diz a visinhança; o Gaudencio é um banaboia sem vintem; mas ha *factos* que aproximam perante a critica e a bisbilhotice aquelles filhos de Deus. Não deixam de ter sua graça, como vão ver.

*

* *

Corre mundo, desde a Arcada á sacristia de Santa Izabel, a crise ministerial imminente: que é alijado o ministro da Fazenda. E para logo surge em todas as gazetas o boato, o zum-zum, a suspeita de que o Malaquias teve com o ministro mais preponderante no governo uma conferencia em casa do governante e outra na secretaria: conferencias de duas horas e pico, ao termo das quaes o Malaquias saiu das escadas respectivas, para a sua tipoia, com um ar de mysterio que pôz em agua as cabeçorras dos provadores de sarapatel politico, — reporters da especialidade, alviçareiros, pretendentes da Arcada e progressistas do beco sem sahida — os de uma fé e os d'uma canna. Espalha-se que o Malaquias, sondado pelo Ortigão, puzera a bocca em sobre-anus e em alvo os olhos de goraz cosido, e enterrara a cabeça entre os hombros, o que, tudo sommado, quer dizer: — «Grave, mas nada resolvido!» D'ahi rezulta, em toda a

linha das gazetas:—«Indigita-se o sr. conselheiro Malaquias, que já hoje teve duas prolongadas conferencias com o sr. ministro do Reino.»

*

* *

Ora, o Felisberto das Obras Publicas, vizinho do Malaquias e com a esperteza aguçada pelo rancor,— pois que o conselheiro já despediu tres creadas, á conta de lh'as namorar o Felisberto, — o rancoroso vizinho, digo eu, tomou a peito descobrir o fundo de intrujice em que se firmam as glorias politicas do mau patrão. Pés e nariz á obra, durante as duas ultimas crises, e eis o que elle sacou, em grutescas indignidades, da agitação do aspirante a ministro:

Ao inicio da crise governamental, o Malaquias dirige-se em tipoia á rua onde móra o ministro preponderante. Já por alli rondam os fura-vidas da informação, e a chegada do Malaquias produz effeito sensacional. O homem penetra na escada do ministro, sobe e dirige-se ao andar superior — onde tem um quarto alugado. Alli se en-

cafúa, alli se conserva, só, melancolico como um burro sem burra, espreitando pelas cortinas de cassa, da janella, o que se passa na rua: os politicos que chegam, os informadores jornalisticos á coca,— até que n'um momento de confusão na escada e de movimento acentuado á porta da rua, o Malaquias precipita-se, erguendo a golla do *pardessus*, ar de mysterio, bocca em sobre-anus; recebe a continencia do policia e encafúa-se na tipoia. D'alli vae-se ao almoço, até á hora da *segunda conferencia*.

Essa é na Arcada, na secretaria. Ha grande concorrencia á *ante-camara* do ministro. Malaquias manda o bilhete ao estadista; segue o continuo até á porta, e—agora é que são ellas!

Como quer que o reposteiro seja amplissimo e com mais prégas do que as do commendador Francisco — na pittoresca informação da Soledade,—Malaquias embrulha-se no *reps*, e alli se conserva em santa paz, durante horas esquecidas, pois que o bilhete não tem resposta: o ministro não o recebe e o continuo não pensa mais n'elle. Diz-me o Felisberto que a *estação* do Malaquias, embrulhado no reposteiro, pro-

longa-se ao ponto de o *indigitado ministro* levar meia duzia de *sandwichs* para fortalecer o estomago. O Felisberto descobriu as migalhas e o papel do embrulho.

Por entre as prégas do *reps*, o Malaquias espera o ensejo de safar-se, sem que lhe percebam o artificio; sae imponente, de chapéo na cabeça, recebendo os cumprimentos dos continuos, e desce magestosamente a escada da secretaria. Na arcada ha sensação, e os jornaes da noite dão conta de duas conferencias do magico, e o orgão da travessa da Espera, muito embezerrado, chama-lhe sandeu.

*

* *

O *facto* reproduz-se com certas variantes na vida do Gaudencio das ostras, — bisbilhotice do Felisberto, por que o outro lhe empalmou uma das sopeiras do Malaquias: a Natividade. O Gaudencio possue uma lista de funccionarios adoentados e de outros em vesperas de reforma: funccionarios de posta gorda, bem entendido. A

morte não segue mais attentamente o primeiro official com lesão cardiaca do que, por toda a parte, desde casa á repartição, e vice-versa, diariamente o vae seguindo o Gaudencio. Se o *triste desfecho* se demora, o Gaudencio escreve bilhetes anonymos ao doente, a dar-lhe noticias de sensação, que o sacudam, e, quanto aos que se demoram em reformar-se, ameaça-os de revelar ao ministro *aquillo que elles sabem*. E' raro o sujeito que não tem na vida *aquillo que não quer que se saiba*: já lançou na reforma, o Gaudencio, oito empregados de pezo.

Apenas ha morte, ou reforma, o Gaudencio atira-se á via sacra dos cafés e das tabacarias, á caça de jornalistas. Se os não apanha n'aquelles centros, cae nas redacções, como uma bomba (sem a minima allusão contra a Lei!). E' para insinuar, segredar, deixar surprehender — que é elle, Gaudencio das ostras, o indigitado para a vaga. Em dez jornaes annuncia-se a nomeação do «nosso amigo, distincto e intelligente cavalheiro: nomeação que tanto honra o ministro como o nomeado.» Pois sim! é nomeado o Borges, o Simões, o Fagundes, o Ara-

nha; mas o Gaudencio continúa a espreitar os cardiacos e a ameaçar os refractarios á reforma. — «A sorte grande, dizia-lhe João de Deus, que o aturava, é uma coisa que sae aos outros.»

E n'estas divulgações rancorosas das fraquezas dos visinhos passa a vida o excommungado Felisberto. Peior que a velha Gouveia — minha vizinha e terror da minha travessa. Talvez seja filho d'essa furia!

AQUELLE SUJEITO

A penna illustre e vingadora de Camillo Castello Branco abriu sulcos de superrima justiça na sociedade portugueza contemporanea : raro, porém, desceu ás alfurjas da Politica, onde se fabricam os *conselheiros* de marca especial do Grutesco e predilectos da Ventura. Pois valia a pena: que o *Fagundes* (vá lá o Fagundes !) daria para um quadro de assombros na galeria do Mestre portuguez.

O nosso conselheiro não é grave, a não ser da gravidade do quadrupede malsinado em symbolo de estupidez; a sua honestidade não vingaria salvar-se da forca, dado que em cadafalso

expiassem seus delictos os intrigantes. Venho hoje marcar-lhe logar distincto n'esta galeria modesta, pois que o Destino — chamado Feitiço pelo Gungunhana, — lhe não concedeu as honras de superior execução.

*

* *

Excava-se nas origens do nosso homem, e não é difficil encontral-o a rilhar ambições, que os honestos consideram ridiculas, nas ultimas camadas dos aspirantes ao amanuensado. Espreitamos a dentro d'aquelle cerebro, para o fim de lhe estudar os recantos, e a custo descobrimos a faisca do instincto — o instincto da nullidade, que torna o homem feroz, quando conjugada com a ambição.

Agachado na sua inepcia venenosa, espera o ensejo para mostrar se *gente*. Ahi vem o ensejo: um politico descobre lhe prendas especiaes: o villão tem boa letra, é servil e calado, dobra a espinha, sem que o peso do cerebro o desequilibre: póde ser um secretario de escada e um

moço de recados *doublé* d'um alcoviteiro.—«Venha o mostrengo para o serviço!»

Pé no primeiro degrau. Faisca a pederneira da esperança. Está no convivio com uma especie de superior que dispõe do seu futuro. Copia documentos, faz contas, faz o seu recado, é modesto nas apparencias, contenta-se com uma triste gratificação, e quanto a bebedeiras — só clandestinas. E' considerado *de segredo*. A imperatriz romana tomaria em sua presença um banho,—não o julgando um homem. Ao chá, as filhas do politico referem-se-lhe compassivas:—«Coitadinho!» No olhar do traste ha um nevoeiro londrino.

*

* *

Vaga um logar na secretaria. Cáe o Fagundes (vá lá Fagundes!) em melancolia negra, e a mulher do politico interroga-o. O bisborria desafoga em choradeira de falsas desditas e commove a sensivel senhora. E' solicitado o politico.—«Pode lá ser! Esse homem é um burro! E, alem

d'isso, ha direitos adquiridos da intelligencia e da honestidade.» — «Mas é tão serviçal, coitadinho!» Está servido.

E' segundo official; veste-se melhor, mas não endireita a espinha, — antes pelo contrario. A furto vae emittindo opiniões; revela-se influente eleitoral na sua rua; o politico descobre-lhe *dotes especiaes*. — «Talvez se faça d'aqui um homem.» E emquanto se não faz um homem, fal-o primeiro offiicial

Está agarrado á escada, no terceiro degrau. Já d'alli não arrancam aquelle polvo. A fortuna precipita-se... Deputado, chefe de repartição. Usa sobrecasaca e ademanes de Guizot. No parlamento,—não fala, mas tem sorrisos vagos. Por detraz dos vidros da luneta, o olhar é cada vez mais torvo. De repente, é nomeado para uma commissão choruda, em paiz extranho. Vae, demora-se, é calado e grutesco; regressa e é feito conselheiro e director geral. Justificação: Está elaborando um relatorio.

*

* *

A partir d'esse dia, é considerado um forte. Aquella dejecção resequida é um rochedo. Gaba-se de que saiu do Nada e, na sua secretaria, esguicha sobre os seus empregados todo o fel condensado das bajulações aos superiores. Não admitte que lhe falem de politica em assumptos de serviço, esquecendo que foi ella — a relaxada — quem o arrancou ao destino de carroceiro. Incapaz, por estupidez e por ignorancia, de servir o *seu partido*, não hesitará em voltar-lhe as costas, e ao seu protector, nos dias de desventura. Não endireita nem robustece a espinha porque tem acima o ministro; mas é o terror dos subordinados. Fala da lei, da ordem, das garantias constitucionaes; crê tanto no Rei como na Republica e nunca percebeu o que fossem direitos internacionaes, aspirações e reivindicações. Monarchia e Republica estão livres de tal

crente, que em qualquer dos terrenos seria um miseravel—como tantos outros. Barrigudo, altivo, quasi feroz, *baixa os olhos quando eu o encaro na rua.* Vão lá entendel-o!

COIRO E CABELLO

Ora, acontece que o sr. Conde de Ficalho, creado da caza real, vencido da vida e cábula em Botanica, depois de haver sido inventado conselheiro de Estado e inspector das Bellas Artes, vae, como embaixador extraordinario, á capital do imperio russo, para o fim de nos representar,—ao sr. D. Carlos, ao commendador Francisco e a mim — nas festanças da coroação do Nicolau. A gente não se salvava, se não manifestasse intimidade com o Nicolau. São cá da nossa sociedade o Nicolau, o Guilherme, o Francisco José e a Victoria. Por signal, a Victoria gosta muito da Soledade: são unha com carne —as duas patuscas.

*

* *

Pois é verdade, lá mandamos o Ficalho, e se não aproveitamos os serviços do Ornellas—morgado do Caniço e nosso ministro na capital da Russia—é porque os cofres do Estado estão plethoricos de *massa*, como a cabeça do *lord* está prenhe de ideias rezolutivas, e não ha remedio senão inventar despezas. Temos um ministro rezidente em S. Petersburgo, a ganhar um horror de dinheiro; vem a festa do amigo Nicolau, o tal ministro é como se não existisse, e o Ficalho é nomeado, e este e todo o pessoal da embaixada não fazem obra com menos de cem contos. Verdade seja que muito mais nos leva *um recebedor* de Evora e é agasalhado e animado até levantar o vôo para ignotas regiões. Ou para roubos, ou para festas, nós cá estamos com a *massa*, — e o cofre das contribuições alli está de bocca aberta, como um cação afflicto.

*

* *

N'estas condições obnoxias de estroinice, o *Correio da Noite*, fiscal da moralidade administrativa, desata a berrar como um perdido. Faz contas de cabeça e chega a trinta contos — aqui d'el-rei! Pois sim, Thereza! A gente lembra-se d'aquella historia, que eu já lhes contei, dos mil contos para festas—pedidos pelo rei D. Luiz ao Fontes, recuzados por este e arrancados ao contribuinte pelo José Luciano—que assim apanhou o poder. Não sabiam, ou tinham-se esquecido os pagantes? Pois é a verdade, e se elles negarem, —que não negam,—eu chamarei á barra a unica testemunha sobrevivente do pedido do rei, da recuza do Fontes e do *arranjo* do chefe progressista.

Era para festas do principe herdeiro. Mil contos de réis, ó gentes! Supponham agora que o actual reinante pede ao *lord* (pedir é modo de falar) mil contos, em vez de cem, para uma embaixada de truz, que dê ideia dos tempos de D.

Manoel. Imagine-se que o *lord*, dando-se ares de escrupuloso, recuza applicar o novo caustico aos lombos da besta contribuinte. O que conjecturam que faria o reinante ? Claro que mandava o *lord* a idiotisar para Caneças, ou para caza do diabo. E o que prevêem que faria o Progressista? Clarissimo que applicaria o caustico—e que nós pagariamos os mil contos : o nosso dinheiro é como o do soldado: chega para tudo.

E teriamos no poleiro os Progressistas, e o *Correio da Noite* calado como um rato em materia de estroinices, e a celebrar os sacrificios dos herdeiros dos Passos á Carta Constitucional e ás instituições em risco. Digam que não, seus catitinhas !

E não ha de a *alma nacional* ser descarada, quando a violam tantos fadistas ? Justiça ! Justiça !

LÁ PARA CIMA

Em varias folhas lisbonenses do dia 30 de outubro proximo passado, lê-se — é na descripção da viagem real e da visita do rei ao *Figaro* de Paris, — as seguintes linhas, que teem de ser annotadas :

«Sua magestade não quiz deixar a redacção do *Figaro*, sem visitar as officinas onde se estava compondo o numero do dia seguinte. Conversou com os typographos, vendo-os trabalhar, desceu á casa de impressão, onde esteve examinando as machinas do jornal e quiz vêr tambem a operação da clichagem, que lhe pareceu muito curiosa.»

Leram? Pois ouçam agora :

*

* *

Era eu pequeno e rezidia no edificio de uma fabrica, ahi para os lados dos Terramotos, quando se produzia o caso, vulgarmente, de um sujeito com um pequeno uniforme de general, e dando o braço a uma senhora, entrar no pateo da fabrica e perguntar ao primeiro operario que passasse :

— «Está cá o sr. Pinto ? *(era meu pae)* Posso falar-lhe ?»

O operario procurava meu pae e communicava-lhe :

— «Estão lá fóra o rei e a rainha. Querem falar ao patrão».

Eram D. Pedro V e D. Estephania. Amigos de meu pae e interessados na industria do honrado homem. Conheciam, ao fim de algumas vizitas, os processos do fabrico, e ás relações affectuosas do rei e do industrial se deve alguns melhora-

mentos nas pautas d'aquella época, — foi ha perto de quarenta annos.

Depois da morte de D. Pedro não houve mais vizitas régias á fabrica de meu pae. Um industrial vizinho, cioso, obteve uma vizita do rei D. Luiz, mas arranjou philarmonica. Uma entrudada, meus senhores e amigos!

*

* *

Ora, o nosso rei D. Carlos, que teve de ir ao *Figaro*, de Paris, para admirar o trabalho da clichagem! Ha uns poucos annos que eu a conheço do *Correio da Noite*, onde S. M. poderia tel-a visto — muito curiosa! — se não quizesse vêl-a no *Seculo*, onde naturalmente o receberiam com o agrado das pessoas cortezes — quando recebem vizitas. Mas é fadario, enguiço, mau destino, o que leva o chefe de estado á abstenção das boas acções! Porque não vizita o sr. D. Carlos as redacções e as officinas das gazetas do seu paiz? Olhe que é bonito á meia

noite, se é folha da manhã, e ahi pelas cinco horas da tarde, se é folha da noite! *Original* que falta, ou *original* que sobeja, e grande azafama — para não faltar ao correio. E os revisores causticados nas ultimas provas, e o paginador que pragueja, e os redactores que contam anecdotas — depois de terminada a faina. Interessante! Alli no *Pimpão*, não ha as bellezas da folha diaria; todavia, é bello espectaculo, em certos dias e determinadas horas, o da agitação do numeroso pessoal das officinas, a pular endemoninhadamente pelas salas e pelos corredores do edificio: provas para aqui, originaes para acolá, os da administração cruzando-se com os da typographia e uns e outros esbarrando com os da redacção — poetas romanticos e prosadores realistas! Um vendaval, mas encantador!

*

* *

Ora, o nosso rei que vae a Paris admirar a clichagem ás officinas do *Figaro!* E porque não a lavagem da roupa branca, pelas *saloias* fran-

cezas, nos arredores da *capital dos povos*, — quando alli tem na freguezia do Almargem, concelho de Cintra, as minhas ricas lavadeiras do logar de D. Maria ? ! Sério, sério, porque não se chega S. M. ao seu povo, em affirmação sincera do patriotismo puro ? Olhe que tem boas qualidades — o seu pobre povo !

GUIA DO VIAJANTE

Não ha pretextos que não lembrem ao commendador Francisco — para se livrar de dar uma esmola ao seu imão em humanidade. Ora, me fala da *industria dos mendigos*, logo da *falta de quem trabalhe*, *emquanto a vadiagem enxameia*. E que os cegos são fingidos e que as creanças ganham para emprezarios : o grande diabo em argumentação — e não lhe apanham uma de *X* os desvalidos.

*

* *

Tenho andado, por essas e por outras, um tanto afastado do commendador. Não me sae

boa-rolha! Remette carapaus á familia e perdizes e *foie gras* á Soledade; diz mal do Novelli, sem o ter visto; applaude o Henrique III pelo Augusto Rosa; achou *rasoavel* — filho da mãe! — a *Tosca* pela Sarah Bernhardt, e collaborára em dez chamadas á *Tosca* da rua da Palma; enxota as creanças; não beija os filhos e beija no focinho e no cú o ridiculo cãosito da amiga. Hun! saiu-se-me um patifuso de marca!

*

* *

Mas, não é ao commendador — arrumado — que se dirigem as minhas indicações; é aos viajantes sinceros nas regiões da Caridade. A esses, aos que, uma vez por outra, temem ser illudidos, offereço, á laia de «guia do viajante», as seguintes notas elucidativas:

Ha um amigo meu, que, do seu pouco, dá quanto humanamente possivel em taes circumstancias, *mas dá sempre ás creanças*. Um rostosito emmagrecido e pallido d'um pequenito é recommendação segura para o nosso homem. Não

dá dinheiro, — com o que perdem os emprezarios e ganham as creancitas. Leva a creança a um padeiro, se não ha dinheiro para mais, e dá-lhe fartadella de pão — a comer á vista. Se é em hora de fortuna, leva-a á taberna — e ha sopa economica para o petiz. Uma vez, entrei no tunel de S. Gothardo, na rua Ivens, e vi-o abancado com trez pequenitos vestidos de luto, enfézaditos e a comerem sopa de massa, com uma sofreguidão de naufragos. Achara-os no Chiado, á chuva, a tiritarem, perdidos de fome e a receberem empurrões dos senhores gordos e das delambidas, que iam para o theatro. Deve-se lembrar o dono do estabelecimento. Com a pansa cheia e com os seus *canôcos* de pão para a viagem, lá se foram caminho de casa — na travessa da Horta da Cera. Não me hade esquecer os olhares reconhecidos dos pequenitos para o *senhor* que lhes matara a fome. Só n'aquellas idades, o homem tem bondade e gratidão, — que parecem de *irracional*.

*
* *

E não é só matar-lhes a fome. Ha outros processos para suavisar aos innocentes as asperezas da entrada n'este rico mundo. Uma noite, o meu amigo viu junto ao mostrador de um confeiteiro no Rocio, á beira da chapelaria do Roxo, dois pequenitos rôtos, que namoravam os doces da confeitaria. Indicavam um ao outro os pasteis e os biscoitos e os doces d'ovos que mais predilecção lhes mereciam. Por fim, um d'elles, vociferou : — «Eu cá comia tudo o que alli está dentro !»

Entrou o nosso homem na confeitaria, comprou dois pasteis, saiu á rua e deu um a cada creança. Foi de um effeito delicioso ! As creanças lançaram mão dos bolos ; a mais velha, de seus 9 annos, pôz-se a rir, e a mais pequena deitou a lingua de fóra, e com ella cahida, quedou-se em meditação.

O homem acariciou-as, affastou-se e foi espreital-as a distancia. Viu que o seguiam com os olhos e que, só depois de o perderem de vista,

resolveram comer a lambarice. Então comeram com delicias, rindo um para o outro; e dias depois, em uma rua distante, o meu amigo ouviu uma voz infantil que dizia: — «O' mãe! aquelle é que é o senhor dos bolos!» Lá iam os dois pequenos com a mãe, e disseram-lhe adeus, sorrindo...

Por egoismo, ao menos! Suavisem os seus corações ulcerados e velhos — com a gratidão dos innocentes!

ORÇAMENTO

Não me refiro ao que tem por Argus o nosso insubstituivel Carrilho; é do orçamento particular que eu falo... ou antes, é d'esse que me falou hontem o meu velho philosopho Tiberio, n'um corredor de S. Carlos. Tiberio veiu de Alcoentre, a terra do Frederico Arouca, e diz que viria da China, como eu viria do inferno, para adorar a Sarah Bernhardt. Foi n'um intervallo da *Gismonda*, que elle assim falou:

*

* *

—« Esta vida de Lisboa não me agrada, sob

o ponto de vida orçamental. Eu não sou um forrêta, e não desgosto do que é bom : portanto, géme a carteira ! Mas ha uma coisa que me irrita : não é o caso de eu pagar n'um restaurante, por um jantar rasoavel, o preço de dois dias de alimentação de uma familia ; não é porque em bebericadellas nos cafés lá de fóra e nos cafés dos theatros se me vá um dia de rendimento. Quer você tomar alguma coisa ?

— Tomaremos Pilssner.

*

* *

E á mesa do botequim de S. Carlos — aquella belleza — proseguiu o philosopho :

— « Imagine você que ainda agora, depois de anoitecer, procurei-o na redacção do *Paiz*. Você tinha sahido, ao que me disseram, — e talvez voltasse antes do espectaculo. Esperei, uns dez minutos, e emquanto os seus collegas trabalhavam á luz do gaz, imagine você que uma mulhersita do povo, esfarrapada, livida, levando pela

mão um pequenito que chorava, entrou na sala da redacção e disse precipitadamente :

— « Eu e os meus quatro filhos — este e os que lá estão em casa — não comemos desde hontem á noite. Elles coitadinhos, já não pódem mais e eu... parte-se-me o coração. Vinha pedir... Vinha...» E rompeu em soluços.

(Ia começar o quarto acto da *Gismonda*. Um jornalista meu amigo disse-me, atravessando o botequim : — «Olhe você que já tocou !» Senti-me com a pallidez de um criminoso surprehendido, e perguntei ao Tiberio :— «E depois ?)

— «Depois ? Fez-se alli uma *quête*. Todos deram, os de casa e umas visitas. A mulher mal agradeceu, e saiu a correr, com o pequenito. Eu sahi logo depois, e fui passeiar muito aporrinhado para a praça de Camões. Que diabo ! Ha o direito de vir gozar durante tres horas, com o dinheiro que durante uma semana mataria a fome d'aquelles cinco innocentes ? Responda-me a isto !

— E' complicado. Olhe o amigo Tiberio que dos espectaculos da Sarah, que lhe dão remorsos a você, sae o pão de muitas familias : o pes-

soal inferior do theatro, as costureiras que trabalham para as damas, os cocheiros, os creados, o diabo! Depois, um espectaculo da Sarah adoça o espirito e o coração tambem. Se eu saio d'aqui feliz, pelas emoções nobres com que me brindou o genio d'esta mulher, sou mais sensivel aos soffrimentos dos outros. E note que eu sou insuspeito na defeza. Eu não venho ao theatro *para me divertir*: é por dever de officio. Que pensa o meu amigo?

— Hun! Talvez tenha razão. Já agora tómo outra cerveja. Que me diz a isto?

— Que tóme quantas quizer, se tem vontade e dinheiro seu. Das fabricas de cerveja tambem vive muitissima gente.

Tomou.

*

* *

— Mas ha uma coisa que me irrita, insistiu Tiberio, coçando a calva. E' que, não me revoltando eu, em absoluto, contra as despezas que me impõem os meus apetites, dou urro quando

penso, a proposito de casos como aquelle da mãe e dos filhos famintos, nos sacrificios que faço á minha vaidade. O amigo espanta-se? E' isto que lhe digo: circumspecto, vivendo longe da capital, — centro das vaidades portuguezas, — não faço a minha obra de impostura com menos de tres tostões por dia: é o pão de uma familia.

— ?

— Não entende? Pois vae perceber; mas, antes d'isso, deixe-me pagar, pois que o convidei... E agora, vamos até lá dentro.

Fomos; e, a meio do corredor, deteve-me o philosopho, e assim me disse:

— Não viu agora? Fizemos de despeza um cruzado e dei um pataco ao moço. Porque? Porque m'o dictou a vaidade. Se eu não désse a gorgêta, passaria por pelintra. Dei-a; sou um homem generoso, e abastado — presume-se. Com esta, sommam hoje dezeseis vintens. Uma foi, no restaurante, a um creado que empresta a uros aos freguezes e ao qual se atribue uma fortuna de vinte contos. E ás vezes, se um miseravel nos pede esmola, pretextamos todas as ve-

lhacarias — para lhe não dar dez reis. Vaidade e maroteira, meu amigo! Vamos vêr a Sarah!...

Fomos.

A TAL COISA

Estavam justamente esperando dois dos meus leitores effectivos que eu lhes fallasse das eleições, o terceiro opinava por differente modo : — que eu trataria da Sarah. Mas, emfim, já lá vae a Sarah Bernhardt e os «abbades de Maximinos» cá nos ficam, por castigo de peccados nossos. Annotemos ao correr da penna e do pêllo, a expiação dos nossos peccados !

*

* *

Vem á supuração da mixordia o novo parlamento, já conhecido por *parlamento da policia*

como *representante das classes*. Taes representantes foram escolhidos pelo governo, e não consta, até á data d'hoje, que *as classes* interviessem na questão. Viu-se — á beira da urna : só os policias, municipaes e outros dependentes do governo votaram nos escolhidos. As classes trabalhadoras, as productoras não appareceram, sequer para um protesto. E' que lhes pareceu demais : a gente vae cerceando o pão dos filhos, para sustentar vadios, a simples imposição legislativa de patétas, de tagarellas e de intrigantes. Pagar é obrigatorio — pois que nos obrigam ; mas sanccionar com a votação, pró ou contra, a *auctoridade* de taes legisladores seria um cumulo de imbecilidade. Reagiu o povo. Fez muito bem, — e já era tempo !

*

* *

Faltam no parlamento muitos intrigantes, mas ha outros elementos *graves*. Dado que não sejam dissolvidos, imponha-se ámanhã a esses paes da patria a votação do imposto predial como elle

deve sel-o. Não votam : reagem, fazem o diabo ! Digam aos agricultores graúdos que lá estão — que votem o aforamento da propridade rural aos pequenos lavradores, a quem o governo daria sementes e utensilios ! Digam-lhes que o Banco Hypothecario será arrasado, como merece, e que sobre as suas ruinas se elevarão os bancos locaes de credito agricola ! Mettam n'essa os inventores d'aquelles parlamentares : nem o apoio *governamental, para o que dér e vier*, do Jayme da Costa Pinto salvará o governo. Aquillo é gente para tudo, quando reagem os vermes dos intestinos.

*

* *

Pergunta-me um velho minhoto que foi d'uma canna em 46 — que dianho hade fazer um povo, depois de se haver *abstido* sem ideia de revolução immediata. Eu lhe digo, como diz o outro. Não se exalte, que o tempo das *revoluções politicas* passou como as pillulas purgativas De Haut! Hoje, a tarefa, mais benigna, consiste simples-

mente em *esperar*. Esperar o que ? Pois não vê, nem ouve ? Alli está o philosopho Tiberio, que ainda ha quatro dias me disse, n'um intervallo da festa artistica da Sarah : — «A minha vontade seria não ter nascido, ou ter morrido hontem. O dia de ámanhã, em que péze aos bonifrates das gazetas pandegas, afigura-se de arripiar os cabellos. Você que diz ?»

E eu : —Tambem me parece que vem turvo ; mas não desgósto — para falar com franqueza. A humanidade da minha patria, — como dizia o Jayme da Ajuda, tem-me roubado o dinheiro e as illusões. Tenho as minhas contas a saldar com o destino ; e se fôr preciso quem metta lenha, cá estou eu.»

Que um parlamento d'estes é muito util — sem dar por isso...

A SARAH

Esta mulher prodigio—a Sarah Bernhardt—é o maior remorso que eu levo para o outro mundo. Remorso de eu haver crido e affirmado que já vira representar a toda a altura do Talento — creador e critico. Estava-me reservada a surpresa para este ponto da vida, em que o enthusiasmo de uma noite me prostra doente — no dia seguinte. Os meus leitores effectivos hão de achar fria e mesquinha a prosa de que disponho ao serviço do meu sentimento; mas é que me tenho gasto, ha quinze dias, a expandir-me em successivos artigos e artiguinhos e locaes e relatorio de *interview*, em jornaes de

Lisboa e do Porto, e tenho berrado no theatro e feito discursos cá fóra. Felizmente, não encontro contestações: quando eu digo — *Espantoso!* oiço — *Maravilha! Assombro! Estonteamento!* De resto, eu não desenvolvo agora, á luz da critica, o meu pensamento, nem o meu sentimento. Esta pagina não é de critica litteraria, e o que havia a dizer em tal sentido algures ficou já dito.

*

* *

Mas não me dispenso de annotar com uma breve *historia* a observação que hontem li n'um jornal: Que a voz da Sarah Bernhardt tem perdido a suavidade e o timbre dos primeiros tempos. Ora eu lhes conto :

Haverá vinte e cinco annos, eu ia todos os domingos a Bellas, e hospedava-me nos *Pascoaes.* Gostava eu muito da comida á portugueza, que se fazia n'aquelle hotel. Encontrava lá por vezes um amigo meu, da minha idade e que hoje está, como eu, velho, já se deixa ver.

Exaltava-lhe, com applauso d'elle, os bifes muito tenros e a omelette muito macia e a sopa e o cosido muito bem temperados, que ao almoço e ao jantar nos forneciam as *Pascoaes*. Aquillo dos passeios a Bellas acabou, quando eu tive de principiar outros *passeios* menos divertidos e com iguarias de peior tempero. Decorreram bons vinte annos, e haverá uns cinco fui eu a Bellas, com o Marius, matar saudades e dar um dia de campo ao meu querido e innocente amigo.

*

* *

Almoçámos nas *Pascoaes*. O Marius comeu muito e gostou muito. Eu não gostei. Viemos para o largo, passear, e qual não foi a minha surpreza, muito alegre, ao deparar-se-me o velho amigo que vinte annos antes saboreava comigo os guizados do hotel! Tratei logo de desabafar: disse-lhe que já não era a mesma a cosinha das *Pascoaes*: que os ovos não eram frescos, que era dura a carne, a manteiga ran-

çosa, o assucar mascavado, o pão sem sabor, o vinho azedo, o café agua de castanhas, o leite aguado... Um dia de juizo!

Pôz em mim os olhos compadecidos o meu velho amigo, e assim falou:

—«Eu estou aqui ha um mez em Bellas, e tenho ido almoçar e jantar ás *Pascoaes*, uma duzia de vezes. D'esta vez, meu velho, não estamos d'accordo, e eu estou cheio de razão. Os ovos de agora são tão frescos como os de ha vinte annos, a carne é tenra, a manteiga é fresca, o assucar é branco, o café perfumado, o leite puro, o pão de boa farinha e o vinho de boas uvas. Tu é que estás estragado: o teu estomago é que tem *ranço*, mais o teu paladar, mais o teu olfato, mais a tua vista! Não lances a culpa aos guizados *que já te não sabem tão bem*: lança-a á decadencia dos teus sentidos. E, depois, com um esforço de memoria, de imaginação, de boa vontade, tu verás como ainda consegues resuscitar os teus gozos antigos!»

*

* *

Fiquei passado. Devia ser assim. Era assim. Jantei nas *Pascoaes* — e achei tudo como no outro tempo. O' tu que achas mudada *aquella voz*, trata bem dos teus ouvidos velhos !

PELAS CREANÇAS

Não faltam reformadores da instrucção n'esta terra instruidissima; mas, pelo que toca ao meu caso de hoje, só conheço João de Deus á altura da gratidão dos pequeninos. E todavia ha muitos annos já que eu parafuso n'um assumpto que daria para benemeritas meditações de meia duzia de pensadores na especialidade. Eu lhes digo...

*

* *

Supponho que um dos meus leitores tem, lá em casa, creança que frequenta a escola. Tem-

n'a visto regressar d'alli, com a lição marcada para o dia seguinte. E' do *Methodo*, é da *Moral*, é do *Cathecismo*: vinte linhas a decorar em cada um livro. O meu amigo Marius empallidece, quando pensa na tarefa, muito mais depois que uma febre tiphoide lhe alterou as faculdades da memoria. Mas, emfim, diz-se-lhe — Linda coisa o *saber*. E o innocente está convencido: decóra, e lá vae, no dia seguinte, papaguear o que vós sabeis.

Linda coisa o *saber*, — mas nasce aqui o problema: — Depois de martyrisado, fica elle *sabendo?* Já lhe perguntei, por curiosidade, de folheto em punho: — «O que é Moral?» Respondeu o pequeno, palavra por palavra, o que consta do compendio e que me não lembra. E eu, no fim: — «E que quer isso dizer?» E o Marius, com um risinho constrangido: — «Eu não sei, não entendo.»

Mas decorou á lettra, como preceitúa a Pedagogia e o exige o bronco examinador.

Não é galante?

*

* *

Não me hade esquecer do que em 1858, — tinha eu dez annos e estava no collegio do jesuita Rademaker, em Campolide, — se tratou de uma solemne distribuição de premios. Eu era o distincto em Historia, e ainda possuo a medalha que então me foi concedida. Sabia muita Historia — aos dez annos : um infante prodigio ! Ora, cada um dos rapazes distinctos devia na grande festa recitar um trecho da sua especialidade. Foi-me distribuido o «episodio do Adamastor» nos Luziadas ; não todo : dez estancias. Eu nunca as tinha visto.

*

* *

Chamou-me o padre Rademaker e perguntou-me se eu poderia decorar em dois dias aquellas dez estancias. Que sim, e que até muito mais ! Mas bastavam aquellas, e eu lancei-me á brinca-

deira. Tinha muito boa memoria, — que ainda conservo, para os beneficios e para os coices que recebo, — e o caso foi que ao termo de tres horas tinha decorado os versos, e assim, orgulhoso, o communiquei ao padre.

Maravilhou-se o Rademaker, e depois de ouvir-me, — pois que não era tolo, perguntou me:

— «E que pensas tu de todo esse enredo, meu Pinto calçudo?»

— «?!

— «Sim: como explicas tu essa historia em verso? Dize-me o que foi que se passou?»

E eu, embatucado:

— «Eu... não sei, não entendo.»

O mesmo que diz o Marius, trinta e oito annos depois do meu caso. O mesmo que ao leitor dirá o pequenito que lá tem.

*

* *

Outra! Tinha eu sete annos e estava na escola primaria do Magalhães, rua de S. João dos Bem Cazados. No meu compendio da *Historia*

de Portugal havia um erro typographico — parece que o estou vendo : «A rainha D. Maria I não possuia qualidades para continuar a carreira brilhante do reinado *anterier* (por *anterior*). Pois, senhores, durante mezes eu disse *anterier* ao Magalhães, que estava surdo e que não me corrigia a asneira ; e, todavia, eu tinha o reinado de D. Maria I na ponta da lingua. Simplesmente, não sabia o que dizia !

*

* *

Ora, oiçam cá os reformadores ! Fui eu para o collegio dos Lazaristas, a S. Luiz, rei de França, e alli encontrei o seguinte : — Não eram decoradas as lições ; o professor marcava um capitulo de Historia, por exemplo, e acompanhava o pequeno na leitura; de quando em quando, perguntava-lhe se percebia, explicava-lhe, e só o largava depois de elle comprehender. Ignoro se isto é pratico, entre nós ; mas juro que aos doze annos eu sabia mais Historia que um bacharel. Não é muito, mas só lhes digo a verdade.

Hoje apenas sei que é crescido o numero de charlatães muito burros e muito pantomineiros, muito pedantes e muito patifes, — e que tenho muito dó dos pequenitos.

PATRIOTISMO

TENHO esperado estes dias, desde o *1.º de Dezembro*, que o moralista vizinho, alli da esquerda, se preoccupasse no caso do patriotismo, com grande estardalhaço de apostrophes e outras exclamações. O moralista apparece-me atomatado pela renda das casas, que ainda não pagou e pelo augmento provavel do preço do vinho novo. Falarei eu, que tambem sou gente.

*

* *

Devem saber que, haverá quinze dias, ao circularem em Madrid as noticias relativas ás ladroeiras da administração municipal, a população da capital hespanhola, distinguindo-se pela

energia os estudantes, percorreu as ruas, em manifestação estrondosa — contra os ladrões, indo acclamar as redacções do *Imparcial* e do *Liberal* e soltar morras ao coio do municipio. Houve lucta com a policia, prisões, ferimentos, o demonio! Tudo que sae da vitalidade honrada de um povo livre que ainda pugna pela Moral e pela dignidade do seu paiz.

Pensei no que nos tem ido por casa,— a proposito de taes manifestações. Protestos contra as ladroeiras impunes é o que vós sabeis; e, em materia de energia, lembra-me a *campanha do apito:* parece-me que estou vendo: a Municipal põe o apito á bocca—uns cincoenta soldados— e dez mil lisboetas deitam á fugir.

Parece-me que os estou vendo.

*

* *

O *1.º de Dezembro*, em manifestações populares, patrioticas, principiou por me fazer rir e acabou por me fazer chorar... sobre as minhas velhas illusões mortas. No genero réles, pandi-

lha, porcalhão e, todavia, ou por isso mesmo, lamentavel, pouco hei visto por este mundo — como aquillo. Muitas bebedeiras; muitissimos gaiatos marchando ao som da gaita, que esfolava o hymno da Restauração; e nem um brado caloroso, nem uma sombra de arranque patriotico, á hora em que o paiz se desfaz e os nossos pobres soldados ainda em Africa dão signal de vida, n'um sacrificio da pelle ás farças dirigidas e exploradas por um dramaturgo *manqué* — a cincoenta mil réis por dia, como generalissimo!

Indecente mixordia, que nos faz scismar: se este povo é obra *d'elles*, ou se *elles* são o resultado de tal povo...

*

* *

Tive, no dia 2 de dezembro, pela prôa, dezenas de pedidos — para que a minha influencia (?!) fizesse soltar dos calabouços do governo civil diversos patriotas engaiolados. Engaiolados — porque? interrogava a «minha influencia».— Porque, exaltados pelo civismo e pela honra da

patria, houvessem protestado em descommunal berrata, contra aviltamentos do alto? — Porque tivessem atroado e atordoado os ares e os ouvidos da *gente séria*, com vivas á Patria, ao Exercito, á Armada, e com brados aggressivos contra as potencias que nos teem roubado e enxovalhado, ou contra homens publicos que nos hajam desacreditado? — Nada d'isso! Os cavalheiros haviam todos sido prezos — por bebedeiras, seguidas de chinfrinada e resistencia ás admoestações da policia. E' claro que a «minha influencia» recolheu-se a uma abstenção irritada. Que gemessem! Que pagassem as fianças e as custas, e que fossem para casa do diabo — os patriotas!

*

* *

E berram contra a visinha Hespanha: que d'alli nem bom vento, nem bom casamento! Ora, adeus! Aqui, em familia: — Menos pinga, que o caco é fragil! E uma apparencia de vergonha!

UM BOM ANONYMO

Nem todos os anonymos são despreziveis ou ridiculos velhacos. Aqui está hoje um excellente anonymo que nos trata bem, a mim e ao Marius. Ao pequenino offerece uma auto-biographia, muito curiosa, a avaliar pelo primeiro capitulo, com esta dedicatoria : — «Ao Marius do *João Braz*.» Espero continuação e final, para, de qualquer modo, lhe publicar tudo.

A mim diz elle suaves coisas ácerca das creanças e da defeza em que me empenho por amor d'ellas. Parece-lhe, todavia, que tal defeza, ou tal campanha nada obterá em resultados praticos : isto é, fóra dos dominios de uma platonica

sympathia. Garanto ao bom anonymo — que está, felizmente, em erro. Quando eu um dia pedi a intervenção do alto, nos castigos que ás creanças das escolas municipaes applicavam os professores verdugos, o director geral da Instrucção Publica providenciou vinte e quatro horas depois : abriu uma investigação, pediu-me esclarecimentos, chamou á barra os delinquentes — e metteu-os na ordem, — o que me participou amavelmente no dia seguinte. Tenho perguntado a algumas creanças se as palmatoadas continuam ; respondem-me que a palmatoria apenas mostra o nariz, mas que não tem mordido.

E que morda ! E que as creanças m'o digam, — que eu conto tudo !

*

* *

Ahi tem o bom anonymo um excellente resultado pratico, sem lhe falar dos que facilmente se adivinham pelos repetidos applausos que me chegam aos ouvidos todas as vezes que eu defendo os *pequenitos*. Creia na influencia de um

artigo sincero, na alma de um povo : olhe que lh'a affiança eu, — essa influencia ! E é mais facil á Prosa enternecer do que irritar os animos.

Diz-me, a proposito, o bom anonymo — que defenda os adultos. Não lhe peço attenção para a minha «folha de serviços», porque ella valha a pena de attenção : é apenas para que note que onde eu tenho visto, na travessia da Vida, a Oppressão, tenho protestado sempre, — e de tanto protestar *pelos outros* resultou o atraso dos meus negocios e talvez a sua paralisação absoluta. Eu conquistei o direito de ser mau ; — ha muito quem o saiba por esse mundo ! — não sou dos melhores, mas a minha conta corrente com os meus similhantes poderá ser examinada na minha hora extrema : é a justificação da minha falta de remorsos e da minha absoluta serenidade.

*

* *

Todavia, os adultos, meu bom anonymo, pódem bem defender-se n'este mundo, — a unhas

e dentes, — e, se o não fazem, justificam de certo modo violencias da Fatalidade. Com os pequenitos é outro o caso. Lembro-me de, em creança, eu ter cahido em meditação sobre as injustiças que pezavam sobre mim : — «O que ! Sem eu *ainda* ter feito coisa alguma !» E d'essas horas, de que Deus livre os filhitos dos meus inimigos, me ficou amargura interna e externa e a impossibilidade de me rir com gosto ! Se me houvessem poupado na infancia, talvez eu saisse jovial, — que eu gósto da alegria dos outros...

Ha muito que vêr e que dizer, pelo que toca ás creanças. Fui creado n'um estabelecimento fabril, onde havia mais de cem, que entre os 7 e os 10 annos alli ganhavam 80 réis por dia — a *dar tinta* n'uma estamparia. De inverno era coisa cruel. Os pequenitos tiritavam, e sopravam aos dedos cheios de frieiras rebentadas. E molhados pela chuva e alimentados a pão de rala, e, apezar da vigilancia do patrão, que era meu pae, esbofeteados e pontapeados pelos mais velhos !

Como se vê, não é a *Emulsão Scott* que as creanças pedem a gritos : é que os adultos não sejam feras.

A GERALDINE

Esta excellente artista e maravilhosa mulher — vão lá vel-a os barbaros que a não viram!—tem justamente contra si as maravilhas da sua formosura, complicadas com as suas qualidades de mulher honesta e de excellente educação. D'ahi se originou n'esta sua vinda a Lisboa, (1) uma frieza de sympathia, que chegou nas primeiras noites ás manifestações de desagrado. Collaboraram em taes manifestações—na encommenda aos agentes de pata pesada—as delambidas feias de espirito e de carão e os sujeitos que cultivam o afamado *atracão*

(1) Dezembro, 1895.

nacional. Duas filas de uma «legião sagrada» de ridiculos sem mistura!

*

* *

Desde os titulares moços de fretes, com philantropia a tanto por linha e brindes ás dançarinas—sem olhar á conta: desde taes grutescos aos janotas de craneo bicudo e *sem nada dentro*, ninguem da curiosa «legião» póde perdoar á Geraldine «não se prestar á bella pagodeira». Festejaram-n'a com furor, ha dois annos, ou quanto foi, — da outra vez. Havia redes lançadas e havia esperanças—desde o sexo n.º 1 ao n.º 3: se eu quizesse contar!... Malogrou-se tudo. A artista, fóra do sorriso obrigatorio do circo, era uma senhora — e continúa a sêl-o. Uma verdadeira contrariedade para a *patifa da primavera* de uns janotinhas tanto mais atravessados em coisas de honestidade feminina, quanto a prenda lhes falta, pelo ordinario, nas seresmas do seu trato mais intimo.

Ah! não temos novidade, meus filhos! Ella

resplandece de mocidade e de formosura; eu estou muito turvo de velhice antecipada: já não armo a sympathias. Isto é apenas um assumpto,— e, palavra d'honra! trato-o sinceramente.

*

* *

Não se desconsole, ou não se ria demais *mademoiselle* Geraldine: o caso tem tanto de burlesco quanto de lamentavel. Ha quatro ou cinco annos esteve ahi, em Llsboa, outra artista notavel—a Maria Montes—uma estrella de zarzuella. Era bonita, era elegante, era nova e sympathica. Rompeu-se fogo—inutilmente. Era uma mulher honrada, fiel aos seus amores da sua terra. Até á vespera da sua partida lhe deram brindes caros, flores baratas, palmas furibundas, *bravos* de ensurdecer. Deixaram de esperar, na ultima noite. Ninguem se foi despedir da Montes á estação do caminho de ferro; e, se cá volta, apanha a sua conta!

*

* *

Mas não se ria muito a formosa Geraldine, pois que tudo isto é vergonhoso. Todos nós sabemos — e confirmam-n'o todos os artistas estrangeiros (tenho um documento de Sarah Bernhardt: nem mais nem menos!) que o jornalismo portuguez, em todos os seus defeitos, é o mais honrado de todos os da Europa: hade ser esse, justamento, o assumpto do meu seguinte capitulo. Todos os jornaes por essa Europa em fóra pedem dinheiro pelo que nós temos gosto em offerecer: o tributo da admiração. Pois, meus amigos, ha um certo publico que põe nota miseravel na sinceridade portugueza — quando se trata de artistas bonitas. A Ociosidade, mãe de todos os vicios, faz dos cabeças bicudas uns Beduinos — como diria a velha Pipelet. Tudo aquillo fórma o pulo, e quem não dá brilhantes, dá flores, ou propõe ceias. Ao fundo está o valdevinos, com o sentido na transacção deshonesta. Espera-se até á ultima hora... Não póde

ser ?—Tu cá voltarás! Os parasitas ignobeis, os réles alcoviteiros, a quem se enche o bandulho, não servem senão para os *desaggravos !*

E é o que se tem visto.

*

* *

Tenha a bondade de não se rir muito — *mademoiselle* Geraldine ! O bom publico tem-n'os d'olho — e encarrega-se da troça. E eu cá previno, e cá registro as manhas da cambada.

... MAS HONRADINHOS

Não ha marau especulador e tratante que não affirme que a classe dos jornalistas é uma cambada, — muito embora os alludidos tratantes explorem a cada momento a penna e o socego, e em muitos casos a reputação dos calumniados. Para consolação moral da classe, bastar-lhe-hia allegar que, sendo os individuos que a compõem chamados a todas situações afflictivas, como defensores e auxiliares, e estando ao facto de todos os segredos, são homens pobres como Job—e nada consta de suas altas estroinices. Do que lá vae por fóra, por mais cultos paizes, é que nos contam os praticos

—coisas do arco da velha: desde o sultão da Turquia, que paga a mil francos por linha, aos grandes jornaes de Paris, a defeza das atrocidades e das immundicies turcas, até aos cantores do theatro lyrico, ou a quaesquer outros artistas que obteem o mais que se póde em louvores, a troco do *Passez á la caisse!*

Está-me lembrando, e não o esqueceu decerto, a extraordinaria mulher que ha mezes admirámos em Lisboa: está-me lembrando um episodio da nossa primeira entrevista, no seu hotel. Cenversaramos durante alguns minutos, e, subitamente, aproveitando uma pausa, eu disse em voz baixa a Sarah Bernardht—que eu tinha um immenso favor a pedir-lhe.

E ella, em tom confidencial, muito carinhosa, animando a minha timidez:

— Dites!... Dites!

—C'est peut-être trop, Madame!

— Mais dites! Je vous le promets d'avance solennellement! (Lembram-se de que como ella batia as syllabas?)

— Vôtre portrait, Madame: un petit portrait!

Pareceu-me divisar nos olhos de Sarah uma

expressão de singular doçura. Que julgaria ella que lhe pediria o *jornalista portuguez*, acostumada a ouvir tantos collegas meus d'outros paizes?

Com a sua voz, que eu não classifico e que não me esquecerá nunca, respondeu-me:

— Mais non! Vous n'aurez pas un petit portrait: je vous enverrai un grand e beau portrait: un portrait d'amie!»

Pois, que imaginava ella?!

* * *

Foi ha muitos annos que eu li, nas *Guêpes* do inolvidavel Karr, o caso de o celebre tenor Duprez ter apanhado, no dia immediato ao da sua estreia, em Paris, uma trépa de respeito, applicada pelo conspicuo *Journal des Débats*. Zangou-se o artista, dirigiu-se á redacção, protestou, e alli lhe foi dito que houvera equivoco... por parte d'elle.

— ?

— Sim. V. assignou o jornal, mas por um exem-

plar, apenas. Ora, os artistas da sua cathegoria nunca assignam menos de cincoenta.

Duprez assignou cem. No dia immediato o *Journal des Débats* graduava-o em primeiro artista do seu tempo.

*

* *

Ha poucos annos ahi esteve o Gayarre, que não se fartava de referir episodios da sua vida artistica nas relações com o jornalismo lá de fóra, — isso para confrontar tal jornalismo com o nosso, e sempre em nosso abono. Foi o *Figaro* que uma vez o maltratou, acudindo logo pelos seus creditos o notavel artista, Levára elle, ingenuamente, comsigo algumas dezenas de jornaes contendo artigos de celebração dos seus triumphos. Ouviu-o o secretario da redacção e, cortando-lhe as reflexões, disse-lhe:

— Mas a culpa é sua. Traga o artigo já feito, como o entender e por maior que seja. Hade ser publicado.

— ?!

— *Oui. Passez á la caisse!*

Quer dizer: — Entenda-se com a administração. Ou: — Pague a despeza; lá lhe dirão quanto é.

*

* *

A' nossa educação e ao nosso sentimento repugnam taes *judiarias;* mas serão realmente judeus esses processos? Não cahiremos nós no extremo opposto — o de uma candura idiota e rizivel? Não ha quem não peça ao *jornal* que o apoie, que o defenda, que o desaggrave, que o festeje — e tudo *gratis*— e no fim coice bravío! Não citarei agora factos, que os tenho aqui ás duzias; mas que ao menos os artifices, os industriosos e o resto não nos dêem com os pratos na cara, depois de encherem o bandulho á nossa custa!

OS MAUS RICOS

MORREU ha poucoem França no hospital militar um tal Lebaudy, possuidor de uns vinte milhões, ou coisa similhante, e muito apreciado pelas *cocottes* e pelos parasitas de Paris. Durante alguns annos, desde a idade dos dezoito; mergulhou na crápula elegante e foi celebrado pelos jornalistas venaes da capital franceza, como um heroe da alta elegancia. Caiu no recenseamento, e, como a lei do seu paiz não permitte substituições, teve de hypothecar á patria o sangue dessorado. Pouco depois de alistado, caiu-lhe a tisica nos pulmões, e então, em homenagem ao ricaço, moveram-se altcs empenhos

para que elle fosse tratado *convenientemente* — no seu palacio ou n'um *chalet* da Suissa. Ergueu-se na imprensa a voz de Séverine, a gloriosa discipula de Jules Vallés, protestando contra a excepção odiosissima.—Que o tratem no hospital, como aos enfermos pobres! E, pois que uma voz sincera e eloquente ainda tem echo poderoso em França, baquearam os empenhos, e o Lebaudy expirou no hospital, deixando os seus milhões á actriz Marsy—da Comédie Française, —uma das favoritas do devasso.

*

* *

Ninguem o chorou : nem os pobres, que elle apenas escandalisou pelos sórdidos abusos da opulencia, nem os parasitas e as *cocottes* — que o desprezavam, explorando-o; nem a herdeira, que só teve motivos para congratular-se com a Sorte. Crapulosa caricatura de homem, aquelle indigno, e favorecido pela *herança*, não dispôz de um ceitil em favor dos opprimidos, nem auxiliou uma industria, ou um trabalhador; não

teve sequer o pensamento egoista de preparar gratidões que lhe acompanhassem com lagrimas a passagem derradeira. Quando a voz de Séverine pôz embargos a uma excepção de favor para aquelle tisico ignobil, a França inteira applaudiu a jornalista.

*

* *

Não temos entre nós Lebaudys: quando muito, pallidas imitações, ou antes pretensões a imitadores. Tudo é modesto entre nós : fortunas e audacia no vicio; mas não se trata de nós: é do *mau rico*, que justifica pela repugnante applicação da sua fortuna a concentração e toda a intensidade do furor das classes desventuradas. Olhe-se bem, na estação invernosa, para os horrores que torturam os pobres; pensemos nos horrores invisiveis que dilaceram as entranhas de milhares de mães e nos brados das creancitas enregeladas e famintas, e confrontemos taes monstruosidades com a orgia permanente dos Lebaudys que dispõem de harens, que cobrem de pedrarias as prostitutas, que trazem

na perpetua indigestão das iguarias custosas os parasitas sem vergonha e que passam, altiva e triumphantemente, nas suas equipagens, do harem para a Opera, da Opera para a orgia, cuspindo na Humanidade e affrontando a crença dos fieis na providencia do seu Deus!

*

* *

E agora me vejo em discordancia com uns criticos de theatro, que condemnaram o auctor da *Dor Suprema*,—porque expôz ao publico um quadro de aterradora miseria e de fundo desespero. Não são ricos esses escrupulosos; mas não querem que os ricos sejam *affrontados* pela exposição do horrivel, *que deve estar occulto*. E' de boa gente, pois que se trata de impedir irritações de espirito, funestas á boa digestão dos felizes; mas eu discordo, pois que a visinhança aqui do lado me offerece diariamente o espectaculo de uma pobreza aterradora, que é o panno de amostra de medonhas enormidades sociaes—*que não podem ficar assim!*

OS ALGOZES DAS ESCOLAS

Escreve-me *um professor* — que eu não tenho em absoluto razão, quando peço a observancia da Lei que prohibe os castigos corporaes nas escolas. E eu respondo-lhe que basta que a Lei os prohiba, para que eu tenha carradas de razão. Cumpra a Lei o sr. mestre, e dê ao diabo o que sabe : creio que não será grande coisa.

Tambem o amador das palmatoadas — nas mãos dos outros — me diz assim :

— «Que faria v., se um rapazito lhe faltasse ao respeito, sendo elle seu alumno ?»

E eu pergunto-lhe :

— Que faria v., se o director da officina, no acto da paginação do jornal, e estando v. *de pi-*

quete, lhe dissesse: — Faltam-me trez columnas: só agora dei por isso?»

Não percebe o que eu lhe digo — porque não é este o seu officio. Ora, não sendo eu mestre de meninos, que obrigação tenho de lhe dizer o que eu faria, se o meu alumno me faltasse ao respeito? Isso é da sua competencia. Não atropelle a Lei, que eu o saiba, porque eu vou logo dizel-o ao director geral de Instrucção Publica, que o fará entrar na ordem; e a proposito vem dizer-se que está alli um mestre algoz, já especialmente prevenido e que não tóma emenda. Vou averiguar ao certo — e falaremos.

*

* *

Estes carrascos de *menina de cinco olhos* estão mal acostumados; suspeito, porem, que hão de pagar por si e pelos antecessores — uns patifes que eu conheci na minha infancia e que faziam gala em applicar cinco e seis duzias de *bolos*, sem haver um pae honrado que lhes fizesse em bolos as costellas!

Este assanhado professor que me escreve, depois de outro que dava coices na grammatica, suppondo que em mim os daria, é um cauteloso anonymo «que eu conheço de o vêr em certo estabelecimento» : diga que não ! Pois bem, este cavalheiro já dá urro contra uma annunciada portaria do sr. João Franco, a qual terá por fim acabar com as atrocidades dos maus mestres nos collegios. Acha que é maroteira e maroteira ridicula ; e eu, se não soubesse que o energico e honrado ministro hade proceder como pae extremoso, iria procural-o, para lhe lembrar a urgencia de tal portaria *e a fiscalisação da sua observancia.* Não disponho de meios, para dar brindes de Natal aos pequeninos ; mas diz-me a consciencia que a milhares d'elles tem sido util a minha propaganda. E' o meu presente de Natal.

*

* *

Pondera-me o tal professor que a Lei manda castigar *paternalmente.* Não seja tolo, sr. mestre: olhe que eu dou parte de vossemecê ! *Pater-*

nalmente, no sentido que convém aos algozes, é uma garantia de impunidade. Ha paes que martyrisam os filhos, e decerto não pensou n'elles o legislador da lei velha. Mas cumpram a nova os senhores mestres algozes, — a que prohibe absolutamente os castigos ; e deixem-se de rethorica para uso dos jornalistas, — que estão fartos d'ella !

Diz-me o meu pequeno Marius — que é muito amigo do seu mestre. Esse cavalheiro nunca bateu nas creanças: quando ellas péccam, applica-lhes um carapuço de papelão. Pois, senhores, este castigo moral é temido pelos pequenos, e o Marius diz-me com orgulho — que não lhe applicaram o carapuço. E' pela excitação dos brios que se faz um homem honrado : não é dando-lhe coices, e assim o entende o mestre do meu amiguinho — que tem aprendido mais em dois mezes d'esse collegio do que em trez annos a aturar mestras malcreadas e telhudas. Deixem-se os algozes de me escrever cartas — que eu metto-as na pia, onde desejaria metter-lhes, por uma vez, as cabeças de todos !

BENEMERITOS !

Muito de proposito escrevo já este capitulo, (1) e não no dia em que chegará o commissario regio Antonio Ennes. E' preciso que a opinião publica se manifeste sem influencias de ultima hora, que pareceriam e seriam odiosas, ou levianas. E pois que o dramaturgo generalissimo se apresentará como triumphador, eu não quero que esse cavalheiro, versado em Historia, diga que é completo o seu triumpho—pois que lhe não falta no cortejo o *escravo ébrio* que perseguia com chufas os he-

(1) Em 9 de janeiro, 1896.

roes da Roma antiga, os que regressavam á patria, entre acclamações. Nem ébrio, nem escravo: tudo menos isso, meus philosophos !

*

* *

Mas, venho eu a dizer na minha, em quanto o homem sulca esses mares, a ensaiar boquinha de generalissimo, — que parece obra do diabo termos nós estado durante longos e dilatados mezes a pagar-lhe *cincoenta mil reis por dia*, sem que elle agarrasse o Gungunhana, apezar de repetidos cêrcos e saltos ao pretalhão : e agora, que elle volta costas, dois ou tres officiaes e quarenta a cincoenta soldados apoderam-se do famoso vátua inagarravel, amarram-lhe os pés de baixo e de cima, fuzilam á vista d'elle outros pretalhões e põem termo á lenda pavorosa do régulo e aos risos de troça que, durante a acção do dramaturgo, nós soffriamos do espectador. Que diacho significa similhante *caso?* A meu vêr, é que, ou o dramaturgo ordenava apenas dispaartes, ou a sua collocação á testa do exercito

melindrava justamente os militares e reprimia as demonstrações da sua energia.

Parece-me este *caso* digno de ser julgado cautellosamente no tribunal da critica, antes que se realisem as manifestações officiaes ao generalissimo, e o publico estouvadamente se associe a ellas. Não está na alçada das justiças aquilatar a influencia, a meu vêr perniciosa, do dramaturgo na campanha; mas é preciso que a gente, depois de ter pago maus serviços, não applauda ainda em cima quem serviu mal. Faça o governo o que entender, pois não tem perante nós responsabilidades effectivas; mas não deve contar com a adhesão d'este bom povo ás suas demonstrações de ad-mi-ra-ção!

*

* *

Diz-me de lado alguem — que é uma iniquidade ir ao Continente Negro atacar os negros em suas vidas e fazendas. Bem o sei. Isso é outra questão, com base tão firme como a doutrina de Monroe. *A Africa para os Africanos* deu até,

já, um excellente livro com esse titulo, escripto, com excellentes razões, por um negro, ministro da Liberia em Londres, e d'esse livro me disse em tempos o dramaturgo — que o lêra e o achara de seu gosto. Não se trata d'isso.

De que se trata é de graduar as manifestações de gratidão da patria — pelos serviços que se lhe prestou. Que tencionam fazer ao dramaturgo, que recebeu cincoenta mil reis por dia e que não agarrou o Gungunhana e que fez despezas loucas e que as fez á nossa custa ? E que se tenciona fazer ao capitão Mousinho e aos seus companheiros, que, sem despezas, nem precedentes comicos, agarraram o Gungunhana, puzeram termo á dispendiosa guerra, e desaggravaram de chufas o nome portuguez ?

E' só isto. E emquanto eu espero que me não respondam, vou alli fóra — e já venho.

CUBA

O assumpto em que se estão hoje preoccupando algumas dezenas de milhões de individuos que na Europa e na America fallam a lingua hespanhola, e bem assim alguns milhões de portuguezes, no velho e no novo mundo, não está fóra do terreno em que este livro apresenta annotações. Simplesmente, porém, tenho de affastar-me do registro das victorias ou dos revezes, mais ou menos de phantasia, para encarar a questão n'um terreno em que o conselheiro Figueiredo e o commendador Francisco ha um mez se agitam como possessos, sem chegarem a conclusões de critica.

*

* *

E' claro que todos nós gostamos da Hespanha, muito embora trauteêmos uma vez por anno o hymno da Restauração e despertemos os echos de Aljubarrota, com foguetes de tres respostas — sem pergunta alguma. Que digam da nossa sympathia as zarzuelas e os espectaculos de touros: e se mais não applaudimos de procedencia hespanhola, é porque mais não surge em Portugal, — a não ser n'um terreno que o pudôr dos meus leitores deseja que eu conserve em silencio. Guarde-se o rico silencio!

Gostamos todos da Hespanha, que é alegre, que é hospitaleira e valente e generosa e altiva e patriotica e que, emquanto nós perdemos, dia a dia, o nosso caracter nacional, mantém o seu e o affirma diariamente em mil demonstrações de vitalidade e de brio. Esta maldita questão de Cuba veiu, porém, crear desorientações, conflictos de sentimento. Aquelle povo — o Cubano — que pedia inutilmente reformas justas e

humanas á mãe patria e que nos governos d'essa mãe só encontrava desdens, aggressões e ameaças de chamada á ordem ; aquelle povo que, emfim, se revolta e leva de vencida n'uma lucta feroz um formidavel exercito composto de bravissimos soldados ; aquelles cultivadores que devastam as suas terras, aquelles patriotas que enchem de ruinas o sólo da patria, porque a Hespanha inimiga, dado que victoriosa, só em ruinas possa governar,—é o que ha de mais sympathico para quem não perdeu, com o caracter nacional as noções da independencia e da dignidade que nobilitam o coração do homem.

*

* *

E assim se estabelece em nosso espirito e em nosso coração um conflicto deploravel, amarissimo. A nossa amisade pela Hespanha sangra com os seus revezes ; a nossa sympathia pela causa dos cubanos exulta pelas victorias dos insurgentes e anceia por desfecho que virá ferir-nos dolorosamente n'aquella amisade.

Ha porém, um *facto* que restabelece a orientação do sentimento. E' que não se trata da honra da Hespanha, posta em jogo. Toda a responsabilidade, que colloca em evidencia os culpados, é dos successivos governos d'esse paiz, e especialmente d'esse governo de hoje, que podendo ter seguido os exemplos da pratica Inglaterra, convertendo Cuba n'uma Australia ou n'um Canadá, converteu as reivindicações dos cubanos n'um conflicto temeroso, vinculando á sorte das armas, — aos olhos menos attentos e perante os espiritos menos reflexivos — a dignidade da nação. A autonomia concedida *agora* equivale ás satisfações que um adversarario dá ao outro no terreno do duello. Sente-o assim o povo hespanhol, quando se offerece para novos sasacrificios.

*

* *

Certamente, se não ha lei providencial que influa nos acontecimentos parece bem que existe similhante lei. Alli tivemos nós aquelle Martinez

Campos, que ha vinte annos trahiu a Republica hespanhola, restaurando os Bourbons escorraçados, e que hoje, amarrado á derrota, viu pisado, aos pés da Hespanha, o seu prestigio e vê ameaçada a *sua obra*. Nem o conselheiro Figueiredo, esse arguto, nem o commendador Francisco, esse caustico, podem prevêr, nem eu, o que um desfecho desastroso em Cuba produzirá em Hespanha.

*

* *

Nada de pressas, todavia, em vaticinar desenlaces! E' certo que um povo que lucta vale mais que o maior dos exercitos: lá o dizem os livros; mas a Polonia contesta-o com boas razões, e não vale a pena folhear a Historia, em busca de outros exemplos. Seja como fôr, é lamentavel que nem eu, nem o conselheiro Figueiredo, nem o commendador Francisco, possa expandir-se em *vivas* — á antiga portugueza. Temos o diabo do sentimento muito *compromettido* na questão.

JOÃO DE DEUS

Não fui ao funeral do meu querido e grande amigo de um quarto de seculo, e dou as minhas razões a *um leitor effectivo* que me envia os seus protestos de extranheza— porque não viu o meu nome nas gazetas (eu não costumo ir ás gazetas, por figurar em enterros).

1.ª das razões por que não fui, e esta bastaria talvez :

O meu estado physico é tal, n'esta hora, que me aconteceu no dia do funeral o seguinte, ás 11 horas da manhã, indo eu pelo Chiado abaixo:

Uma saloia que vende em minha casa queijos brancos disse-me assim :

— O senhor anda muito doentinho: pois não anda?

— ?

— E' que o via a andar com tanto custo !...

— Ando, ando doentinho !

Isto foi perto da Havaneza. Em frente dos Martyres, faz-me parar o director geral de Instrucção Publica, José d'Azevedo Castello Branco, e diz-me:

— Diabo ! Você está abatido, magro, e custa-lhe a andar ! Você... hein ?...

— Não é isso. E' demasia de trabalho n'esta idade.

— N'essa idade ! ? Que idade tem você ?

— Uns setenta seculos, segundo os melhores auctores.

Elle riu-se, e accrescentou ao riso:

— Vá você para *Dona Maria*. A escola vae lá ter um dia d'estes.

— Heide ir inaugurar o retrato do João Franco, e explicar aos saloios o que lhes fez aquelle individuo. Verei se arribo; mas isto não vae bem.

— Animo !

*

* *

Em frente do estabelecimento do Jeronymo Martins, encontro o meu velho companheiro do *Popular* — Mariano Presado.

— Oh ! Diabo ! Você está abatido !

— Estou.

— Você... hein ?...

— Nada d'isso. A vida pezada : um inferno !

— Não é um paraiso, não. Mas você tóma isto a sério !

— E' o meu defeito capital ; mas heide ensinar um pequenito a rir-se de tudo.

Separámo-nos. Bem percebem que eu não deitaria até Belem — a não ser nos carros do Jacintho, o que me tiraria a graça ornamental.

— 2.ª razão de eu não haver comparecido :

Ter que fazer, para os meus jornaes, desde as 10 da manhã ás 3 da tarde. E o enterro era ao meio dia ; e eu não ganho para substituto.

— 3.ª razão :

Não haver gostado de certas tentativas, mais

ou menos realizadas, para se enfeitar cada frangão com pennas d'aquella aguia. Lembrei-me da velha que dizia a um archeiro, no dia dos annos do rei : — «O' homem ! você vae tão inchado, que parece que é você quem faz annos!»

E o querido e adoravel João, que foi exactamente o contrario da impostura ! Que diria elle, se falasse, e pudesse ter visto a darem-se ares de seus intimos e de seus discipulos sujeitos que... Já estou calado.

*

* *

Ahi tem o meu *leitor effectivo* porque eu não fui. Mas para a familia de João de Deus bastará que o irmão, o meu padre Espirito Santo, e os filhos do morto, se recordem de que eu solucei abraçado com elles e de que devorei com beijos o rosto do querido poeta e lhe derramei lagrimas sobre as barbas — que me faziam lembrar a *lenda* do D. João de Castro : barbas para grandes penhores. E agora mesmo resumo este capitulo de hoje, — succumbido, trémulo, com

uma agitação extranha no coração, e balbuciando aquillo do poeta hespanhol, Ventura Ruiz Aguilera, outro santo que eu adorei:

Ai! Mueren los buenos!

A' CORJA

Dizia o Alphonse Karr e dizia bem — que o peior processo escolhido por um sujeito, afim de intimidar ou reduzir ao silencio outro sujeito consistia em demonstrar-lhe *covardia*. Effectivamente, dar-se um mariola ao incommodo de escrever uma carta, disfarçando a letra, e lançal-a no correio, temendo sempre que um acaso o denuncie, e, apavorado, esperar *os effeitos* da sua proeza, é o que ha de mais ingenuamente canalha. Eu me explico, para instrucção dos *cavalheiros*.

*

* *

A respeito de artigos jornalisticos, não é raro que eu receba injurias anonymas. Agora me lembro de um *chulo* me haver descomposto, porque eu faltei ao respeito a uma certa meretriz da bambochata dos restaurants, n'um artigo chamado *Fortunatas*, — quando a fémea morreu. Li o apontoádo de asneiras e dei á folha de papel o respectivo destino : meia folha inutilisada — para debaixo da mesa e a outra meia folha, aproveitavel, para originaes de redacção.

Tambem alguns *algozes das escolas* me teem escripto asneiras, em cartas de oito paginas. Prolificos imbecis ! Já lhes não leio as dejecções cerebraes. Olho para a assignatura : não ha coisa responsavel ? Tóca ! Para debaixo da mesa !

Tenho um capacho original — de infamias e de estupidez.

*

* *

A ultima *innovação* foi a proposito de uns episodios theatraes : apreciações minhas no *Paiz*. Fôra o caso que uma cantora eminente, — a Pretél, — e uma actriz de alto valor, — a Tejada, —viram-se, a dentro do theatro, alvo de desconsiderações mansas, d'estas que põem a mira em irritar os brios de uma artista — pezada ao orçamento de um theatro que o publico não procura. E não o procurava, porque á volta das primeiras tiples escripturadas o pessoal era de molde para afugentar esse publico. Um perfeito horror !

Dava-se o caso de eu ser amigo das duas artistas. A Pretél não é apenas uma das primeiras cantoras do theatro hespanhol : é o mais completo espirito de mulher superiormente educada e o mais admiravel coração que eu tenho conhecido no mundo theatral, — e não me auctoriso a produzir esclarecimentos. A Tejada não é só a primorosa actriz, de creditos confirmados em Madrid : é a condensação de toda a graça

da Andaluza, com uma nota grave e severa que converte em séria amizade a sympathia que resulta de uma palestra de camarim.

Defendi-as, desaggravei-as. O que os bisborrias me assacaram em pretenções — e quem desceu a assacar-m'as ! Isto vem de longe, e falarei n'isto agora, sem exemplo : vem de quando eu jurei que as duas Lucindas entrariam em D. Maria II — e entraram ambas; é de quando eu expliquei as immundas pateadas á Geraldine — pelo despeito de uns salafrarios ; é da especie de campanha, inutil mas espontanea, que eu abri em homenagem á grande Sarah. A *paixoneta* invadira-me de cada vez a alma, — no zurrar d'esses burros bipartidos de veado : o coração do jornalista era um armazem com generos renovados a curto praso ! Ha pouco mais de vinte annos, uma bréjeirada de mais nervos que a das esquinas de agora pedia-me contas n'um theatro do Porto ; eu respondia-lhe com um tiro, e ia para a cadeia da Relação, — foi em 1874. A burricada de hoje escreve cartas anonymas, disfarça a letra, e tem sobresaltos, se, por acaso, me encara por essas ruas !

*

* *

Tem-se descido muito em caracter: ha ahi provas n'essa miseria. Dizia-me um dia um grande poeta hespanhol, que foi meu amigo, Ventura Ruiz Aguilera :—«Pasmo do que você escreve impunemente. Em Hespanha já o teriam morto.» E eu não disse ao brioso castelhano que estes auctores de epistolas clandestinas teem o sangue depauperado nas orgias baratas pagas pelas amantes. Era o pudôr patriotico.

ATROCIDAD

Vá em hespanhol — o titulo, por que *elles* entendam. Foi terça-feira passada que uma pobre rapariga hespanhola, chamada Luisa Calvo, me procurou, para me dizer o seguinte:

— Que era creada de uma artista de theatro, a qual se retirara de Lisboa, deixando-a abandonada, sem relações e sem recursos para alimentar-se, ou para voltar para a sua terra : Madrid. Que se dirigia a mim, porque me vira algumas vezes conversar com sua ama no camarim : era eu a unica pessoa que lhe ficara de vista. E que me pedia que lhe valesse.

Valer-lhe ? Procurei um amigo meu, que o é

tambem do sr. ministro de Hespanha em Lisboa e que eu julgava que o fosse do sr. consul. Com este tem as relações cortadas; mas dirigiu-se ao ministro e ponderou-lhe que a pobre rapariga, menor, abandonada em terra desconhecida, teria de lançar-se na prostituição — para se aguentar na vida. Commoveu-se o ministro, prometteu interessar-se, falar ao consul, para se obter a passagem para Madrid. Ficámos n'isso, o meu amigo, a rapariga e eu.

Decorrem vinte e quatro horas. A's 10 horas, eis-nos a caminho da legação hespanhola — a Luisa Calvo e eu; e alli é dito á rapariga que póde procurar o consul, da parte do ministro.

Acompanho-a ao consul. A rapariga sae do consulado, ao cabo de dez minutos, e vem dizer-me que foi mal recebida e que «talvez se lhe dê mais tarde passagem para a fronteira.» Voltamos a casa do commovido ministro — o qual declara que não tem nada com o assumpto.

Digo então á amargurada rapariga — que esteja descançada: que partirá para Madrid no comboio das 7 e meia, e que me appareça ás 6 horas na redacção do *Paiz*.

A esta hora, appareceu-me, e eu já obtivera de uma boa alma portugueza os recursos precisos para o bilhete do caminho de ferro e para outras despezas de viagem.

Lá vae, protestando gratidão, a pobre Luisa Calvo. Deus lhe dê bom destino!

*

* *

Escusado me parece dar relevo ao procedimento dos funccionarios que em Lisboa representam a generosa e hospitaleira Hespanha. E' deploravel! Ha doze annos que eu sou n'esta terra o desconhecido consul de uma pequena e pobre republica africana — a Liberia — e é certo que só uma vez me appareceu um cidadão de Monrovia, em completa indigencia; mas eu não dispunha de recursos officiaes para soccorros, nem de recursos particulares; e, todavia, tive de reconhecer que era eu o unico e natural e legal protector do infeliz em terra portugueza. Dei-lhe do meu pão, da minha roupa, do meu pouco dinheiro e obtive-lhe passagem pera Madrid, onde

elle tinha amigos. Era a minha obrigação official — e acima d'isso o meu dever moral.

Que seria do Liberiano, escorraçado por mim? Daria em malfeitor.

Que seria da Hespanhola, repellida pelo seu ministro e pelo seu consul? Daria em prostituta — aos 20 annos incompletos!

E' preciso olhar para isto, quando se tem filhos, que são penhor offerecido pelo Destino á Desventura, e é preciso olhar, ainda mesmo quando os não temos: é serviço desinteressado. Os srs. funccionarios hespanhoes dirão que só teem de dar contas ao seu governo; teem de dal-as á opinião publica — á dos seus patricios a quem negam protecção, e a nós que temos de soccorrel os. Dez duros reclamados pela desventurada Luisa Calvo, para salvar-se do abysmo, não aggravariam as finanças da Hespanha, tão prodigalisadas em Cuba. E a generosa e correcta nação merece que a representem melhor nos dominios da generosidade e do dever!

ESCRIPTORAS

MULHER litterata, por via de regra, é uma razão perdida no vacuo da consciencia.» Isto é do nosso grande Camillo, e tanto basta para ser lançado em conta, no exame da *situação*.

E' certo que a George Sand... mas, ha no mundo outra George Sand ? Todas as *outras* me apparecem litterariamente falhas, desequilibradas, incoherentes, sem alicerces no estylo e com uma elevação de foguetorio. Ha as *doutoraes*, ha as *diseuses* — có, có, có, có ! E umas são incomprehendidas, victimas do *homem*, e outras são apostolas, — e n'algumas d'estas ainda

ha, uma vez por outra, sinceridade. Eu não lhes pediria que fossem boas mães de familia e boas donas de casa: póde ser que algumas d'ellas accumulem. Falo apenas como official do meu officio: e, como tal, desejaria que suas excellencias me deixassem em paz a officina. Não fariam cá falta alguma.

* *

*

Não vá isto parecer uma *boutade*, ou um jacto de mau humor. Deixem-se estar quietos os Magriços! E' que ha dias aquelle espectaculo da contenda entre a Séverine e Rochefort fêz-me lembrar de mil e uma scenas de *chinfrinada* produzida pelas *bsa-bleus*. Tinha a Séverine um socio que respondia pelas insolencias da dama — o Saltabadil d'aquella Maguelonne, como diz o homem do *Intransigente*. Recolhido á cadeia o socio, por *chantage*, abrandaram-se os desmandos da *jornalista*, emquanto não apparecer um novo socio. Sempre *um homem* serve para algu-

ma coisa: para levar e dar cutiladas, ou bengaladas, em desaggravo das litteraturas femeninas.

*

* *

Ha dias, vi, por acaso, n'uma redacção, um artigo critico — tudo se permittem ! — de uma mulher, contra um livro de outra. Estava lá, no tal artigo, uma referencia desagradavel á minha pessoa — entrando eu no assumpto como Pilatos no Credo ; — mas a *critica*, naturalmente sem socio, cortara a atrevida referencia, e explicara ao redactor do jornal : — «Que reflectira sobre os perigos de *me provocar*.» Pobre senhora, que não dispunha de um Magriço ! E que demonio de perigo haveria em *provocar-me* ? N'estes ultimos seis mezes, para não me remontar a tempos arredados, tenho sido *provocado*, ou coisa assim, por diversos individuos, a quem poderia ter respondido consoante seus merecimentos... e nem palavra teem arrancado ao meu modo de estar resignado e contemplativo. Crê a boa menina, minha insultadora, que eu abriria um parenthe-

sis de ferocidade contra uma fraca dama *indelicada?* Olhe que a mulher sem educação tambem tem encantos: é o caril nas relações cortêzes; e eu fui sempre algo inclinado a facecias com mulheres patuscas.

*

* *

Perguntava o Louis Veuillot ao Girardin se não dispunha de dois açoites para a *madame* de Girardin, que, no jornal do marido, se permittia enxovalhar e ridiculisar varios escriptores. Não tinha. O Girardin, que era muito pratico, aproveitou o seu funesto duello com o Armand Carrel, para nunca se desaggravar — a não ser pedindo perdas e damnos, judicialmente. E *madame* dizia e ouvia as ultimas. Do padre mestre Veuillot só se perderam as que cahiram no chão.

*
* *

Não posso vêr aquelle marmanjola a dirigir um atelier de camisaria e aquella dama a dirigir uma gazeta. Que ?! O sujeito, que tem um ar de pensador — que parece um burro ! — preoccupa-se nos peitilhos e nos cózes, e a lindinha, que me faz desejar um almoço *a duo* na relva do Alfeite, revê provas do artigo critico e pede segundas provas á officina?! Deus de meus paes! que nunca se falou tanto em reivindicações do Juizo e nunca o Absurdo lançou raizes tão prolongadas e tão firmes no terreno da estupidez humana !

COISAS

A nossa moralidade (*Não entras, catitinha!?*) costuma referir-se aos Turcos, como a uns devassos que teem mulheres ás duzias, emquanto nós só gosamos, ou soffremos, uma só. Ora, aqui tenho eu uma folha insuspeita — *Le Peuple*, orgão socialista de Bruxellas, — que nos explica a devassidão dos subditos de Abdul-Hamid. Informa-nos essa folha de que na Turquia só os ricos tem mais de uma mulher, pois que a todos os varões é preciso demonstrar, perante as auctoridades, que dispõem de meios para sustentar as *companheiras*. Se não dispõem de taes meios, é-lhes forçoso viverem sem taes achegos.

Comparem agora a devassidão dos Turcos com a nossa moralidade. (*Não sobes, ó sympathico ? !*)

*

* *

Vem isto a proposito das aventuras do Ladislau — que se foi ha dias para a Asia, como consul, deixando entre nós oito filhos de varias raparigas—a uma das quaes promettera casamento e a outras amparo, tendo *posto casa* a ellas todas. Pôr casa a uma rapariga é coisa facil: sustentar o arranjo é que faz cabellos brancos. E como não haja entre nós, nas condições de moralidade em que vivemos (*Vens cá logo ?*), uma disposição que á rapariga possa garantir o tal arranjo, os Ladislaus vão-se para a Asia, e as mães e os petizes ficam-se a chuchar nos dedos, — maneira de interrogar o Infinito.

* * *

Os oito filhos menores do Ladislau andam alli, no caminho de Bellas, em fralda de camisa, sujos, famintos, a provocar nauseas e compaixão. As mães deram todas em dróga. O Ladislau é considerado um pandego de bom gosto, pois que a Maria Izabel e a Gertrudinhas foram e são ainda de apetite. Eu não estou já no periodo em que se attribue á lettra redonda o magno poder de melhorar esta mixordia da vida, e quanto aos reformadores politicos, os que fazem ou melhoram leis, entendo eu que, á força de assistirem a um sarilho de coices em que se perde o prestigio e a vida, recolhem o caração, por modo que tal sarilho não lhes apanhe o musculo, e tornam-se indifferentes — como eu desejaria sel-o. Não ha nada a esperar de similhante gente.

*

* *

Quem quizer *saborear* a vida real tem de amargar horrores na investigação. Conheci eu uma mulher, artista de theatro, que todos os meus leitores mais ou menos conheceram,— de nome, pelo menos,— a qual mulher, formosa e espirituosa, desejada e cortejada, repellia pelo simples olhar, *tenebroso*, todos os pretendentes, á primeira hora do galanteio. Perguntou-me ella uma vez — ha pouco tempo —porque não era eu seu amigo; e eu respondi-lhe : —«Porque tenho medo de v. Acho-a *tenebrosa*. O seu olhar é mau.»

— «Está n'elle toda a maldade, de que eu fui victima: disse-me ella. Abandonei a familia, carinhosa e rica, para seguir um homem: o pae de meu filho. Elle abandonou-me gravida, para formar familia opulenta. Não o matei, nem me mato, porque o meu filho precisa de mim — do meu trabalho, da minha vigilancia e dos meus

carinhos. Tenho, como v. diz, mau olhar; mas tenho coração—para meu filho. Se eu *ólho mal*, é porque penso constantemente n'este horror social, que permitte a *formação* de duas victimas como estas, e dá consideração a um algoz como aquelle ...»

Somos bons amigos, desde aquelle momento. Descancem! Ella não vive em Portugal.

PALMATOADAS

PATASTOADAS — diria Camillo, se houvesse de referir-se ao banaboia que hoje tenho pela frente. E' alli o reverendo João Vieira Neves Castro da Cruz, theologo no *Commercio do Minho* e apostolo da «menina de cinco olhos» —como diz em giria de nostalgico.

Teve vento de uma portaria destinada a supprimir as folias dos *algozes*, e acode pela conservação d'essas delicias. Escreve um artigo de fundo — *A palmatoria* — nos intervallos das rançosas bernardices theologicas que ha uns quinze annos eu lhe espremi da caixa craneana, para o pasmo dos seus devotos minhotos — os que

lhe atiçam ao *verdasco* do Sameiro. Não quer sôcos, nem beliscões nas creanças, mas quer puxões d'orelhas «com certa ordem e moderação» e palmatoadas á grande.

Parece que do uso desordenado e immoderado dos puxões que lhe applicaram aos taes apendices, lhe resultou desenvolvimento dos ornatos e abalo na mioleira. Ficou-se em indecisões de bezerro. O raciocinio — como elle chama ao instincto azaranzado — atribue-o a muitas palmatoadas que levou. *Raciocina* o theologo — que se não lhe houvessem contundido os pés de cima, á primeira hora das empinadellas, ficaria idiota de todo. E' immodesto—sobre facinoroso.

*

* *

Cita eruditamente os casos de Virgilio e Cicero terem apanhado palmatoadas, e assim, pelos modos, se desenvolveram n'elles a eloquencia e a poesia. Suspeito que ha asneira grossa, quando o reverendo põe a palmatoria coêva do cys-

ne mantuano, mais da illustre victima de Marco Antonio; mas faltam-me aqui — no hotel das Pascoaes, em Bellas, os cartapacios dos expositores, e na vizinha aldeia de D. Maria não disponho de erudição para os *algozes*: apenas de marmelleiros.

Agarra-se a Salomão, o frascario que recommendava o uso da vara para castigo dos meninos. N'esse ponto fraqueja o raciocinio: uma vara nas carnes molles de um *algoz*, applicada «com certa ordem e moderação», decerto não produz resultados iguaes aos das palmatoadas nas mãos de um innocente. Tenho visto creancitas com as mãos inchadas por seis palmatoadas de um algoz. A cascaria só vem muito mais tarde — com a theologia.

*

* *

Parece-lhe que a palmatoria é a vara dos professores e que vale tanto como a vara de *Moysés*. Não percebo a citação, a não ser que o theologo quizesse alardear sandice. *Moysés* (com

y) não é outra coisa. Vélharia, mas sandice. Olhe que o *y* — o i grego — não fôra chamado a collaborar na designação do legislador hebreu. Escreva *Moisés*, e dê ao diabo o que sabe! Não ficará rico o Tentador.

*

* *

Mette a ridiculo Volney e o velho Castilho, porque se pronunciaram contra os castigos corporaes. Está no seu direito, como theologo do *Commercio do Minho*, quando faz pouco de dois Superiores em entendimento e em celebridade. Ahi é que os puxões de orelhas, á primeira hora, estão produzindo fructos que não são precisamente *clarões intellectuaes*. Cabeça e coração e delicadeza desaforam-se, por igual, indecentemente. Mas, ahi vae prosa do aleijão:

«E' caso! O pae e a mãe, que se acham em casa com cinco ou seis filhos, vêem-se amofinados com elles. E que fará um pobre professor ás vezes com duzentos? Os paes castigam-nos,

e devem castigar, e os professores que os tratem como se fossem de vidro de Veneza !»

Mais :

«Nunca fui professor, mas não deixo de conhecer o quanto é difficil e custoso de aturar rapazes. Creio que para o conhecer não é preciso ter exercido o magisterio.

«Já o nosso Nicolau Tolentino dizia em verso que o ser mestre de meninos era o maior martyrio e tortura do mundo.»

Que raciocinio e que portuguez ! E que subtileza de critica a d'este padre-mestre—tão ignorante que a escuda com o Tolentino, o mestre-escola de quem os discipulos, fóra dos dominios da Poesia, só poderiam aproveitar a indignidade de pelintra e de perpetuo pedinchão!

Sr. João Franco ! A portaria não é só amarra nas mãos malfeitoras dos *algozes* : é tambem *cano de bota* indispensavel, no focinho, ao silencio dos defensores !

PROBLEMA SÉRIO

Pois que são diarios os alvitres, as ponderações e as objecções que eu recebo do meu proximo,—anonymos, ou assignados, ácerca dos assumptos que diariamente discuto, estou em crêr que a feição risonha e despreoccupada d'estes capitulos não occulta aos olhos da maioria o fundo de sincera seriedade que está no espirito do auctor. N'estas condições de boa intelligencia, não posso fugir, nem desejo, á collaboração que se me impõe e de que é amostra a seguinte carta, recebida hontem, e que interessa

aos paes de familia, ás creanças — e aos legisladores... aos que se interessam.

Olhem, como eu estou olhando:

*

* *

«Tenho visto o modo, justo e indiscutivel, como v. tem defendido *os pequeninos* contra as brutalidades dos mestre-escolas, e felicito-o calorosamente; mas permitta-me que lhe diga que, uma vez lançado n'esse caminho de paladino das creanças, a sua missão ainda não findou; pois, para leval-a ao cabo, deve tambem olhar para o futuro d'esses pequeninos, quando elles forem *grandes*. Ponha os olhos no seu Marius e supponha-o já *grande*; transporte-se, por exemplo, ao anno de 1906,— que eu faço o mesmo. Estou a vêl-o d'aqui, o seu Marius, com o bigode a despontar: um rapaz perfeito, o terror das pequenas, encerrado no seu quarto, a estudar preparatorios, os taes preparatorios, cada vez mais infinita e estupidamente augmentados. O

pobre rapaz está matriculado no 5.º anno do lyceu, no 3.º do curso superior de lettras, no 2.º da escola polytechnica, no 4.º do instituto industrial e no 6.º de qualquer outra escola que se creará até lá. Não extranhe que elle frequente tantas escolas ao mesmo tempo; os preparatorios augmentam e o limite d'idade diminue, de modo que é necessario accumular; somme-lhe mais 50$000 réis por cada matricula em cada uma das ditas escolas.

Pois o Marius, depois de ter fechado os compendios com que ha quatro horas se está embrutecendo, põe-se a reflectir e a escolher mentalmente a carreira a que se ha de de dedicar... Medico — pois seja medico.. mas de repente dá com os olhos nos compendios de historia e de physica, aquella physica da escola polytechnica, que é o papão de todos os alumnos, e pergunta a si mesmo : — «Mas então para eu ser um bom medico, conhecedor profundo do organismo hnmano, e habil operador, preciso saber as campanhas de Annibal, a historia grega, ou conhecer as leis do pendulo, a theoria da polaridade, etc.?... E' estupido. Escolhamos a carreira mi-

litar. Está dito, serei militar»... mas n'isto fita os olhos no *Magnum lexicon*, na botanica, na zoologia, e exclama : — «Mas que necessidade tenho eu de saber latim, ou botanica, ou zoologia, para ser um official distincto ? Pois os latinos deixaram alguma coisa escripta sobre a moderna arte de guerra ? Pois para eu dirigir um combate, inventar uma nova arma de fogo ou construir uma fortificação, precisarei saber as propriedades d'esta ou d'aquella planta, ou a que especie de quadrupedes pertence o legislador que fez isto ? Ora bolas !»

E o Marius, em seguida, pergunta : — «Mas quem difficultou assim a carreira militar ? Um coronel que não tem outros preparatorios além do 4.º anno dos lyceus. Quem difficultou a carreira de medicina ? Um medico, talvez, que não sabe palavra de allemão, de physica, de inglez, mas que exige agora esses exames.» E o Marius vae-se deitar, e um bello dia apparece formado em direito, com exame de allemão, francez, inglez, volapuk, etc., mas não sabendo patavina de tudo isso, e mendigando um logar de amanuense n'uma repartição em que o seu chefe é habilita-

do unicamente com o curso de galopim, feito nas ultimas eleições, o que o não impede de ser fundamentalmente estupido.

Não lhe valerá a pena fazer algumas considerações sobre este assumpto?»

*

* *

Vale.

A TAL PRINCEZA

Haverá quinze annos, esteve ahi em Lisboa a princeza Rattazi, — litterata de avariados créditos, azevieira, mettediça, bachareleira: uma ridicula das Lettras. A litteratura de cómes e bebes alliou-se á litteratura das intrigas: comeu-se e bebeu-se, e mexericou-se. A *bas-bleu* tomou a sério os que pareciam dar-lhe o original regalorio de alguem a tomar a sério por este mundo. Entre um general pintado e um academico em preparo identico, a pobre de Christo foi, á mesa do baquete, tomando notas sobre este bom povo: os costumes, a historia, a litteratura, o diabo! Das notas saiu em con-

densação um pezado livro de asneiras, que uma trépa de Camillo Castello Branco tornou imperecivel na memoria dos lusitanos. *Portugal a vôo de passaro* não merecia as attenções trocistas do grande Mestre: quanto muito, as biscatas alegres dos jornaes satyricos e o retrato da «princeza» em caixas de phosphoros explosivos — muito estardalhaço e pouco phosphoro.

Mandou quem podia. A sr.ª Rattazi entrou na vida portugueza, pela porta do Grutesco, e por ahi lhe pregaram na *tournure* uns rabo-levas, e não riram menos da taralhona os que mais lhe haviam prodigalisado brindes de velhaco e intrujices de farçola. Dizia o Mestre, na tosquia da *bas-bleu*: — «A sr.ª Rattazzi, se usasse calças, e voltasse a Portugal, havia de encontrar quem lhe désse umas.» Um engano do grande espirito que a graduara em coisa discutivel. Voltou a «princeza», e não se lhe deu calças, nem se lhe pôz mais rabos — porque mal chegam para maiores celebridades, — nem se lhe offereceu mais banquetes. Comes e bebes é ella quem os offerece — e quasi toda a gente lh'os recusa.

*

* *

Chego ao ponto sério, pois que o destino tornou possivel este absurdo: um *caso sério* a sair de tal entrudada. Possivel e deploravel e digno de aviso: — a sr.ª Rattazzi, que, no seu grutesco livro se refere ao *Pimpão*, sabe que este jornalsinho chega longe, e nós o faremos chegar onde o traduzam, e á «princeza» menos convenha d'esta vez... Mas vamos ao ponto, á pedra de escandalo, á pedra de toque do seu «culto pelo velho amigo Portugal», como ella diz, em jantarinho de ascetas, ao Augusto Ribeiro — que lhe conservou o culto.

A sr.ª Rattazzi é objecto, em França, de um escandaloso processo, que lhe tem valido os mais affrontosos ataques de parte da imprensa parisiense. A sua reputação de Sévigné de *can-can* nada tem que vêr no escandalo. D'esta vez, é coisa mais grave; e os seus amigos de Hespanha, cada um dos quaes é *mui formal*, entenderam, com ella, que o paiz das laranjeiras — que

ha quinze annos serviu á *bas bleu* para bordado de tolices e de insolencias irresponsaveis, poderia servir d'esta vez para rehabilitação da processada. A «princeza» viria a Lisboa, e em banquete de politicos, de diplomatas e de escriptores, poria em fóco as suas banalidades, as suas lérias, os seus brilhantes e o seu *cold cream;* e artigos de jornaes, relativos ao seu *triumpho*, seriam traduzidos em Paris, e publicados em qualquer *Figaro* — a pezo de ouro. Já lá tem a visita aos reis de Portugal, desconhecedores, sem duvida, dos ataques da directora das *Matinèes espagnoles* á sr.ª D. Maria Pia, — quando serviram de *réclame* á «processada,» em vez de a mandarem expulsar do paço — como eu o faria da minha habitação.

*

* *

Os litteratos que ella tem convidado para os seus jantares e que lá não teem posto os pés sabem, ou ignoram, os projectos da «princeza.» Se os sabem, procedem dignamente; se os des-

conhecem, estão bem com o destino honrado. O nosso torrão é pobre,—não diremos *pobres, mas honrados* : 4.º acto no Principe Real ; — mas que elle não sirva, depois de terreno para as dejecções pedantes dos *refusés* ridiculos de sua patria, para cobrir com festejos innocentes ou descuidosos as aventuras escandalosas de quem nos insultou. Levem os aventureiros cosmopolitas ás alfurjas da Bohemia os seus chavões sobre a nossa Historia. Já se cá sabe o que fomos, o que somos — e o que não desejamos ser.

ANARCHISMO

Consoante o processo jornalistico do Teixeira de Vasconcellos, um que sabia do seu officio e com quem eu fui metter-me ha vinte e cinco annos, — rapaziadas ! — os assumptos graves só devem ser discutidos pelo Carnaval, ou em estylo carnavalesco. Aproveito a época, visto eu não dispôr de estylo : é para lhes falar dos anarchistas.

Falo-lhes em generalidade, já se vê, como o velho sr. Serpa, chefe do partido regenerador. Teria graça que eu viesse agora, ao fim da vida, com rheumatismo, dispepsia e o resto, prender-me nas malhas d'essa rêde estudada e approvada

pelo Motta Gomes e outros vidraceiros d'uma cana, — rêde destinada «aos que defenderem, applaudirem, provocarem, ou aconselharem actos anarchistas, ou professarem doutrinas de tal seita!» Isso sim! Eu não defendo, nem applaudo, nem provoco, nem aconselho, nem professo. Que bello preparo o nosso — o do sr. Antonio de Serpa e o meu — condemnados nós ambos a seis mezes de prisão, e, depois, entregues ao governo—como vadios! É isso: o grave só pelo Carnaval.

*

* *

Não defendo, nem applaudo, nem provoco, nem aconselho, nem professo; apenas *espero o que tem de vir*, sem temor dos homens, nem temor de Deus. Tenho sido, desde os dez annos de idade — ha trinta e sete annos — opprimido, torturado, roubado, perseguido, calumniado, atraiçoado, outra vez roubado, outra vez trahido, muitas vezes escouceado: e ainda, até hoje,

não me abstive de olhar com fixidez para o problema da Miseria dos outros e de pensar, tambem fixamente, *que não póde o caso continuar assim.* E' caturrice incorrigivel.

Claro que este pensamento fixo não implica a simples suspeita de que eu defenda, applaude, provoque, aconselhe, ou professe aquillo que nos levaria, ao sr. Antonio de Serpa, — conselheiro de Estado e chefe do partido regenerador — e a mim, aos horrores do Limoeiro e á «disposição do governo, como vadios» — se taes coisas defendessemos, etc. O que eu penso é o que pensariam os jornalistas da *Nação*, se os não animasse a fé religiosa: declaração do honrado jornal; é o que pensava ha quarenta e oito horas um deputado governamental — um dos poucos que sabem lêr, — quando me dizia á porta da Havaneza:

— «Não! Isto não se póde aturar. Vir a gente das suas miserias — eu das minhas faltas de charutos, aquelle que alli vae da falta de pão para os filhos, — e deparar-se-nos por essas ruas a opulencia estupida, insolente e provocadora, que nos esbofeteia e nos esmaga... Não é a Fortuna

do mais sabio, do mais honesto, do mais digno; e quasi sempre a fortuna do mais infame!»

E alli mesmo contámos historias, citámos nomes, lembrámos horrores da iniquidade da Sorte. Da Sorte? Historias! Da organisação atroz da immunda sociedade em que vivemos. E concordámos em que não ha leis de excepção que possam garantir sujeitos pacatos, como nós dois e o sr. Serpa, contra o maldito *não sei que ahi vem!*

*

* *

Claro que essa coisa no ar — como lhe chamava o previdente bispo de Vizeu — não consiste nos attentados lisboetas. Se assim fosse, nem o sr. Serpa nem eu, nos metteriamos em folias de explicação. Nenhum de nós defende, nem applaude, nem provoca, nem aconselha, nem professa. Vamos esperando; e, pois que estamos velhos, ou pouco tarda a historia, ou nos safamos sem vêl-a.

CINZAS

Foi no domingo gordo, de manhã, que ao encafuar-me n'uma carruagem do comboio — alli no Rocio — para Queluz-Bellas, ouvi as mais cruciantes ironias, da bocca desdenhosa e algo desdentada do commendador Francisco. Vinha elle de Cintra, para gosar o carnaval com a Soledade — coitadita da pequena! — e apresentou-me á serigaita como «um perfeito urso» que se dava ares de fatigado e aborrecido, fugindo aos divertimentos, na mais propicia das quadras. — «Que diabo vae você fazer para Queluz, para Bellas, para casa do diabo?»

Logo alli lhe expliquei e á moça — que me in-

commoda a berrata dos foliões, mais a folia das meninas que atiram coisas, das janellas, sobre os transeuntes pacatos, e tambem disse, por ser verdade, que os meus meios não me permittem distracções á altura dos meus pensamentos viciosos: bailes janotas, como introducção a ceias luxuosas com mulheres catitas; e que a minha velha philosophia exige imperiosamente tudo... ou nada. Dou-lhe com o nada á philosophia, vou-me no comboio barato, até aos *paizes* baratissimos, onde, n'uma hospedaria sem outros hospedes, falo de politica com o dono da casa, que é Um Velho, e de artes com a sopeira, que é Uma Nova.

Ouvi-me Francisco, cheio de compaixão e a Soledade cheia do tédio que a pelintrice inspira ás damas sem coração. O comboio safou-se a tempo de eu me livrar de epigrammas d'aquelles alegres a minha taciturnidade obrigatoria. Elles foram-se para o pagode e eu lá me fui para Bellas a dar milho ás gallinhas das Pascoaes.

Por lá passei tres dias, e regressei esta manhã.

*

* *

Alli no largo do Carmo, vinha eu da gare, dei de cara com o commendador.

— «Estimo encontral-o, disse-me elle com voz cava.» Achei-lhe os olhos pisados, a fateota amarrotada, os punhos da camisa pouco limpos.

— O prazer é meu, commendador. Como vae aquella pessoa ?

— Sentemo-nos n'um d'estes bancos. Ou você leva pressa ?

— Eu nunca tenho pressa. Quer eu côrra, quer esteja parado, sempre chegarei ao fim.

— Ao fim das coisas... resmungou Francisco, sepulchral.

— O commendador está triste ? !

Francisco espremeu um sorriso amarello como a cabeça do meu canario.

— Você é que conhece a vida. Você é que a sabe toda. Se eu não fosse um burro...

— Oh, commendador !

— Deixe-me zurrar ! Se eu não fosse um bur-

rissimo burro, teria feito como você: teria ido para o campo, colher malmequeres, beber leite de cabra...

— A proposito de cabra...

— Pergunta-me talvez pela Soledade? Diz muito bem: cabra, cabrissima, capricornia. Só tenho o que mereço!

(Dois minutos de silencio constrangido.)

*

* *

Palmada do commendador n'um dos meus joelhos. Presto-lhe attenção commovida. Elle explica-se:

— Chegámos a Lisboa e fomos para o hotel. Logo alli tive palpite de maroteira: estava lá hospedado o *Abobora*, um fidalgote jarreta, que ha uns poucos annos traz a sujeita espetada no pensamento. Você ri-se?

— Julguei que era outra coisa.

— Bem. O *Abobora* fingiu que nos não conhecia, e ella com modos embezerrados, não fazia senão descompor-me, por haver escolhido aquel-

le hotel. Fomos ao D. Amelia, ao baile. Ahi é que foram ellas. Toda a noite, um mosqueteiro atraz de nós e a labisgoia a dar-lhe d'olho. Enfureci-me, e quiz sair. Chamou me asno. Prometti-lhe correctivo, quando chegassemos a casa. Esbofeteou-me; acudiu gente; houve risota; na balburdia, perdi-a de vista; e disseram-me os creados do botequim que ella se tinha safado com o mosqueteiro. Era o *Abobora*!

— Oh! com os diabos!

— Meu rico senhor! Isto foi no domingo á noite. Hoje é quarta, e ainda não preguei olho, desde domingo. Tenho andado aos tombos por todos os theatros e por todos os bailes, a vêr se os encontro—aos dois. Desgraço-me, se os apanho. Que está você a olhar para mim tão exquisitoriamente?

— E' que pensava n'uma coisa exquisitoria.

— ?

— Como vae a sr.ª D. Gertrudes e como vão os meninos?

— Lá vão indo. Isso é Moral? Você bem vê que eu com a cabeça n'este estado não hei-de agora pensar na familia! Você vae-se?

— Vou. Levo aqui umas queijadas para o meu pequeno, e como eu tenho a cabeça livre...

N'este ponto, o commendador fez-me dó! Foi com lagrimas a cairem lhe nos joelhos, que elle me disse, estrangulado:

— Tudo o que você pensa, tenho-o eu pensado muitas vezes; mas que quer? A alma tem compartimentos...

— Sem faltar a cloaca. Tenho entendido.

POR ESTE MUNDO

A esta hora, está-se julgando em Toulouse (França) um processo movido pelo famoso Résseguier, o da fabrica de vidros de Carmaux, contra o deputado socialista Jaurés e o jornal *La Petite République*, culpados de diffamação do «innocente.» O processo é interessantissimo, mercê do relevo que lhe está dando o advogado de defeza — Viviani. E não deixa de concorrer para tal relevo, na medida das suas forças, o advogado de accusação, Ebelot, especie de encravadissimo, que assim se escagarrinha conservadoramente :

—«E' á definição da Propriedade como roubo,

—é a essa definição de Proudhon que se deve o 2 de dezembro !»

Quer elle dizer na sua — que os pavôres da sociedade conservadora, em frente das «blasphemias» de Proudhon contra a Egreja capitalista, tornaram possivel e acceitavel o attentado de Luiz Napoleão contra a Republica Franceza. Está na orientação de um hespanhol, meu amigo, que ha annos me explicava em Madrid :

— «Foi o medo das atrocidades dos carlistas que tornou possivel a breve duração da Republica em Hespanha, e foi o terror determinado pelos excessos dos Federaes em Carthagena e Alcoy que tornou admissivel a Restauração dos Bourbons. E' de má politica — *não descontar o medo.*»

*

* *

Os dois advogados que ora se degladiam no tribunal francez, á conta dos furores do patrão Résseguier contra os seus *diffamadores*, tornam saliente a orientação que ahi deixo condensada.

Sobre os direitos de cada operario espoliado, véxado, expulso, e depois sobre a lei dos syndicatos, sophismada, escarnecida, tripudiou o gordo mariola de Carmaux, á sombra dos grandes patifes da Politica, seus companheiros de *negocio*, de orgias e de banquetes em que celebravam as *victorias* parlamentares e judiciaes sobre os operarios famintos. Marcado a ferro quente pelo deputado e pelo jornal, socialistas, vae aos tribunaes queixar-se aos susceptiveis de pavôr: — «Notem que das audacias, ou das violencias dos revolucionarios, ou dos pretendentes, é que saem os cataclysmos politicos!» E' de presumir que a Sociedade dos «aterrados» condemne o jornalista e o deputado. *Se ella tem medo — a innocente*!

*

* *

— O Quarto Estado, por essa França, por essa Allemanha, — por onde pensa, — é que tem de contar com tudo isso, — não *para descontar o medo*, como aconselhava o outro aos politicos, mas para contar com elle entre os embargos.

Tem de contar comsigo : isto é, de suspeitar dos alliados que, á meia volta, se deixarão dominar pelo Pavôr e unirão fileiras com todas as classes aterradas. Esgotou o Quarto Estado o calix de todas as miserias e de todas as affrontas; foi a *chair à canon* de todos os partidos, emquanto não serviu de *phantasma*, para que uns aos outros se intimidassem. Creia e não esqueça nunca — que só tem inimigos: e são todos os que gosam da vida as commodidades, as honrarias, a consideração, os prazeres da mesa, os regalos das fémeas e a protecção de Deus—por intermedio dos seus ministros. Tudo isso o odeia, porque o teme, e porque o offensor nunca perdôa ! Hoje aquelle advogado brada á sociedade conservadora — que é dos Proudhon, dos Jaurés, das *Petite-Républiques* que saem os attentados dos Bonapartes, e os Bonapartes explicam — que os attentados são a expressão da legalidade preventiva contra os perigos com que a *canalha* ameaça. E os Miseraveis são ainda, ao termo do seculo burguez, o pretexto para o crime, depois de serem o espantalho para os terrores e a *chair à canon* para os sacrificios !

UM CASO

Alli temos nós, em Hespanha, um caso que fez sensação, porque se trata de um homem eminente — Nicolau Salmeron, mas que entre nós se tem produzido varias vezes e não deixará de produzir-se, sem que o legislador se resolva a olhar por elle. E' um caso de honra; e, portanto, n'esta quadra é assumpto para segundas leituras.

* * *

Nicolau Salmeron chamado um dia d'estes ao tribunal, a depôr como testemunha n'uma causa

commercial, recuzou jurar sobre os Evangelhos, porque não tem crenças religiosas. Ponderações sisudas do pobre juiz agarrado á Lei, e uma carga furiosa do chefe republicano sobre o absurdo e sobre o magistrado. Dizem os jornaes de Madrid que o Salmeron parecia estar no Congresso, em dias de tempestade parlamentar. Devia ser bonito! Não jurou e foi-se embora, deixando a Lei n'uma situação burlesca; mas burlesca já ella era desde o nascimento.

Faz observar, á luz de uma doutrina encravadissima, um jornal hespanhol — e o mesmo fariam outros, portuguezes: — «Que é inadmissivel a recusa do juramento, pois que ámanhã póde dar-se o caso de a vida de um homem accusado de homicidio depender do depoimento de uma testemunha presencial, que não quer jurar, porque não tem crenças religiosas.» N'este ponto o jornalista hespanhol faz mais que confessar-se um inepto: demonstra-se algo imbecil.

Os innumeraveis casos de recusa que entre nós e lá fóra se teem dado, nas condições em que figurou Salmeron, impõem aos legisladores uma *emenda* urgente ao disparate e á immoralidade da Lei. Se eu, livre-pensador, juro sobre os Evangelhos dizer a verdade, o meu juramento é trocista, ou é cynico : falso em todo o caso. É como se eu, catholico, jurasse ámanhã, em Constantinopla, sobre o Alcorão. Mas o meu depoimento importa ao esclarecimento de um processo em que a vida, ou a honra, ou os bens do meu similhante estão em jogo : n'esse caso, eu não posso esquivar-me ao *depoimento* e presto-me a esse acto, sob minha *palavra d'honra*. Se a Lei não me acceita essa palavra, é disparatada e é immoral. Não póde haver duas opiniões.

*

* *

Se eu livre-pensador, ou mussulmano, recuzo jurar aos Santos Evangelhos, é porque tómo a sério o meu juramento e o processo em que sou chamado a depôr. Em taes condições de escrupulo no juramento e de respeito pelos interesses alheios, eu tenho de ser considerado um homem de honra. Sendo assim, a minha palavra é, como se diz, um evangelho, e uma lei sensata e moral tem de recebel-a, porque eu não tenho de jurar falso, transigindo com a pena por desobediencia, ou de abster-me de depôr, prejudicando os interesses de terceiro e da Sociedade.

Mas, dado que eu, despresador, ou indifferente, ou adverso, em materia religiosa, jure aos Santos Evangelhos dizer a verdade, *pondo alli a mão e proferindo a fórmula*, sem crença, sem respeito, sem seriedade, trocista ou cynico, ou a pensar n'outra coisa, eu deixo de ser alli, no

tribunal e na solemnidade do acto, um *homem de honra*, no sentido absoluto da classificação: não tenho palavra, pois que não tenho o respeito das minhas crenças, ou das minhas *duvidas religiosas* — que constituem uma crença, — e n'essas condições o meu juramento a nada me obriga e constitue uma burla, a que a Lei se presta relaxada e estupidamente.

*

* *

Descendo de Nicolau Salmeron á minha individualidade, já sabe o juiz que houver de interrogar-me no caso proximo da separação do commendador Francisco (tem sido um escandalo com a Soledade!) — já sabe o illustre magistrado que eu tenciono abster-me do juramento. Para me dar ares? Para fazer escandalo? Para favorecer o devasso commendador? Nada d'isso. E' simplesmente porque o meu respeito pelas minhas descrenças religiosas e o meu respeito

pelas crenças representadas pelo tribunal condensam-se n'um pensamento de honra: eu não irei caçoar com a religião dos outros, nem com a dignidade propria; e é n'estes escrupulos que se firma a *palavra d'honra* que eu offereço.

OS TAES ALGOZES

Não descançam, — nem eu. As descomposturas anonymas em minha pobre pessoa e as bravatas contra o ministro que os ameaçou de prendel-os mais curto alternam com as noticias que me vem chegando de successivas brutalidades dos algozes contra as creancitas. Ainda eu hontem (1) tive conhecimento de um caso de maus tratos que deixaram ensanguentada a victima do reverendo, — d'esta vez o algôz tem corôa aberta.

---

(1) 24 d'abril, 1896.

Foi no collegio de jesuitas, de Campolide. O pequenito maltratado chama-se Cardia e tinha lá o n.º 184. O algoz é o reverendo Cardozo,— que eu não tenho a dita de conhecer, nem se me faz preciso, nem apreciavel. Vi o pequenito, que se mostrava indignado pela injustiça e pelo desaforo, o que nas creanças é mais cruel que os repellões da sensibilidade physica. Narrava o caso, tendo inflammada a physionomia, e, a proposito, aduzia pormenores da dureza de coração de outros ecclesiasticos que no tal collegio exploram o ensino. Segundas leituras...

*

* *

O collegio de Campolide é especialmente protegido nas regiões altas; diversos cavalheiros influentes e preponderantes no governo d'esta coisa furta-côres teem lá os filhos a educar, e é de presumir que, segundo as praxes da maioria dos estabelecimentos de ensino, os filhos do sr.

conselheiro, ou os do sr. visconde sejam poupados na distribuição de maus tratos. Lembro-me de que em um collegio do Camara — que Deus tem — na rua de Santo Ambrosio, fomos condiscipulos o sr. Hintze, dois irmãos d'elle e eu» ahi por 1859. Uma vez, o sr. Hintze (o Ernesto Rodolpho) teve comigo uns dares e tomares, de que resultou conflicto. Interveiu o director do collegio, o Camara, que me reprehendeu asperamente na presença dos trez Hintzes, e que, d'ahi a meia hora, receando perder um alumno, me deu a seguinte explicação, em particular:

— «E' que estes Hintzes são d'uma familia muito importante. O pae tem navios *no mar* !»

Produziu-se então este caso: Eu déra á reprehensão do Camara em frente dos trez Hintzes a importancia merecida: o Camara pareciame um burro, — Deus perdôe á sua *alma* ! Quando, porém, elle se justificou, appellando para a importancia d'aquelles sujeitos, reagiu em mim o orgulho, porque eu já era e me julgava muito mais intelligente que o actual presidente do conselho, e fui-me a contar tudo a

meu pae — que não tinha navios *no mar*, mas que os não via no Alto de Santa Catharina.

Elle ouviu, franziu o sobrolho e disse-me : — «E' preciso arranjar-se outro collegio.»

E assim se fez. Eu tinha quem olhasse por mim — pela minha dignidade e, se fosse preciso, pelo meu physico.

Creio que os *algozes* — de corôa, ou sem ella, — confiam, para as suas brutalidades, na indifferença idiota, ou miseravel, da maioria das familias, pelo que se faz ás creanças. Escrevia-me ha dias um dos taes banaboias:—«Felizmente, nem todos os paes andam com os *petizes* ao collo !» Tenho uma suspeita de que o moralista é de bom fundo, mas que não traz os filhos ás costas, porque não sabe se elles são bem *seus*. Louvo os escrupulos, embora tardios, que se occultam sob uma apparente rudeza.

Quanto aos jesuitas que maltratam os pequenitos, supponho que se julgam desculpados perante Deus e os homens, porque vivem fóra das leis e das affeições e dos sacrificios da Familia que se creou. Deve ser dos padres ineptos o raciocinio: alma damnada — ruim entendimento.

Na minha travessia da infancia fui educado por padres, — portuguezes uns, outros vindos de França, outros de Italia. Todos elles eram bons de coração e todos eram intelligentes e instruidos. Aprendi algo com esses reverendos, — menos a perdoar á estupidez que se refocila na maldade e faz gala da sua miseria!

PROBLEMAS

O meu barbeiro de ha trinta annos a esta parte, salvo intervallos prolongados, é alli o Silva da rua de S. Roque, junto ao café Tavares, — um excellente velho, fiel á disciplina e ao dogma da «barbeiragem» antiga. Não quer officiaes, não quer innovações; talvez não queira fréguezes novos. Tem recordações politicas e artisticas, a que se conserva fiel: o Joaquim Antonio d'Aguiar, o José Estevão e o Taborda occupam os logares da primeira fila na legião das recordações melancolicas. Gosta de historias innocentes como a canja do Entroncamento — o succo das cabeças de nabo, como é sabido; uma

vez por outra, a anecdota bréjeira do Silva Canellas, ou d'outro sceptico de experiencias feito, é muito bem recebida pelo excellente homem. Claro que não reproduzo alguma d'essas: socegue o pudor da Soledade!

*

* *

Uma noite d'estas, contou-me o amigo Silva, emquanto me barbeava, um caso extraordinario, o que, por signal, me deu sustos — não o caso mas a narrativa, — pois que o *mestre* agitava sobre a minha cabeça uma navalha afiada ao ponto de rabuçado: navalha que deceparia todas as excrecencias duras d'uma cidade civilisada. Prevenira-me elle de que era coisa de sensação, rebuscando na velha pasta das lérias. — «Não! que esta é de tres assobios!» annunciava o Silva, agitando a naifa.

Olho e ouvido á cóca, e eis o que eu ouvi:

— O sr. *João Braz* deve ter conhecido o medico Cunha Telles?

— Conheci bem.

— Grande medico !

— Cuidado lá com isso, ó sr. Silva !

—Não ha novidade... Grande medico e muito amigo da pobreza, e que pelos modos imaginava saber muito de grammatica.

— Que diabo de *omelette* é essa, ó amigo Silva !?

— *Omelette ? !*

— Sim. A que diabo vem a grammatica, com a philantropia e com os dotes do clinico ?

— E' porque a *historia* vem na grammatica. O senhor vae ver.

Aguardei, lembrando me da phrase do Montaigne — que antecedeu o mestre Silva : — «Toutes disputes sont grammairiennes.»

*

* *

Molinetes do barbeiro, em volta dos meus queixos, e assim se explica:

—Amigo e senhor. Foi o doutor Cunha Telles, excellente medico, muito caritativo...

— E grammatico.

— Já lá vamos... Foi o doutor Cunha Telles passear pelo norte, lá para o Minho : o senhor hade saber.

— Sei ; mas cuidado com os queixos !

— Não ha duvida. Foi o doutor, com a esposa, e por lá andaram, gozaram, tal e coisas, e vieram dar comsigo n'um hotel do Porto. Alli, o tratamento, pelos modos, era de arripiar: más comidas, más bebidas, roupas velhas, persevejos, má educação...

— E falta de grammatica: estou vendo.

— O senhor não me interrompa ! Má educação, persevejos, etc.

— Creadas feias ?

— Não sei. O caso é que o doutor e a senhora vieram de lá fulos. Elle, coitado, era um excellente homem e bem queria esquecer a coisa, mas a mulher é que não estava pelos ajustes. Que era preciso dar um exemplo, desabafar, fazer barulho. Isto de mulheres !...

— Andando !

*

* *

— Pois vamos andando... Tanto seringou, causticou e atenazou o doutor — a endiabrada mulher — que o pobre homem saltou para os jornaes. Foi para o *Diario de Noticias*, e desatou a contar a historia da viagem, até chegar ás aventuras da hospedaria. Contou tudo, que até fazia nojo: persevejos, más comidas, más bebidas, roupas sujas. Arre! que até... que diabo foi?

— Foi o meu amigo que me cortou. Cebolorio!

— Isso não é nada.

— Não é nada, tambem acho. Emquanto não me degolar, vou ouvindo.

— Eh! Eh! O senhor tem graça! Pois é verdade, o doutor pôz a hospedaria pelas ruas da amargura. Aquillo acho que fez bulha e que daria prejuizo á quitanda. O caso é que o dono, que tinha relações, pelos modos, com gente de

sabedoria, contractou com um sabio a resposta ao Cunha Telles, e ahi é que foi obra!

— Chegou-lhe tezo, hein?

— Foi de rachar. Não foi só dizer-lhe que era pêta e chamar-lhe pelintra e guloso, coisas e tal. Saltou-lhe nos artigos e provou-lhe—disse toda a gente entendida — que a coisa do doutor estava cheia de erros.

— Oh, diabo!

— Que foi?

— Não é nada: quer dizer — é sério: a coisa do doutor em similhante estado!

— Eh! Eh! O senhor é um maganão. Pois é o que lhe digo: foi um acontecimento. O doutor andava por ahi véxado; elle eram os creados, os moços do café, os padeiros, os janotas do Chiado, toda a gente a criticar... Diz que nunca se viu uma pastellada assim, em erros grammaticaes! E que me diz o senhor a esta?

— Eu? Que quer o amigo Silva que eu lhe diga? A moralidade do conto?

— Que! Elle tem moralidade?

— Pois onde diabo quer você que a moralidade se metta, senão nas parvoices?

— E' boa ! E qual vem a ser a moralidade ? Deve ser boa asneira !

— Um homem esfolado, zombado, enganado, e comido pelos persevejos não deve queixar-se á policia : deve estudar grammatica. Ahi tem você as vantagens da instrucção !

COISAS GRAVES

O commendador Francisco apresentou-me hontem, n'um intervallo, em S. Carlos, um americano seu conhecido — por via da Soledade, salvo seja! — o qual americano é proprietario de uma grande fabrica de papel, homem moço, educado, nada tolo, falando correctamente o francez e usando nos bilhetes de visita o nome de Benjamin Dickens. E' de Boston, o que de certo modo explica um *incidente* que em tempos se produziu na livraria Herculano — uma que alli esteve no Chiado.

Foi o caso que o caixeiro da livraria, rapaz soffrivelmente tapado, me contava uma vez coi-

sas dos Estados Unidos, onde estivera, em Boston, como caixeiro de livreiro. Perguntei-lhe pelos auctores americanos e pelos inglezes que maior procura tinham no mercado. Coçou-se o rapaz na cabeçôrra e deu-se a procurar nomes, com um ar aparvalhado que me fez pena.

Auxiliei-o caridosamente:

— Vendia-se muito o Edgar Poe?

— Bastante... Quer dizer: não era lá grande coisa.

— E o Cooper?

— Esse era mais a mim, mais a mim!

— Conheceu o Cooper? (o romancista do *Lago Ontario* falleceu ha 45 annos.)

— Se conheci! Ia muito lá pela livraria.

— Bem. E a respeito de inglezes, tambem por lá ia o Dickens (fallecido em 1870)?

— Esse não saia lá de casa.

Percebi apenas que, se o rapaz não era idiota, vinha eu a sel-o, soffrendo a mystificação. Virei costas e, volvidos dez annos, hontem á noite, tive a suspeita de que o Dickens que *não lhe saia de casa* seria o fabricante de papel. Quanto ao Cooper, que frequentava assiduamente a li-

vraria, devia ser filho d'algum burro do romancista.

*

* *

— «Pois é verdade, disse-me Francisco; o sr. Dickens é um cidadão dos Estados Unidos e naturalmente muito affeiçoado aos Cubanos. Eu disse-lhe ha pouco, a proposito : — Alli está o meu amigo *João Braz*, um jornalista, quo se interessa muito pelo Maceo, mais pelo Maximo Gomez. O mesmo foi que pedir-me elle a honra de uma apresentação.»

Trocámos palavras de convenção, o americano e eu, e fiz-lhe observar que se eu não tinha pelos Cubanos um fanatismo extremo, era isso devido á intervenção de uma pessoa minha amiga — uma filha de Hespanha — que punha embargos á minha dedicação.

Riu-se o americano.

— «E é republicana a sua amiga ?»

— Tão republicana como patriota. Não vae

matar o Maceo, porque tem d'olho, para o homicidio, figuras politicas do seu paiz.

— «Deve estar álerta. Creia que vem ahi a Revolução.»

— Parece-lhe? E a você parece-lhe, commendador?!

— A mim, parece-me que vem uma carga d'agua, para a sahida, — resmungou Francisco.

— «Pois vem ahi a Revolução hespanhola: insistiu o americano. Que demonio imaginavam os hespanhoes, que ha trinta annos reconheceram como belligerantes na «guerra da America» os confederados do Sul e que conspiravam contra nós, com o Francez do imperio mexicano e com o Inglez da questão Alabama? A votação da camara e do senado, meu caro senhor, é a expressão do odio de trinta annos: contas abertas — e Deus livrasse o Presidente de pensar em abafal-as! Não calumniem os Estados Unidos atribuindo-lhes a intenção de se apoderarem de Cuba: bem se importa a opinião publica com acquisições de territorios! O que ha são as contas a saldar com a velha Europa — a nossa rica amiga. Mas, como um Povo não seja

perante as Leis Historicas, responsavel pelos attentados dos seus governos, o povo hespanhol terá compensações : nós tiramos-lhe Cuba, mas damos-lhe a Republica. Póde garantir isso á sua amiga, e felicite-a por deixar em paz as cabeças do Maximo Gomez e do Maceo —uns patriotas da familia do Palafox e do Bolivar e do Floriano Peixoto.»

* * *

Ergueu-se da mesa o commendador, mais pallido que um condemnado.

— Que diabo tem você, perguntámos-lhe nós.

— O que tenho ? E' que penso no que irá por *nossa casa*. Naturalmente, temos uma invasão.

A meu pezar, senti um calefrio, e, ao que parece, a minha phisionomia traduziu meus negros pensamentos. O certo é que o americano, muito risonho, disse-me em voz baixa, tranquillisando-me :

— «Não se assuste o seu patriotismo. O com-

mendador, quando diz *nossa casa*, quer dizer — a casa da Soledade. O que elle receia é a invasão da Moral: — o desequilibrio do orçamento cazeiro.»

Que tal me saiu o pulha!

O LAMAÇAL

Essa historia dos 74 contos já elevados a 85 e, pelos modos, muito superior a 100, — refiro-me aos que o recebedor da Receita Eventual gastou em seu rico proveito — suggere meditações como burro. Não lhes falo de meditações *moraes*, — isso de moralidades severas é da especial competencia dos amigos com quem elle gastou o dinheiro. Póde contar, o banaboia, que tem os creditos em excellentes unhas!

Assevera-me um entendido que a organisação d'aquelles serviços da recebedoria acha-se de tal modo, que só por um correcto sentimento de probidade, ou pelo sentimento do medo está o

dinheiro dos contribuintes garantido. Fiscalisação é uma cantiga, e basta a caução de um conto de réis, prestada pelo funccionario que conservava dezenas de contos em seu poder, para que se imagine a relaxação de tudo aquillo.

Pelos modos, ha certo escrupulo em ferir melindres de um responsavel por sommas avultadas, apertando-o nas tenazes da vigilancia de cada hora. Taes escrupulos, é claro, são para com um recebedor; para os operarios do Arsenal e d'outros estabelecimentos do Estado não prevalecem considerações de *delicadeza*: o cabaz do jantar de cada um é rigorosamente examinado á hora da sahida, e com bom exito, pelo visto: só no anno passado foi apanhada uma torneira de latão, no valor de dezoito vintens. Parece que o ladrão já tinha passaporte para o Brazil!

*

* *

Ha quem se ria com estas observações, que são de extrema gravidade, — se attendermos a

que se derivam da desorganisação social: esse mixto de conveniencias, de accordos, de sentimentalidade e de covardia, — produzindo o que a minha creada chama simplesmente *uma pouca vergonha*. Não se trata apenas da disciplina atropellada; trata-se tambem de provocação ao crime. Se aquelle não contasse com a falta de fiscalisação severa dos seus actos— já não digo com a impunidade, de que elle tinha fartos exemplos, — é claro que não se lançaria de cabeça no tremedal da infamia. Tinha garantias a longo praso; o resto era do baixo nivel a que tem descido a critica social. Para assumpto de gazetas sem *original*, o seu caso é pão de cada dia.

*

* *

Não me compete indicar á intelligencia dos legisladores os processos praticos para o alvitre que lhes indiquei ha pouco: — o da vigilancia permanente. Venho eu dizer-lhes, simplesmente,

que se um particular houver confiado a sua caixa a um empregado, por mais digno de confiança, não exhorbitará no terreno da prudencia, averiguando o *modo de viver* d'esse empregado. Se o seu «caixa», vencendo de honorarios um conto de réis annual, vae além, ostensivamente, de um conto de despezas, sem dispor d'outro rendimento legal, é porque calotêa por systema, ou conta com os proventos do jogo, ou é um *souteneur*. Em qualquer dos casos — caloteiro d'officio, batoteiro, ou subsidiado por fémeas, está alli um indigno, perigoso para a segurança do cofre. Não haverá particular que o não demitta, depois de similhantes averiguações.

Ora, a vigilancia, que é um direito d'esse particular, será, acaso, uma tyrannia, dado que exercida por um governo ? A meu ver, só o affirmaria o empregado que ha dias se safou com os 84 contos, ou a quantos sobe, e algum outro — que traz d'olho a imitação do caso. Não pode lançar-se em conta os melindres do cavalheiro, desde que o respeito exaggerado de taes melindres pela Lei, que não conhece indivualidades, pode dar ala á perversão, e á desgraça e á ver-

gonha de uma familia. O que eu alvitro em determinados casos, desejou-o Esquiros para todos os cidadãos : — «Aquelle que não poder abertamente declarar, verba por verba, que só gasta o que honradamente ganhou, seja considerado indigno.»

*

* *

Quanto ás simples declamações de moralidade — corrupção dos tempos e outras lérias — deixo-as aos amigos do recebedor, aos que o ajudaram a perder se. E' repetição de cada um dos casos similhantes, que precederam o de hontem. Ha annos se deu ahi o de um funccionario fiscal gastar em pandegas, durante annos, com varios amigos, os fundos de um cofre a seu cargo e que ninguem fiscalisara,— para não melindrarem o homem. Subitamente, surgiu uma denuncia ; depois uma syndicancia. Eram uns 80 contos ; deu-se fuga ao desgraçado, que lá foi morrer pobrisssimo em terra extranha. Os ami-

gos conclamaram indignados : — «Se elle fazia despesas loucas !...»

Não se zanguem, meninos ! E' assim o *fundo* do vaso ; vejam se modificam esse *fundo*, alterando a *fórma !*

MORAL EM ACÇÃO

Porque as minhas pernas, tropegas, recusem por vezes transportar-me da minha travessa da Palmeira aos bairros dos botequins e dos respectivos pensadores, dou-me a caturrar no jardim da Patriarchal, vizinho meu, com alguns bairristas calvos e desilludidos. Foi hontem á tarde que n'um banco proximo ao kiosque nos áchamos reunidos, em cavaqueira, o philosopho Tiberio, o commendador Francisco e eu. Badalou-se de tudo que interessa á rica vida social, e, n'uma rajada de moralista, o philosopho, referindo-se a alcances e outras lérias, — resultantes do pruido dos gosos, poucas ver-

gonhas, mixordias, — assim explodiu ás barbas do commendador e á minha pachôrra :

*

* *

— «Aqui, onde os senhores me vêem, ganho pelo meu trabalho muito amargurado (*Tiberio lecciona armenio e cornetim*) cincoenta mil réis por mez. Sustento, albergo e visto tres pessoas de familia. De quando em quando, como quer que eu me apresente extenuado, diz-me um ratão qualquer : — «Você nunca sae de Lisboa? Você anda amarello, exquisitorio ; você não anda bom ! Deve ir até ao Minho, ou até Madrid, tomar ares, distrair-se ! Que diabo ! olhe que você mata-se e os outros cá ficam !»

«Eu (*continúa Tiberio*) não estou ordinariamente disposto a explicar os motivos, os *porques* da minha affeição á capital, — affeição que não me deixa sair d'aqui. Mas, a verdade é que não comprehendo como *toda a gente* vae ás Caldas, ao Minho, ao Algarve e a casa do diabo, ga-

nhando tanto ou menos que eu, emquanto que do meu dinheiro só posso extrahir o indispensavel a uma viagem... a Ribamar. São seis vintens, ida e volta. Se eu gastasse dois tostões, até Oeiras, ficaria alli — insolvente. E os seis vintens são-me disputados pelos meus pequenos, que querem nêsperas, figos, o diabo! E eu tenho em conta os desejos dos innocentes.»

*

* *

Pausa. Tiberio e Francisco pitadeiam-se; eu fumo uma cachimbada. Prosegue o philosopho:

— «Ora, meus amigos, quando eu vejo nos jornaes uma noticia de *irregularidades*, alcances, porcarias, principio a achar a explicação de muitas historias. Deus me livre de considerar *irregulares* todos os individuos que saem de Lisboa! Mas comprehendo então como seja natural que os meus 50$000 réis mensaes me não permittam ir além de Ribamar, emquanto que os trinta ou quarenta mil réis do meu visinho lhe

dão para villegiaturas, theatro, tipoias, ceias com a Pilar e com a Elvira : os grandes regalorios da vida ! Venho eu a dizer na minha : o homem que se préza deve ter marcadas no orçamento a verba das viajatas e quejandas. Ao pé de mim móra um excellente moço, amanuense, que tem vinte e cinco mil réis por mez e que consagra um vintem diario ao capitulo *viagens :* quanto gasta no elevador da Gloria — subindo ; para baixo vae a pé. Registra aquella estroinice, cuidadosamente ; vive direitinho e está livre de *irregularidades.* Não é bonito ?»

Assim falou Tiberio, com applauso dos dois circumstantes que escutavam seu verbo sisudo. E vejam os meus amigos a efficacia de sabios dizeres : o commendador Francisco, que me confiara o projecto de uma digressão a Bellas, com a gentil Soledade, na tipoia do Matheus, chamou-me de parte, e disse-me :

— «O amigo Tiberio tocou-me cá por dentro...»

E Francisco roeu a corda á Soledade, e foi dormir com D. Gertrudes — sua abominavel esposa !

*

* *

Hão de ter notado que não ha como os *inimoraes* para levarem ao bom caminho as almas transviadas. Paradoxo ? Pois não foste ! Péguem-me no padre Simplicio, que tem por fadario dizer mal dos *impios*, á porta (aberta) da sacristia, e digam-lhe que converta o commendador. Entre varias lerias, responderá Francisco aos esforços de Simplicio — que a auctoridade do exorcista ficou esfarrapada e mal ferida em scenas da sacristia — á porta fechada. Não quero assanhar os fieis ; mas supponho, além d'isso, os evangelistas do nosso fim do seculo muito mal vistos no alto, aonde enviam suas préces inuteis. A ter de regularisar-se a obra, hade sair de conciliabulos de perdidos, algo carecas e muito scepticos, com sua pontinha de cynismo. Onde Simplicio perderia a prosa evangelica, a chamar ao rego o transviado commendador, chega o philosopho Tiberio — uma existencia depravada, que liquida em cornetim e armenio a tres

mil réis a duzia de lições, — e leva de vencida o espirito do mal e encafua o commendador no thalamo enjoativo, mas virtuoso, e deixa a Soledade gentil n'um abandono que é o preludio da expiação.

Bonito quadro! Bonito e de resolutiva lição. Deixem-me dizer-lhes, como contrapezo, qne nunca percebi nitidamente o que a Moral seja, senão quando trato com pessoas que já de ha muito a perderam. Deixo a especie de paradoxo aos escandalisados espiritos dos afuroadores do Mysterio.

OS DO «PROGRESSO»

A' conta de o commendador Francisco abraçar a Soledado em plena rua de S. Roque, suppõe um jornal republicano — *A Vanguarda* — «que os cidadãos se abraçavam, ha dias, pelo meio da rua, crentes na immediata quéda do governo.» E assim o diz aos povos d'este paiz. Claro que tal quéda importaria o advento dos Progressistas, e ácerca d'esses maraus diz outro jornal republicano — *O Paiz*: — «A nação deve aos progressistas as maiores ignominias, as mais indecentes torpezas e os mais revoltantes escandalos». E' no mesmo dia (sabbado ultimo) que os dois orgãos citados se ex-

primem nos indicados termos, e bem faço eu attribuindo a um engano a supposição da *Vanguarda*. Se os cidadãos lisboetas se abraçassem com a mira na ascensão dos *mais indecentes, mais ignominiosos e mais revoltantes* bargantes da Politica portugueza, cada cidadão seria digno de uma surra de lhe pôr em carne viva o callejado verso do bandulho.

Não se abraçaram os cidadãos lisboetas no poente da Regeneração, aurora do Progresso. A sceptica molleza dos meus patricios não se desata em similhantes expansões, e, d'esta vez, ainda bem para os fóros da sua intelligencia. Desde o ultimatum inglez, estão no barril das ostras — vulgo ostracismo — os Progressistas, e todos nós nos recordamos das maldições que os acompanharam na quéda, e todos nós temos assistido ao desdobramento dos seus dotes de *energia*, de *desinteresse* e de *lealdade*, ás suas demonstrações de apaixonado *amor pelo povo*. — «N'um becco sem sahida!» me vociferava ha dias um bacharelorio do Norte, que a Lisboa viera a estudar os ventos. E accrescentava o patriota: — «O chefe pode esperar, que tem posta

gorda ; mas uma pessoa recem-chegada com os seus principios...»

*

* *

Dos «principios» d'estes herdeiros dos Passos já formaram ideia os cidadãos : não ha alli estimulo para amplexos, antes para pôr as mãos na cabeça. Lembram-se os meus leitores effectivos d'aquelle episodio, que eu já lhes contei : de o chefe dos Progressistas haver conquistado o poder, arranjando ao rei D. Luiz os centenares de contos, para festas, que lhe recusara o Fontes. Como documento de amor apaixonado aos contribuintes, de independencia em face do rei e de desinteresse á vista do poder, seria bastante para elucidar um habitante da ilha do Corvo, ou das terras do Barroso ; mas sempre lhes quero repizar outro episodio que eu contei algures e que está na memoria de numerosos patricios nossos versados em coisas de ha desoito annos.

Foi no Porto, em 1878, que os Progressistas

fundaram um jornal chamado *Voz do Povo*. Redactor : — Este seu creado. Programma : — A' cabeça do rei ! Correspondia a campanha á que o partido iniciara em Lisboa. Fez-se o que se poude, até que surgiram eleições. Muito renhidas, e por esmagadora maioria vieram á camara Adriano Machado, Marianno de Carvalho e Rodrigues de Freitas — em quem votaram os Progressistas. Enthusiasmo, hymno da Maria da Fonte e multidão agitando cannas verdes. Era bonito !

* *

*

Decorrem tres dias sobre as eleições e chegam instrucções, de Lisboa. D'ellas resulta que o meu artigo de fundo é á ultima hora embargado e eu convidado a ir ao Centro. Declaro ao advogado que me convidara a redigir o tal jornal — que não tenho que fazer no Centro e que abandono a folha. Objecta-me o patriota *(oiçam bem !)* que o resultado das eleições deve ter feito impressão

grave no rei, e que é preciso moderar os ataques e, de certo modo, lançar ao chefe do estado uma ponte para reconciliação. Isto não é inconfidencia *á Fuschini*, pois que o facto está na memoria de muitos portuenses, que ainda hoje se riem commigo, quando desacertamos em remexer em similhante charco.

Declarei-me inteirado, e sahi da redacção no mesmissimo dia da entrada dos Progressistas em *caminho novo*. Por signal, fui-me ao Brazil, a ganhar o pão, e, quando regressei, d'ahi a pouco, extenuado pelos calores brazileiros, havia festa rija no Porto. Os Progressistas haviam sido chamados aos sacrificios do Poder, e não existia farroupilha, nem bandalho, arvorado em *jornalista*, de serviço no *caminho novo*, que não houvesse sido collocado, pelo menos em administrador de concelho. D'ahi para cima, viu-se como se guindaram os patriotas. *A nação deve aos progressistas as maiores ignominias, as mais indecentes torpezas e os mais revoltantes escandalos* (*Paiz*, de sabbado passado); e se ha mudança no partido, é em quebra de intelligencia e em augmento de descaro e de descredito.

Ha dias me dizia um dos raros de vasta illustração, que se tem afastado da *troupe :*

— «Tóme nota do que lhe digo : O partido progressista não está abaixo do governo que ahi temos — apenas em impotencia cerebral : está-o principalmente em moralidade.»

Tomei nota ; e se não metto hoje esta garrocha nos atoicinhados lombos do prior da Lapa, — rebento !

O ENTULHO POLITICO

Ha opiniões divergentes em materia de *opposição*. Varios patriotas, firmemente convencidos — não me digam que não ! — de que os Progressistas hão de roer a corda, com os ossos do Poder, quando lh'o derem, entendem e sustentam que é de *politica errada* hostilisar aquella gente. E' essa, como eu tambem já disse, a critica da minha creada Maria Gertrudes — que a mamou do Bonifacio, seu noivo, e resume-se n'estas sabedorias : «Que tudo o que é *opposição* serve para o *effeito*, quer sejam as velhacarias saloias dos Progressistas, quer seja o sarapatel do Fuschini : que das annotações hos-

tis a taes elementos opposicionistas só o governo colhe proveito, e que mais tarde, *quando elles forem poder*, se lhes tomará contas.» Isto pensa-se, isto escreve-se, isto publica-se, e não cae chuva de fogo sobre a cidade maldita ! Deus mudou de genio : está como eu.

*

* *

Está alli o *Paiz*, orgão de opposição insuspeita, que se refere aos do «Progresso» nos seguintes termos : — «A nação deve aos Progressistas as maiores ignominias, as mais indecentes torpezas e os mais revoltantes escandalos.» Está alli o auctor das *Liquidações politicas*, revelado, sem protesto, um collaborador anonymo, — um rico amor opportunista — da revolução de 31 de janeiro (olhem para as *Novidades*). Pois, senhores, os cavalheiros que consideram de boa politica poupar os Progressistas —«a quem a nação deve as maiores ignominias, as mais indecentes torpezas e os mais revoltantes escanda-

los» e que já principiaram a roêr a corda, emquanto não principiarem a roêr o osso,— são os mesmos que consideram de boa politica poupar o sarapatel do sr. Fuschini.

O qual sr. Fuschini é o mesmo que innocentemente foi metter-se nas garras do sr. João Franco e expôr ao rei, qual novo Mirabeau, planos de salvação, depois de considerar um homem detestavel o ministro do reino e não menos detestaveis a monarchia e o monarcha,—pois que, de rosto coberto, para que a lindeza não desnorteasse os povos, collaborara no movimento revolucionario de 31 de janeiro! E Deus continua a poupar-nos e a amimar-nos: sol na eira, chuva no nabal, e nem uma faisca para a cidade maldita!

*

* *

Tal theoria de *opposição*, que manda «aproveitar todos os elementos, emquanto não chegam ao Poder, dá uma ideia do entulho e da lixara-

da que serviu para a formaçãe do Aterro, mas é coisa mais perigosa para a quietação dos estomagos. Debaixo do calcetamento do Aterro — por onde passeiam mulheres catitas e corre o comboio de Cascaes e se estende o sol do Creador, ha tripas de goraz e de cação, ratos mortos cebolas podres, cascas d'ostras — um ostracismo impolitico, — impurezas de uma grande cidade, mas todo esse entulho está para sempre occulto, soterrado, fóra das vistas e das nauseas da multidão, e tal não succede com o *entulho politico*, que a Maria Gertrudes e o Bonifacio e os criticos da sua escola indicam aos povos, como aproveitavel e digno de attenções — interinamente.

Esse entulho politico é *o das maiores ignominias, das mais indecentes torpezas e dos mais revoltantes escandalos: o que a nação deve aos Progressistas*, e é o sarapatel das inconfidencias do senhor Fuschini — o mascarado collaborador do 31 de janeiro — mascarado emquanto os outros morriam, de rosto descoberto, á luz do sol! E' a obra do patriota eximio que se foi metter nas garras do sr. João Franco, por elle considerado

mau homem desde os inicios da mocidade d'aquelle ministro, e que foi levar ao rei planos salvadores da monarchia, depois de haver a occultas, conspirado para derribal-a. E de tal mixordia nos dizem os Bonifacios — que será tempo de classifical-a e de regeital-a «quando ella estiver no Poder». Grande peça lhe pregam, ajudando-a a subir á superficie e a collocar-se á luz do sol, para então *lhe arrancarem a mascara!* Como se houvesse ainda outra mascara! Como se os de 31 de janeiro — os que tinham o rosto descoberto — se houvessem batido e perdido em homenagem aos opportunismos e á exploração do entulho!

*

* *

Não creio bem que seja de má politica, ou de boa politica, o que consta da theoria opposicionista do Bonifacio. O melhor qualificativo é o de desorientação moral: como quem diz — pouca vergonha. Ser-se correcto e limpo nos pro-

cessos da vida particular e acceitar a coadjuvação interina da mixordia na vida publica é legalisar o *fedôr de probidade*, de que falava o marquez de Ficalho e que as *Novidades* applicaram em defeza. Não póde ser! Comprar pós insecticidas, para o fim de expulsar de casa as centopeias, e aproveitar para o edificio politico as dejecções dos passaros bisnaus é enxovalhar as vistas do povo e a luz do sol — com o Aterro virado do avesso!

O ENXURRO

Foi ácerca dos dotes de esperteza que caracterisam a nossa gente e que lhe servem para elucidar-se prestes, atravez todos os meandros e todas as cantigas, em coisas de publica administração e outras: foi á conta de taes dotes do indigena, que hontem palestrámos no alto da Avenida, ao anoitecer, o philosopho Tiberio e eu. Contou me elle anecdotas em que faisca toda a pederneira do philosopho e que eu heide revelar á minha clientella. Eu tambem lhe contei alguns factos em abono da tal finura, entre os quaes o seguinte:

*

* *

Encontro eu por essas ruas, uma vez por outra, um homemsinho meu conhecido desde 1870. Fixo a época das nossas relações, porque ellas se prendem á guerra franco-prussiana. Aquelle meu compatriota era adverso á França, porque — explicava com muitos gestos — tinha alli atravessada na garganta, *para emquanto fosse vivo*, a barca *Charles et George*. Vi-o ha tres dias no café Suisso, a tresfegar em si a genebra de uma botija, com uma tal perseverança que me levou a interrogal-o :

— A barca ainda não foi para baixo ?

E como se quedasse burrificado, de olhos fictos nos meus labios, esclareci :

— Se ainda lhe não passou da garganta a barca *Charles et George* ?

E elle, n'um mixto de triumpho e de rancôr:

— Isso já lá vae, desde que a França apanhou para o seu tabaco. Agora, o qne eu tenho atra-

vessado é o ultimatum inglez. E' para emquanto viver !...

Aquelle patriota appareceu-me uma bella manhã, por occasião da guerra, com um ar de assombro que me deu rebate contra especial asneira.

— E' extraordinario ! dizia elle fazendo com os dedos umas imitações de sobre-anus gallinaceo, que eu nunca vira, nem a tornei a ver em dedos de homem. — E' extraordinario !

— Diga você !

— Que tamanho imagina você que tem a Allemanha ?

— Eu não *imagino* cousa alguma, homem de Deus !

— Pois tambem eu não imaginava. Mas hontem á noite comprei dois mappas, um da França e outro da Allemanha. O da França é do tamanho d'um pires e o da Allemanha é maior do que uma travessa grande de arroz doce. Estive a medir em casa. Cabem bem oito Françcas á vontade dentro da Allemanha.

— Arre !

— Que diz você ?

— Digo que é grande como burro !
— E' para que você saiba !

*

* *

Outro *caso* de esperteza é o de um meu «encravadissimo» collega n'uma redacção lisboeta — ha cinco annos. Nos felizes tempos que eu lhe faço lembrar de quando em quando, da nossa camaradagem, succedeu por vezes que, na gazeta onde trabalhavamos, eu me referisse ao Fialho d'Almeida e ao Eça de Queiroz, em phrases confirmativas da especial consideração que esses escriptores merecem á attenção com que os leio. Tenho presente, *para emquanto viver*, o sorriso compassivo d'aquelle correcto e respeitabilissimo cretino, e não me saem dos ouvidos os dizeres, entre desdenhosos e severos, com que elle verberava a mediocridade d'aquelles espiritos e a minha triste ignorancia. *A voz dizia assim* :

— Com que então, o senhor acha-lhes espirito

e observação e estylo, hein ? E onde fica então o Tullio ?!

E eu, com um pavor supersticioso, que me inspiram os malucos, tomava um ar contricto e balbuciava :

— Ah ! o Tullio ?! O grande Silva Tullio?!...

E buscando um pretexto para sair, vinha até á porta da rua, e berrava como um possesso :

— Fóra, que é besta ! Fóra, cavalgadura !

*

* *

A minha palestra com o philosopho Tiberio veio a proposito de *concessões em Africa* e de respectivos projectos d'aquelle meu conterraneo. Disse-me elle, no empenho de affirmar-se tão pratico e sagaz como a grande maioria dos nossos patricios :

«—Supponha você que não tem vintem...

Fiz um gesto de annuencia, sem fugir ás leis da sinceridade. Elle proseguiu :

—Eu tambem não tenho. Mas dispomos de in-

fluencias, relações, coisas. Obtemos dos homens do governo um pedaço de terra da Africa, assim do tamanho de Portugal. E' para a colonisarmos, concorrendo do modo mais efficaz para a salvação da nossa patria. Mas nós dois formamos uma parte, e uma parte importante — não é por estarmos presentes — da nossa querida patria. Tratando de nós, é d'ella que tratamos por partes. Vamos pois por partes.

Um de nós conhece uns *abjectos piratas* que medem *ladras* aos alqueires. Nós não havemos de ir agora, no fim da vida, espetar em Africa as probabilidades de mais algum tempo de existencia. Os *piratas* são colonisadores, e o importante do caso é que os terrenos se colonisem e que a patria seja salva. Você entende-me ?

— Vamos indo...

— Vendemos a concessão a esses da Grã-Bretanha. Ficamos ricos ; elles lá tratam d'aquillo. Eu que estou cheio de bacalhau com batatas e de zurrapa de tostão o litro, passo a refocilar-me todos os dias na meza do *Bragança*. Você gosta de Champagne *frappé*, ou prefere hespanholas ?

— Prefiro... uma coisa depois da outra.

— Pois, meu amigo, poderá optar ou accumular, sem desdouro pessoal ou patriotico. Civilisou a Africa, metteu hombros á salvação do paiz, fez o seu negocio e não deve favores a pessoa alguma: usou das suas influencias, signal de que as tinha — ou as mulheres o amavam ou os homens o temiam. No dia em que esta coisa desabar, á falta de honrados expedientes para salvar o paiz, vae para outra parte — porque *o homem honrado não tem patria*. Que me me diz a isto? Salva, ou não, as apparencias?

— Digo que o meu caro Tiberio tem tanta logica, que é impossivel que não seja tolo. Salvar as apparencias?! Onde estariam as vantagens dos tratantes, se elles perdessem tempo a envergar o dominó da virtude? Estou em crêr que a *honestidade* é uma palavra que elles inventaram, para nos comer, emquanto nós comemos o bacalhau.

NO TAL OFFICIO

Não me peza ter fugido, durante um quarto de seculo, ás responsabilidades e aos perigos da minha profissão : d'ahi resulta apresentar *insuspeito* a minha opinião, quando digo que as vias de facto contra um jornalista, em desaggravo de accusações motivadas, sanccionam essas accusações. Mais nada — a não ser uma occorencia policial, para distracção dos espiritos ociosos ou bisbilhoteiros.

Em eras afastadas, ha vinte annos, aconteceu-me algures, no exercicio do meu dever profissional, pedir contas a uns funccionarios gordos, que as não davam certas á opinião publica. Va-

leu-me o caso diversas policias correccionaes, por mim convertidas em audiencia de jury — o que determinou o silencio resignado dos auctores de tão lindas policias. Manda a verdade que se diga: afóra os creditos dilacerados, nada mais soffreram as minhas victimas. O escandalo deu-se no Porto, e de Lisboa foi ordem para fazerem calar o dianho do jornalista. Tentados inutilmente varios meios, não houve remedio senão deixar-me falar. Despejei o sacco. Os passaros bisnaus, algo depennados na cauda triumphal, retrahiram-se em devastações da ceara publica e conservaram-se no poleiro, com apparencias de contricção. Nem elles, nem os adherentes podiam accusar-me de calumnia, nem de covardia, nem de especulação: eu offerecera provas a um jury, affrontara isolado, pobrissimo e desprotegido, os influentes e os dinheirosos, e repellira as tentativas de *accordo*. Mas houve quem me chamasse outra coisa.

*

* *

Foi á conta de uns suppostos admiradores da minha campanha e decididos partidarios dos homens gordos me haverem sondado, ácerca do que eu faria, dado que os meus accusados pensassem nas vias de facto contra mim. Singelamente e sinceramente informei — que, achando-me eu no exercicio do meu dever profissional, desmascarando abusos suspeitos pela opinião publica, e prompto a responder por mim na imprensa e nos tribunaes, não acceitaria qualquer especie de mordaça, disfarçada pomposamente pela *questão de honra*, e que, não dispondo eu de notaveis recursos de musculatura e costumando medir todas as consequencias possiveis dos meus actos, antes de pratical-os, eu responderia a qualquer aggressão — matando, sem escrupulos, o meu aggressor. Mostrei a *ferramenta* adequada aos meus intuitos, e puz ponto na paestra.

Foi então que me chamaram a tal coisa. N'um café de sujeitos graves estabeleceu-se que eu, natural de Lisboa, era *um fadista*. Um certo patricio meu, inclinado a mystificações, segredou que eu tinha a escola da Mouraria, e que ninguem, a vinte passos de distancia, mettia uma navalha, com mais requintes de perfeição, n'uma porta, ou no corpo do nosso similhante. Brincadeira á parte, não havia duvida : pois que eu não era propicio a uma scena de espancamento para distracção dos basbaques, perdia a melhor parte dos titulos á consideracão da gente séria. Espancado no meio da rua, em consequencia dos meus feitos de jornalista, — um martyr de fraque e chapeu alto : estaria na conta.

*

* *

Estou velho antes da hora, fatigado, e dotado sobre isto, d'uma experiencia funesta, que me torna indifferente pelo que outr'ora me mette

em danças complicadas e que hoje me dá apenas, quando muito, irritação de alguns momentos. Supponho, portanto, que estou livre de tempestades de prosa e de *scenas* consequentes. Mas, conservo os meus pontos de vista de arredados tempos — para um caso inesperado, ou para a critica de casos alheios. Entendo que o jornalista, quando accuza, fóra das questões pessoaes e por interesse da Sociedade, reveste algo do magistrado; mas como quer que lhe não escude o prestigio, nem a pelle, a força publica, apanagio dos tribunaes, tem de contar com «todas as consequencias» e de prevenir-se decididamente contra ellas. Não é apenas a sua dignidade pessoal que lhe compete garantir : é principalmente a da sua profissão. Em frente de uma força superior, a sua fraqueza relativa tem forçosamente de estabelecer o equilibrio. Esses recursos finaes são deploraveis, não ha duvida; mas são os *ossos do officio*. Não ha recrutamento para *jornalista*, não é serviço obrigatorio o jornalismo de combate: póde, portanto, o homem dado a considerações de prudencia optar pela chronica do *high life*, accumulando com a ven-

da das Oxford e dos pannos patentes. *Magistrado e soldado* : tal é a individualidade severa que na vida moderna tem as mais duras responsabilidades, — sob pena de ser irresponsavel !

COISAS PRATICAS

Falou-se muito do projecto, e afinal iniciou-se a Associação dos Jornalistas, em Lisboa. A proposito do *que não vejo iniciado*, penso em casos de miseria soffrida por alguns collegas e pelas familias que n'ellas perderam o chefe, e não me esquece um d'elles — dos que morreram em dolorosas circumstancias, depois de tormentosa existencia.

Refiro-me ao Leite Bastos, jornalista e auctor de romances de muito engenho e para sensação e de peças theatraes muito mexidas. Foi moda, ha muitos annos, esta referencia ao Leite Bas-

tos : — «Tem muito talento ; é pena ser tão ignorante.» E diziam-lh'o, petulante e descaradamente os maximos ignorantes, trapólas com sciencia do catalogo e sem mancha de talento na mioleira : uns ridiculos lamentaveis. O Leite Bastos não os ouvia ; não que fosse surdo : era um abstracto, — o que se chama *um philosopho.*

Soffreu muito aquelle bello espirito, antes de sossobrar a um grande tédio enxertado em asperrimas desventuras. Não me esquece a primeira vez que nos falámos. Foi uma noite, na redacção de um jornal de Lisboa, onde elle era collaborador e eu visitante. Leite Bastos redigia uma local nos seguinte termos : — «O Zé da Graça, sem graça nenhuma, afinfou dois estalos na desgraçada Maria da Graça.» Ia lendo alto, á maneira que escrevia. Em redor d'elle havia sorrisos de compaixão — *por aquella inepcia.*

*

* *

Deu-se o caso de eu me despedir dos circumstantes, e, já fóra da redacção, ouvi alguem que

me chamava. correndo em meu seguimento. Era o Leite Bastos, que logo alli me impelliu para o vão de uma janella e me deu esta lição de bem-viver :

— «Faço boa ideia da sua opinião, e não quero que a fórme errada a meu respeito. Eu não sou precisamente o idiota que aquelles cavalheiros me suppõem. Desejo provar-lh'o e hade ser confidencialmente. Fui ha tres mezes contractado para este jornal, e tractei, logo nos primeiros dias, de revelar aptidões litterarias. Ao fim do mez estabeleceram-me 60$000 réis de ordenado. Percebi que houvera engano — da minha parte. No segundo mez tornei-me tolo, e os meus honorarios subiram a 20$000 réis mensaes. Terceiro mez, em que estamos — asno completo Já sei que vou subir a 27$000 réis. Se estes diabos chegam a convencer-se de que eu sou mentecapto, dão-me sociedade na empreza. Aqui tem você a explicação do meu caso. Adeus — e não se faça *fino !*»

Viu mundo o Leite Bastos. Estava em optimas condições para abrir caminho ; mas a Má Sorte deu-se a minar-lhe os planos. Não se dei-

xa illudir o Destino, como se illudiram os proprietarios da tal gazeta. Que seria dos tolos verdadeiros, se os espertos vingassem imital-os, sem embargos providenciaes na concorrencia á Ventura ?!

*

* *

O caso de uma Associação de Jornalistas e Escriptores tem muito que se lhe diga em orientação pratica. Se uma nota politica, ou uma facção litteraria prevalece contra o geral accordo, lá se vae o edificio, com os sacrificios dos obreiros. Não prevalece ? Já uma vez o Francisco Palha quiz substituir as cadeiras das redacções, no theatro da Trindade, por dois ou tres camarotes para os jornalistas. Foi um inferno de protestos ! Tinha graça metter o Godofredo com o Gaudencio! Era escandalo certo !

A mim me quer parecer — e este é o meu ponto — que a tal Associação tem de ser um *Monte-Pio*, e não uma *Academia* ou um *Centro*. O que me faz, por vezes, pensar na urgencia de

aproximação reciproca de tantas vontades dispersas é a perspectiva da doença do jornalista, a impossibilidade de trabalhar e de sustentar os seus, e é outra perspectiva : a da miseria da familia do meu collega levado pela morte. Para a primeira hypothese temos de pensar no *subsidio*, para a segunda — na *pensão*. Não é lamentavel que uma classe de trabalhadores de espirito se deixe preceder pelas classes de operarios, no estabelecimento de garantias contra a miseria e as humilhações consequentes ? E ahi temos nós os trabalhadores dos metaes, das pedras, das madeiras, dos cereaes, e os outros, com as suas Associações — não para ostentação de altos meritos individuaes, mas para soccorros mutuos, — emquanto na classe dos pensadores, ou presumidos taes, o grupo conservador volta costas ao radical e os apostolos dos *sãos principios litterarios* arregalam olhos pavorosos aos campeões do Nephelibatismo !

Não ouso dizer-vos quanto minha alma sente, a proposito do simples raciocinio que se impõe á classe, e que ella altivamente despreza. Limito-me a votar, motivando implicitamente o meu

voto : — Se se trata do Monte-Pio, estou prompto para o pagamento regular da quota ; se a coisa é para discussão politica ou litteraria, tenham vóssencias muito boa noite !

DEZ MIL CONTOS!

Tenho estado a vêr — pero inutilmente — se aquelle caso do capitalista (1) que ahi deixou dez mil contos (salvo erro de contagem!) é commentado por victimas da Miseria, ou por amigos d'essas victimas. Commentarios em gazetas — já se vê, — que os da praça publica não falharam, por honra da razão humana.

Pois que não surgem as annotações em redondo, aqui lhes digo em breves palavras o meu sentir ácerca do «acontecimento.»

---

1) O *Senhor do Rocio*, fallecido em Outubro de 1895.

*

* *

Acho que o Destino reivindicador dos Miseraveis produz capciosamente casos d'aquella ordem, para o duplo fim de excitar os animos e de abrir justificação, antecipada, ás explosões da Miseria. No dia em que aquelle homem expirou, tendo immobilisado, para goso da sua avareza, dez mil contos de réis, passára eu por uma rua do Bairro Alto, onde ouvira, de dentro d'um rez-do-chão, gritos affiictivos de creanças e uma voz de mulher, vociferando : — «Não ha pão ! Deixem-me !» E logo a mesma voz, n'uma ancia que me revolveu as entranhas : — «Deus me leve ! Deus me leve, pelas santas chagas de Christo !»

Dez mil contos de réis !...

*

* *

Dez mil contos de réis, ou seja *quinhentos contos por anno* (ao simples juro de 5%), ou

cêrca de *quarenta e dois contos por mez*, ou *um conto e quatrocentos mil réis por dia*. E nem um rasgo de caridade que as bondosas gazetas registrassem! Apenas uma phrase symptomatica, de troça e de orgulho, que esbofeteia a miseria das mães: — «E' bom ter sempre a um canto da gaveta, para uma afflicção, quatrocentos ou quinhentos contos!»

Foi ainda hontem á noite que, ao recolher-me a casa, alli no alto da travessa do Conde de Soure, uma mulher com ar desvairado, saindo da rua de S. Boaventura, se agarrou a mim — era um typo de mulher de sua casa — dizendo-me *n'uma afflicção*: — «V. S.ª desculpe! E' um pataco para pão e azeite. E' para uma açorda para o meu menino!»

Um conto e quatrocentos mil réis por dia!

*

* *

A' hora dos toiros, á hora de S. Carlos, á hora das alegrias da Fortuna, ha por essas casas dos bairros pobres, — casas que repellem o tran-

seunte, pelo cheiro horrivel da podridão — ha milhares de irmãos nossos em Christo que se revolvem na farrapagem sordida, cheios de febre, de fome, de desesperação, sem nesga de esperança n'um alvorecer melhor. São *hoje* inoffensivos; mas um caso d'aquelles, explicado e commentado em gazetas populares, lançaria na dôr dos condemnados a nota do odio para *ámanhã*. Santo e justo odio! Não é por incuria que o Noticiario passa como gato por brazas sobre aquelle horror dos *dez mil contos* amontoados pelo avarento: é por instincto de conservação social. Faço esta justiça aos instinctos do proximo que, mais ou menos, vae atamancando a vida e que não deseja assanhar as *féras*. E bem sinto que na hora da explosão dos odios não haverá misericordia — nem mesmo para os que sentiram e choraram e protestaram, e do seu pouco soccorreram. Não haverá misericordia, se ha Deus justiceiro e vingador: se o grito d'aquella mãe que pede a morte, porque os filhos lhe pedem pão, chega ao Mysterioso, na hora em que o avarento *lá* dá contas da sua fortuna!

*

* *

Aquelle sim — *um conto e quatrocentos mil ré s por dia* ! — aquelle trabalhou mais durante a vida e mais fez na sua ultima hora que toda a propaganda de dez folhas anarchistas em um anno de violentas exhortações ! *Um conto e quatrocentos mil réis por dia* — e nem uma esmola! E' um benemerito da Revolução Social em delirio, e não ha medida governativa que o isole da sociedade conservadora ! Está-lhe vinculado, com a sua caixa forte, com a sua lenda, com a sua phrase orgulhosa que esbofeteia os famintos e com os arminhos de par vitalicio, com que os altos poderes do Estado galardoaram o benemerito cidadão !

Havemos de responder por elle.

A QUESTÃO MAGNA

I

Assevera alli um orgão progressista que o paiz se levantará como um só homem, para combater os frades missionarios. Duvido, pois que de ha muito o vejo de cócoras — e era uma vez firmeza de locomotores! O *Correio Nacional*, folha religiosa (seja louvado Nosso Senhor Jesus Christo!) tambem tem suas duvidas, e assim as manifesta, assaz trocista:

«Affirma o *Correio da Tarde* que «o paiz ha

se ha de levantar como um só homem, para combater os frades missionarios.

«Conhecemos essa ameaça de longa data. Esta e aquell'outra que diz: «n'esse dia até se erguem as pedras das calçadas».

«E afinal, nem ainda vimos erguerem-se as pedras das calçadas — nem o paiz como um só homem! »

As palavras da folha religiosa fazem-me lembrar a invasão de Roma pelo exercito do general Cadorna, ha um quarto de seculo. Enfeitava-se Victor Manuel para mandar o Cadorna contra Pio IX, e eis que nas folhas de Braga apparece esta declaração solemne e algo ridente :

«*Os fieis catholicos d'esta diocese, em presença dos perigos que ameaçam o Santissimo Padre, declaram que estão promptos a «voar» em soccorro do successor de S. Pedro.*»

Ninguem *voou;* e o rei excommungado foi apertando na garra adunca a preza pontificia! Ou os devotos tinham as azas quebradas, ou

raizes de *frigideiras* em seus empedernidos corações.

Tudo parola e farronca!

*

* *

Na sua controversia religiosa, (hein?) que dá assim uma ideia das luctas do *Siècle* e dos liberaes francezes com o *Univers* do grande Veuillot, — pois não dá? — o *Correio da Tarde* faz bochecha com a *grande familia liberal*. N'esta citação ha elemento grave, mas ha muito de elemento comico. A parte grave é — a dos resultados da outra. Eu me explico, para dois *liberaes* que não percebem...

O movimento furioso, com bases de intenções generosas, não menos que de revelação previdente, iniciado no Porto, ha vinte annos e tanto pelo *Diario da Tarde*, não foi comprehendido — já tive a honra de o dizer aos liberaes de phylarmonicas expansões baratas. Nem comprehendido durante a lucta, nem depois do afastamento

dos luctadores. E' certo que as energias dos liberaes do Porto, dispendidas n'aquelle periodo violento, modesto contigente levariam a uma obra positiva de repressão, ainda quando comprehendidas durante a lucta e no desenvolvimento d'ella; todavia, a *grande familia liberal*, como diz o outro, não cairia no ridiculo lamentavel das demonstrações de obtusidade *já sem cura.*

Como a Burguezia, a que se refere o meu Gustavo Flaubert, a qual fecha os olhos e põe as mãos nos ouvidos, ao pensar no Socialismo pavoroso, e que o deixou organisar-se sem recursos, emquanto ella, tudo possuindo, apenas produziu lerias: assim a *grande familia liberal*, entretida em pugnas intestinas — como diria o conselheiro encravadissimo, — e em syndicatos, contrabando e fornecimentos, apenas teve risos desdenhosos, até hontem á noite, para a reacção religiosa, com todo o *tremblement* de fradepios, caldo de portaria, madres professas e o mais que está ao fundo do cortejo. Esta manhã, despertou assustadiça, com uma noite mal passada, e experimenta assombros, quando no

parlamento, na imprensa e no café Suisso, no seio da familia e na praça dos touros, vê nitidamente desenhada uma situação de arripiar os carecas — o *Ultramontanismo possivel!*

E emquanto a Burguezia troçada pelo Flaubert pensa em reprimir o Socialismo, pela força dos municipaes e outros prodigios da guerra, a *grande familia liberal* dirige biscas á imprensa religiosa e, ao passo que se horrorisa á conta de fogueiras inquisitoriaes, vae, por honra da firma, chamando *pae dos carolas* a Leão XIII.

*

* *

O qual Leão XIII, Pontifice, observado pelo meu intelligente merceeiro — que lê e escolhe o que lê, para saber e não para ficar mais burro — vem a ser talvez o mais notavel politico (perdôe alli o conselheiro!) que fecha a porta do seculo na cara dos parvoeirões e dos declamadores. Eu não carecia, valha a immodestia, de que o meu bom merceeiro tal affirmasse, para o

suspeitar. A physionomia insinuante, penetrante, conciliadora até á meiguice, do *pae dos fieis* fez-me pensar por vezes no que viria a sair d'aquelle Papa, antes que a *grande familia liberal* lhe concedesse as honras da sua attenção magestosa. Com o meu honrado fornecedor de generos, concluí — que o actual Pontifice romano realisa obra mais potente do que a da collocação de bandeirolas e balões venezianos no trazeiro do cavallo de D. Pedro IV. Cada um dá o que tem? Concordemos!

Elle, o Papa, sem aggravos á Democracia, que nada tem com a *grande familia liberal*, — antes facilitando-lhe as expansões, pela tolerancia (cá recebemos!), offerece á formidavel familia dos *desherdados* as compensações da Bemaventurança, e não recusa as doçuras da religião ás almas fatigadas d'esta pocilga de egoismos, de traições, de ingratidões e de pantominices. Não faz questão politica, — nem a fazia o Christo. Aos ambiciosos dos bens da terra abre, no opulento partido da Fé, campo de exploração. Não é por mal; na Bemaventurança se desconta... Quanto á *grande familia liberal* — que

lhe chame nomes... No dia da morte moral, que vem dos abusos do egoismo e da relaxação estupida, a reacção religiosa...

— «Sim, mas d'aqui até lá...»

— E' isso, bruto !

II

Que ha uma certa irresponsabilidade na *grande familia liberal*, pelos seus desvios de critica, pela sua desorientação e pela apparente imbecilidade — diz-me um dos membros da *familia* ; e taes explicações produz, tão desenvolvidas e tão complicadas, que me parece bom serviço rezumil-as. A *grande familia liberal*, no entendimento do preclaro cidadão, deixou-se surprehender, no arranjo positivo da vida, ao termo de meio seculo volvido sobre a sua victoria. Deixou-se surprehender pelas *tenebrosas machinações* do inimigo... Esse inimigo, classificado *abutre*, fez-se morto, quando se não fez tolo, até ao recente movimento, que marca a entrada de Leão XIII na scena politica internacional. A

surpreza produziu-se, com os pavores e com as indignações. E em toda a linha se berra — pelo *decreto do Aguiar* e contra a inobservancia do decreto! E a descomponenda prepara baterias, sem ver que tem as peças encravadas pela demonstração da inepcia — e que chega a hora dos factos em troca da declamação!

Vamos lá, *liberaes* amigos! Atirem com esse rico espirito para o alto! Não é obrigatorio empolar o estylo.

*

* *

Perguntam-me se, em meu debil entendimento, tem rasão a Egreja. Mais do que isso: parece tel a. A sua obra d'hoje evoca, para justificação, a obra dos seus primeiros dias — quando corrigiu a desmoralisação do mundo antigo e quando pôz embargos ao predominio dos Barbaros invasores. Hoje nos surge como correctivo ao prolongado regabofe da *tal familia* (segundo mundo antigo) e em embargo á invasão dos

Barbaros novos : — os desherdados, o quarto estado, o Socialismo.

Buscavam os Hunos, os Vandalos, toda aquella praga, terras, riquezas, vida nova, e pela força a conquistavam sobre uma civilisação apodrecida de *liberaes familias*. Os desherdados modernos pedem o seu quinhão nos favores da Providencia á Humanidade ; — a Egreja não garante a distribuição *equitativa* dos bens terrestres ; mas garante o pão celestial, os dons da Bemaventurança aos que soffreram. E' a chamada á Fé, pelos caminhos do desespero que as *familias liberaes* deixaram livres, ou abriram novos, — emquanto arranjavam a vida.

Na complexidade das relações que uns aos outros vinculam os grandes factos historicos, seria logico que o fim da Idade Media marcasse o fim da obra do Christo. Ahi a temos ! — Que a Egreja não é o Christo ! brada a *familia liberal*. Bem sabes tu o que dizes !

*

* *

Perde-se a Fé *uma vez só*. E' quando, no estridor da refrega material, a lucta cruel da vida despedaça os vinculos da innocencia e das crenças da nossa aurora. Finda a batalha, a uns se endureceu o coração e o espirito se entenebreceu, ao advinharem as velhacarias da lucta; choram outros francamente as miserias do destino; triumpha o limitado numero: o das rhetoricas indignadas, o que toca a postos contra os *abutres*, o que appella para a *familia liberal*! Os vencidos por escrupulos de consciencia quedam-se frementes, na aproximação das *simplicidades mysteriosas* e das implicadas pulhices positivas. Sem garantia de lealdade, de fraternidade no terreno *humano*, sem *força* para conquistarem a entrada na sala do banquete, se uma voz os convida a visitarem o *templo da Fé*, se transigem, se abrem o espirito irritado ás simplicidades de outr'ora — é para sempre! Só uma vez se perde a Fé...

A dentro da consciencia de taes homens não vae a catapulta do Positivo destruir crenças, pela segunda vez. Robusteceu-as o odio, que rebentou das deslealdades soffridas. A reacção religiosa tem milhões d'esses auxiliares — *que já não voltam.* O egoismo liberal, imprevidente e cynico, póde entrever o seu fim, no dia da morte moral!

*

* *

Redobram inquietações da *familia liberal*, que eu busco tranquillizar, fazendo luz de um phosphoro sobre os perigos. Descance um pouco o espirito atribulado! Pois que a sabia theoria das Evoluções continuas não me parece ter os dias contados, ainda havemos de assistir a uma nova transformação: um successor de Leão XIII levará a dentro da Egreja o espirito da iniquidade foliona, e os arranjos da vida da *familia liberal* serão nada ao pé dos escandalos de indecencia dos *fieis*. A indecencia caracteristica da *familia* é o odio aos republicanos, e o amor aos foguetes e ao decreto de *Aguiar*, — que nunca viu!

III

Um dos meus leitores de Lisboa (ha tres, que eu saiba) quer a esta hora que eu lhe explique o meu pensamento em frente das manobras da Reacção e da resistencia da *familia liberal*. Precisando seus desejos, escreve-me nos seguintes termos: — «Considera v. a reacção religiosa indifferente ao advento da Republica no seu paiz, ou considera-a prejudicial?»

Gósto de quem me entenda — e de quem procura entender-me. Vae o meu amavel correspondente lêr nas entrelinhas da minha prosa que o alvoroçou. E as minhas explicações vão tambem como sincero preito de camaradagem affectuosa ao excellente rapaz que me escreveu ha dias, de uma aldeia do Minho: — «Tóme cuidado no que escreve: eu leio-lhe tudo e creio-lhe em tudo.»

*

* *

Nas minhas referencias á *familia liberal* e á

sua attitude em frente da Reacção, busquei tornar frisantes :

Em primeiro logar o abysmo que separa *a tal familia* — da Democracia. Pretendemos nós, republicanos, destruir o Previlegio que á ingenuidade dos povos vingou impôr-se, mediante os sophismas das Constituições, — é claro que me refiro aos que usufruem as venturas de taes sophismas. Busca a tal *familia liberal* abafar pelas *cartas de alforria*, sabiamente estudadas e combinadas, as aspirações e as reclamações da Democracia. Não se abraça, poeticamente, á bandeira do passado ; não apresenta o principio do Absolutismo derivado de imposições mysteriosas do Divino. Peior do que isso : aterrorisados pelo espirito da Revolução, os reis appellaram para a *tal familia*, e a outhorga das Cartas é a base fundamental de um pacto, em que o Previlegio nos explora duplamente : — pela acção dos reis e pela acção da *familia liberal*.

Vae n'um seculo que o girondino Vergniaud, no seu discurso sobre a *patria em perigo* denunciava ao povo francez a acção real. O grande orador não previu a dos syndicatos liberaes

sobre todos os desvirtuamentos da Revolução.

Dado o facto, que tem um seculo de vida, de a *familia liberal* se haver preoccupado apenas em manobrar, de Carta em punho, contra a Democracia e em explorar, com os seus reaes alliados, as minas constitucionaes, produziu-se lenta e vigorosamente a transformação dos *desherdados*, da plebe do Quarto Estado,—bestialmente esquecida na distribuição dos diversos direitos, — em partido isolado, com uma poderosa organisação e com uma Fé a que não faltaram apostolos, nem faltaram martyres : a legião dos seus pensadores perseguidos, amaldiçoados e escarnecidos. E quando esse *partido* se defronta no terreno do suffragio com as classes dominadòras, quando alli combate e alli triumpha (veja-se as ultimas eleições na Allemanha), a *familia liberal* — o nosso inimigo de um seculo — appella para nós, contra o phantasma do Socialismo, e infama-nos de parentes d'ella!

Fóra d'aqui embusteira! Vae-te queixar a Robespierre! Pergunta ao deputado de Arras se, quando elle gravou nas taboas da lei revo-

lucionaria os *direitos do homem*, contou amavelmente com os syndicatos liberaes, sobre os sophismas na Revolução !

*

* *

E' claro que a organisação *politica* do partido socialista não vinga *esclarecer* uma formidave parte dos desherdados. A repressão que a *familia liberal* tem applicado á instrucção do povo produz especialissimos fructos, cuja responsabilidade não cabe á Democracia, separada, pelas Cartas, do poder. A politica de Pio IX, adversa aos principios democraticos, com todo o odio de quem renegára esses principios, justificou pela provocação as investidas dos republicanos contra a Egreja ; mas a politica de Leão XIII, conciliadora em face da Democracia, só justifica os brados de pavôr da *familia liberal* afflicta. A nós não nos assusta a protecção espiritual offerecida pelo Pontifice catholico aos *desherdados* que o Liberalismo afastou da Civilisação. Se uma abso-

luta sinceridade anima Leão XIII, ao dar a *Cezar*, á *Republica* e a *Deus* o que pertence a cada um, os dias da *tal familia* estão contados — sem impedimento. Entre nós e *ella* julgue a Historia. Não tememos a appellação !

E se ha doblez, reservado intuito contra nós, no procedimento da Egreja : se ha pretenção a restabelecer as *trevas*—como se diz em familia, — tanto peior para a Egreja. Mas não se discute o Absurdo.

Como em frente dos Socialistas, a *familia liberal* toca a unir contra a politica de Leão XIII, e appella para os republicanos, como seus, proximos parentes... E' n'este momento que o meu correspondente me pergunta se é na politica do Papa que vejo estorvos aos principios republicanos... Que mais quer que eu lhe responda — o meu amigo ?

CRITICAS

CRITICAS

Como quer que em geral a Critica se haja referido com louvor aos meus tres precedentes livros publicados pelo editor do presente volume, destaca-se d'entre algumas dezenas de artigos e noticias os estudos que adiante vão reproduzidos. Tal reproducção tende a demonstrar que são idos os tempos das *conspirações de silencio* e que não falta hoje o estimulo da Critica... a breve termo da vida do trabalhador.

S. P.

«PHILOSOPHIA DE JOÃO BRAZ»

POR

SILVA PINTO

No cimo das collinas de Epheso a vertigem accommettia Heraclito, absorto na contemplação dolorosa do fluxo das apparencias, que se movia á sua volta. As visões do alto da montanha da vida fazem reproduzir, ás vezes, o mesmo phenomeno psychologico. Em outras, a sua tristeza exsolve-se em ironias, zangas e desdens, como acontece a este sujeito que tem visto mundo, e que Silva Pinto baptisou

com o pseudonymo de João Braz, por motivos que a anthroponymia póde não abranger, mas que uma suggestão muito portugueza do nome nos exprime. E quantas vezes, ao pé de qualquer observação amarga d'este livro admiravel e judicioso do nosso glorioso marechal da polemica, me tem occorrido á lembrança a situação, muito nossa conhecida, d'outro critico, em um romance de Balzac! O romance é a *Béatrix*, onde o homem da Comedia Humana se vingou de George Sand, assoalhando-lhe uma das suas paixões. O critico é Gustave Planche, que na novella se chama Claude Vignon. Quem o não reconheceu? O personagem é perfeito de similhança, e o retrato d'esse litterato, envelhecido prematuramente pelo isolamento e pelos abusos da comprehensão, sobrepuja quasi as proporções da tela em que o enquadrou o grande e intuitivo creador de figuras. «Le pic de sa critique démolit toujours et ne construit rien», diz Balzac. A situação surge quando o drama começa a desenhar-se. Claude Vignon adivinha o plano, ao mesmo tempo ignobil e sublime, de Camille Maupin, e revela-o, na revolta do seu orgulho e

no orgulho da sua revolta, a ella propria, em um rasgo brilhante de presciencia, que daria, em trezentas paginas, o melhor romance de Paul Bourget. E a mulher, cuja graça vinha do mysterio, vencida e dominada, quer então saber ainda mais, e interroga, n'uma instancia de suprema afflicção, o ascendente nobre de Claude Larcher :

— «Dites-le moi, vous qui savez tout !»

O auctor d'este livro pertence tambem a esta cathegoria de almas magnificas. Depois de ter contemplado, irritado, todos os restos apodrecidos da consciencia morta e de ter prescrutado todas as insondaveis vilezas do espirito apodrecido, como elle mesmo contava já ha mais de vinte annos, a sua imaginação principiou a seguir outra rota mais serena de reflexão philosophica, e, olhando scepticamente os homens e as coisas, agora, a exemplo de Claude Vignon, «il scrute la pensée d'autrui, sans but ni systéme», embora lhe referva ainda o rubro sangue do Romantismo, como elle tambem confessa. E' necessario uma contraprova ? Ahi está no primeiro artigo da segunda série da *Philosophia de*

João Braz. Como os fugitivos dos tempos merovingianos, que se refugiavam na solidão silenciosa do claustro de S. Martinho de Tours, este cerrou as portas macissas da torre de aço da ironia e do desdem sobre os ruidos odiosos da cidade de Aosta da vida. Tornou-se, como o outro da galeria de Balzac, «o turco da intelligencia adormecido pela meditação.»

Este livro de Silva Pinto apparece n'um periodo em que já estão substituidos quasi todos os homens do seu tempo. Substituidos na sympathia das camadas litterarias, entende-se. Mas, nem por isso é extemporaneo, como seria agora um novo volume de versos do sr. Thomaz Ribeiro. Pela maleabilidade do seu espirito, pelo prestigio da sua intransigencia, e, mais que tudo, pela enorme imposição do seu talento, o indiscutivel mestre critico pertence ao numero restricto d'aquelles raros escriptores, de quem, por uma excepcional sobrevivencia da sua obra, a minha geração se pode reclamar, e é o primeiro em cujo exemplo de energia e de lucta todos podemos receber lições. E parece-me até que n'estas palavras faço um dos seus mais altos elo-

gios, porque, exceptuados os romances de Camillo, por onde roçou a aza de fogo do genio, os versos de João de Deus, que contéem a alma simples d'um povo ignorante, e os sonetos de Anthero, em que se diluiram todas as requintadas ambições do Pensamento, bem poucas paginas, além das de Silva Pinto, lê ainda com respeito esta geração, que vem affirmar-se com diversos processos de analyse, com outras preoccupações de fórma. O auctor da *Philosophia de João Braz* não é propriamente da mesma geração d'aquelles tres grandes : debutava quando elles entravam já no caminho do triumpho, e chegava talvez á maturidade da sua intelligencia quando elles encontravam a consagração unanime. Mas, entre os que são verdadeiramente do seu tempo, só encontro, para Silva Pinto, approximações humilhantes, se não lembrar os nomes de Guerra Junqueiro, que é repudiavel por muitos novos, e de Gomes Leal, injustamente esquecido por todos. O facto, porém, é que esta geração ultima, iconoclasta, como o são todas as gerações novas, achou em muitas paginas dos trinta volumes do audaz demolidor dos *Comba-*

tes e Criticas o Velho Testamento da sua religião litteraria. Silva Pinto foi o S. João Baptista das suas violentas condemnações e das suas desdenhosas indifferenças: um precursor, com melhor portuguez e melhor evangelho critico, porém.

Não sei em que moldes pudesse vasar uma apreciação da *Philosophia de João Braz*. Livro fragmentario, composto de artigos que discutem assumptos e episodios da actualidade, pela natureza da sua mesma variedade heterogeneos, como as *Mêlanges* de Louis Veuillot, não se adapta ao juizo facil de conjuncto, que a critica exerce sobre um romance, um poema, ou um drama. Assim, para falar do livro quasi que só póde falar-se do escriptor. Mas, o escriptor é d'aquelles sobre quem se dizem vinte linhas ou vinte paginas, e, se para as vinte linhas me falta o poder da synthese, para as vinte paginas escasseia aqui o espaço. Incidentalmente acabo de referir-me a Veuillot. Pois é com esse gigante da polemica que elle mais se parece. Aspero, mordente, incisivo, um apaixonado em lucta constante, muitas vezes violento, mas outras sereno e desdenhoso,

ainda quando despede os seus golpes mais temerosos, que assombram, na espada manejada pela sua mão destra ha sempre, para admirar, o cinzelamento doirado dos copos e o brilho puro da lamina. E' que n'este escriptor privilegiado, dos que se chamam de raça, até no ardor mais quente do combate a imaginação das coisas equilibra-se sempre com a imaginação das palavras, e o litterato nunca despreza os seus direitos. Em toda a obra de Silva Pinto ha vistas penetrantes, retratos suggestivos, julgamentos definitivos, que deixam, no espirito do leitor, uma impressão igual á mordedura de agua forte, exactamente porque a independencia e originalidade do pensamento encontram ao seu serviço uma lingua magnifica, — portuguez vivo ! — um estylo vigoroso e pessoal, de contornos accrados.

Este seu novo livro não desmente as suas bellas tradicções. Pelo contrario. E' a obra nobre e ponderada d'este Moisés da critica, que chegou ao alto do Sinai e leu as taboas desvendadas da lei, o testamento philosophico e moral d'este Heraclito do Romantismo, que se libertou

da vertigem no cimo das collinas de Epheso. A melhor recommendação da *Philosophia de João Braz* resume-se, pois, n'este simples elogio: — é uma gloriosa e triumphal kermesse do espirito (1).

ARMANDO DA SILVA.

(1) *Novidades.*

«PHILOSOPHIA DE JOÃO BRAZ»

Tem chovido sobre a physionomia excentrica de Silva Pinto boa saraivada de epithetos e adjectivos, taes como — azedo, amargo, hysterico, zangado, visionario, magico, virulento, satyrico, mordaz, incoherente, caustico, ironico, acido e outros muitos.

Descontada a somma de injustiça encavaleirada em cada um d'elles, resulta para a critica uma figura de relevo inconfundivel, nas grandes qualidades como nos defeitos, desafiando e illudindo a sagacidade mais bem armada no campo da investigação psychologica.

No circulo, acanhado — confesso-o — das mi-

nhas relações, a physinomia de Silva Pinto produziu-me e produz-me sempre especial impressão.

O nosso convivio n'um periodico que Deus tem hoje em sua santa gloria, — deixou-me recordações indeleveis.

Passo ás vezes em revista a serie de anecdotas que lhe ouvi contar com uma graça *sui generis*, com um cunho tão comico, com uma sublinhação tão sua, tão viva, tão picante, que me persuado de que o tenho sempre deante de mim, com esse franzido do nariz, com esse que de felino do seu rosto, quando nos pretende impressionar pelo lado humoristico. Os olhos, a bocca, os dentes, o bigode, o mento, a gesticulação — tudo concorre para sublinhar, na sua expressão relativa, a ironia do caso. Na sua bocca, um simples monossyllabo, no qual entre em jogo a collaboração de todos os seus traços physionomicos, pode adquirir uma intensidade humoristica, ou gaiata, capaz de nos fazer rebentar de riso.

De uma vez, o informador do tal periodico, um homemzinho ignorantissimo, mas com pretenções a janota e a bem falante, contou-nos

um caso horripilante : um sujeito lançára-se de um sexto andar a um saguão, ficando com os ossos em feixe. — Não imaginam — dizia o catitinha : o homem sempre ficou n'um *estado comatoso !...*

Silva Pinto, que farejou logo a tolice quotidiana, fez uma d'essas caras unicas, perguntando-lhe, entre risonho e sério :

— Mas o homem estava morto ?!

— Podera ! — resposta do janotinha.

E' impossivel reproduzir a expressão physionomica de Silva Pinto, ao *preparar para a sorte* uma tolice tão caracteristica.

*

* *

Estas qualidades, com a de uma observação que se distingue por um grande poder de visão, por uma pujança de raciocinio, e por um conhecimento perfeito da technica da linguagem portugueza, dão aos seus escriptos um encanto que se não confunde com a de qualquer prosa ao acaso. Sentem-se na sua dicção influencias de

Camillo, Veuillot, Planche, Sainte Beuve ? E' possivel; mas a sua prosa não imita nenhum estylo; tem um vigor proprio, que se não adquire por meio de *pastiches*, por mais perfeita que seja a habilidade imitativa. Junte-se a isto um segredo de *concisão* que parece até impossivel de obter trabalhando uma lingua tão propicia a effeitos rhetoricos, como a nossa, e ter-se-ha uma prosa que em boa justiça pode servir de modelo a futuros escriptores, sem dependencia do voto do lendario conselho superior de instrucção.

*

* *

Sinceramente leio e releio a *Philosophia de João Braz*, notas sobre o caso politico da semana, observações tiradas ao acaso dos costumes em que se decompõe e descompõe, momento a momento, a sociedade portugueza. E sinceramente affianço que me impressiona sempre tal leitura. E' porque Silva Pinto seja um philosopho, dogmatico, inventor de cathegorias, alinha-

dor de doutrinas imprevistas ou vestidas á moderna ? E' porque Silva Pinto seja um escriptor dotado de profunda e seductora imaginação ? E' porque seja um critico dotado de infallibilidade nos seus juizos ? Não o sei : classificar o seu talento é tarefa quasi impossivel, porque esse talento é feito de incoherencias e de desencontros, de momentos pujantes e de desfallecimentos, de força e fraqueza, de imaginação e sensibilidade, de generosidades e amarguras, de visão e de bom senso.

E estas qualidades revelam-se de improviso, conforme o temperamento se mostra n'esta ou n'aquella feição de humor.

Mas o que nos fere, sobre tudo, é a fugacidade, a concisão da nota que elle fere quando a sua critica se exerce sobre homens ou sobre factos. Porque o caracter do seu talento é essencialmente synthetico. Com dois traços aprehende a tolice humana. Desapaixonado de systemas litterarios ou politicos, a sua apreciação dos factos, sem ser profunda, é lucidamente comprehensivel e conceituosa. Esboçando casos, fustiga-os de relance, sem emphase, sem pedantis-

mo, sem *pose* doutrinaria. Eis o segredo do seu espirito; eis por que a sua prosa tem um encanto peculiar. Até quando finca as garras com ancia ou malicia hysterica tem relevo.

Aqui está porque, saudando o apparecimento do livro editado pela «Casa Antonio Maria Pereira», nos demorámos um pouco nas honras havidas para com hospede tão distincto. Devia-as em tudo e por tudo, mormente quando, como agora, está escaceando a litteratura que se destaca da banalidade corrente, tão pretenciosa como vazia, tão desenxabida como desnacionalizada.

Silva Pinto faz-nos pensar em Camillo, um mestre, ambos polemistas nervosos e vibrateis, ambos conhecedores da lingua portugueza.

Cada qual, porém, com as suas qualidades caracteristicas e naturalmente delimitadas.

Ambos communicativos pela nervosidade do seu estylo, e pela nota de amargura que resuma dos seus escriptos. (1)

Silva Bastos.

---

(1) *Jornal do Commercio.*

«SANTOS PORTUGUEZES»

RARO é o dia em que um novo livro não sahe á luz em Lisboa. Precipitam-se as publicações, como que atropelando-se; e os *novos*, n'uma ancia insaciavel de se verem em letra redonda, atiram para o mercado, por intermedio de editores que recebem e não pagam, volumes sobre volumes, nos quaes, nem sempre se encontram idéas sobre idéas. No meio d'esta abundancia, porém, quando se quer um pedaço de prosa vernacula, opulenta, de constituição robusta, temperamento nacional e fórma ele-

gante, trabalhando sobre idéas, ainda é preciso lêr os *velhos*, que, surgem aqui e ali, por entre a turba invasora.

Um d'elles, que sempre tem vivido no mundo exclusivo das idéas, e no convivio intimo das letras, no que ellas tem de mais elevado, e que consubstanciou a sua existencia,—senão muito longa ainda, intensamente empregada— com a da litteratura contemporanea, é Silva Pinto, que, com o seu novo livro, *Santos Portuguezes*, veiu mais uma vez ensinar como se estuda, como se pensa, como se escreve e, principalmente, como se prende o leitor a um assumpto, quaesquer que sejam as idéas de quem lê.

O pensamento fecundo e generoso d'este livro está todo no *prologo*, mas a leitura d'este não dispensa, antes obriga, a dos diversos capitulos, dedicados singularmente a um predestinado do Ceu, que nasceu n'este torrão portuguez, ou para aqui transplantou a sua vida de abnegação, caridade e amor.

E' tarde para fazer a critica d'um livro em vespera d'uma segunda edição ; mas propositalmente eu quiz deixar que se extinguissem as al-

garavias grutescas e lamentaveis do centenario antoniano, para fazer justiça ás qualidades de composição e execução dos *Santos Portuguezes*. O poucochinho que tenho de dizer, á falta de maior espaço, desejava que não fosse offuscado pelo brilho multiculor dos foguetes de lagrimas, nem absorvido pelos estrondos das bombardas e falacias de povoléo, ao vêr desfilar cortejos e procissões.

A composição dos *Santos Portuguezes* é de uma grande intuição artistica. Os personagens occupam, em planos e prespectivas, distancias e proporções em conformidade com a importancia dos seus actos ou das suas influencias directas. Avultam nitidos em paysagens luminosas, ou fundem-se nas penumbras claustraes; passam por entre os esplendores das côrtes, ou comprazem-se nos ermos mortificantes. Na execução uma sobriedade accentuadissima de desenho puro, realçado por um colorido intenso e variado ao infinito. E depois, sempre e constantemente, o toque inimitavel, rapido, seguro e mordente, que constitue a qualidade caracteristica do Mestre, ainda com a mesma vivacidade

e energia com que, ha trinta annos, começou a impôr-se pelos seus trabalhadores opusculos.

Se me quizesse, ou soubesse, alongar em psycologias, hoje tanto em moda, tão esmiuçadoras, que por vezes parece que, á força de subtilezas, entram caprichosamente pelos dominios da phantasia, diria que raro é o capitulo, ou pagina, em que se não podesse encontrar o *estado d'alma* — permitta-se este lapso de nova phraseologia — do auctor dos *Santos Portuguezes*, que continúa, apesar da uncção da fórma, e talvez uma proposital ingenuidade no dizer, a ser o auctor de impressão e de expansões de temperamento dos *Combates e Criticas*. Toda a impetuosidade da sua alma, toda a affectividade do seu coração, aspirando a uma realisação de justiça para os desherdados, irrompe no prologo, d'um rythmo febril, d'uma energia quasi selvagem e que vae n'um admiravel *crescendo*, sem hesitações nem falsos respeitos. Prologo tempestuoso, illuminado por faiscas rubras de indignação, após as quaes se ouvem, n'um futuro inevitavel, os ruidos medonhos das derrocadas d'uma civilisação — ou estado social — em que

tocou por partilha madrasta o goso para alguns, a miseria para a grande turba.

Depois, como n'uma grandiosa opera de Wagner, a tormenta amaina, e começa o cortejo suave dos santos, que o auctor acompanha, um pouco de lado, aqui com uma lagrima, lá com o applauso; merecendo-lhe este uma ironia leve, outros uma phrase expressiva d'essa sua extrema sensibilidade — que é um dos seus lados fracos — ou fortes, — e alguns até não podendo passar sem um d'esses sorrisos temiveis, que faria com que o milagreiro, se o visse, deixasse de fazer, pelo menos, os milagres que o tornaram celebre.

Apesar de ter vivido, durante o tempo que estudou o assumpto, e compôz o seu livro, no seio d'uma sociedade morta, longe de nós, dos nossos habitos, da nossa orientação, Silva Pinto nunca se esqueceu de que tambem é *João Braz*, nem de que se compraz em chamar mestre a Camillo Castello Branco,—que tanto mais avulta quanto os tempos correm e os novos produzem, — e por mais d'uma vez aproximações de factos e tendencias modernas veem dar a nota

philosophica ao livro, e servir d'ensino aos que o souberem lêr.

Mas agora reparo que não falei no talento do auctor... mas para quê? Quem é que hoje em dia não tem talento? (1)

Lino d'Assumpção.

---

(1) *O Dia*.

«SANTOS PORTUGUEZES»

Para o sul as preoccupações são todas pelo Santo Antonio. Desde os mais altos poderes do estado, que teem o dever de fazer lembrar a historia nacional e de proferir o *Erguete!* a todo o heroe da patria, fosse qual fosse o departamento a que elle consagrasse o seu talento, o seu valor ou a sua virtude, até ás raparigas dos mercados e á rapaziada das officinas, todos fazem a ronda á peanha do monge aventuroso, cuja palavra abre o céu e cujas mãos despejam sobre o mundo a benção dos milagres.

Naturalmente, a velha arvore rapada da litte-

ratura nacional foi tambem abalada pela curiosidade do publico e pelo commercio dos livreiros, de modo que para o Santo Antonio, como para o Camões, como para o Marquez do Pombal e para o Infante D. Henrique, rasgaram-se as torrentes das letras patrias em estudos e canticos e louvores que constituem, certamente, o melhor fructo dos centenarios.

Eu tinha uma grande sympathia pelo Santo Antonio, em primeiro lugar porque é santo — e só as brutas gentes, de que fala o nosso épico, desconhecem as claridades que o amor pelos bons faz nascer nos corações generosos — e depois porque é portuguez, d'aquelles que atiraram o nome da patria pelo infinito azul da Gloria. Mas agora, quero-lhe ainda muito mais, que me deu o pretexto de lêr o Silva Pinto — o meu querido Silva Pinto — n'um trabalho primoroso, como é *Os Santos Portuguezes*. — Como o Silva Pinto tem sido o trambolho do rebanho dos imbecis, eil-os todos a mugir quando viram annunciado e novo livro, esperando (a esperança dos patetas tambem é verde, mas verde-herva...) que o illustre publicista cahisse na chu-

lice de troçar os heroes e os martyres, pela simples razão de que esse processo de fazer critica agradaria muito á babada ignorancia.

Ha ainda muito boa gente que considera esse processo como o unico meio de se fazer democracia, como se a democracia não fosse o appello dos espiritos para a fidalguia intellectual. Escusado será dizermos que eu nem sonhava de Silva Pinto similhante profanação á verdade e á justiça e á arte de pensar, de modo que o seu ultimo livro corresponde, como não podia deixar de corresponder, á integridade da sua obra, que é, além de tudo, altiva e generosa como o seu caracter.

Eu não sei se o Silva Pinto acredita nos milagres, como eu acredito — porque só por essa fórma a gente póde explicar a si mesmo a maior parte das coisas que estão succedendo por este mundo, — mas a galeria que esperava vel-o explicar racionalistamente os casos sobrenaturaes (sobrenaturaes para ella, a ranhosa livre-pensadeira), ficou pintada no bezorrismo da sua espectativa.

Eu heide-me lembrar toda a minha vida —

pouca memoria tenho de gastar, felizmente — d'aquelle excellente sabio christologo que explicava todos os phenomenos do espirito religioso pelas argucias do seu talento eruditivo.

Assim, por exemplo, o milagre de Christo dar de comer a uma multidão enorme, com tres pães e cinco peixes (creio que estou errando os algarismos), era para a sabedoria uma coisa simples — cada qual levava o seu farnel, como para um pic-nic, e, assim, cada qual comeu do que levava, como os rapazes do collegio...

No tempo em que eu lia o Strauss e o Renan e o Everbeck e o Voltaire e tambem aquelle mafarrico de materialista que assistiu ao julgamento d'uma cegonha adultera, aquelle trabalho de botar abaixo as crenças dos outros pelas descrenças dos philosophos fazia-me chorar; agora nem me faz rir.

O prefacio dos *Santos Portuguezes* é, inquestionavelmente, um dos trabalhos mais notaveis do meu Silva Pinto. (1)

EMYGDIO D'OLIVEIRA.

(1) *Jornal de Noticias.*

«N'ESTE VALLE DE LAGRIMAS»

...Sinto-me bem, á vontade, liberrimo, n'este campo, pois de tamanino meu espirito se afez a admirar em Silva Pinto, — mais ainda que a velha carcassa de luctador batida por trinta temporaes, por mil revezes, mil combates, sempre victoriosa, sempre ovante, — as qualidades, de mais em mais raras, apreciabilissimas, d'um prosista enorme, acuto e reflexivo, servido por uma dóse de péssimismo, ora sombrio, ora feminil, que, fazendo o reverter do successo incolor, comesinho, do dia a dia, ás considerações psychologicas do caso, ás incoercibilidades recatadas, mysteriosas, das de-

terminantes, ora expludem em fogos fatuos de gargalhada, ora em prantos irreprimiveis de lagrimas amarissimas.

E quando, como no *Valle de Lagrimas*, a selecção entre os retalhos, entre as paginas soltas que constituem, quasi, a obra do critico, é determinada, só, sem reservas, sem entrelinhas, pela sinceridade, pela vida, que essas prosas contém, estas duas qualidades resaltam, desgrenhadas, imponentes, alternando-se, succedendo-se, n'uma proporção fatalica, harmonica, de gargalhada e de pranto, de amargura e de riso, por guiza tal, que, fechado o volume na ultima pagina, fica-se uma pessoa indecisa se ha de só chorar, se só rir, depois de ter chorado e de ter rido.

E o titulo do livro, n'este caso, que, porventura, é typico, é modelo, vem contrapezar para a banda da caramunha: — *Valle de Lagrimas*, *Valle de Lagrimas*...

Mas, porque não *Valle de Galhofa*, se é de alacrias e tristias o volume?

Ah! sim... Mas é de tristezas a vida.

Mesmo quando o rictus se distende, se abre,

n'uma gargalhada, a garganta aperta-se n'um soluço e os olhos, macerados de tanto viverem, afogam-se em agua, vitrejam-se de dôr.

Valle de Lagrimas... Valle de Lagrimas a que a razão, os safanões da vida, sacaram já, por nosso mal, a esperança nossa, a advogada nossa, da nossa fé, da nossa crença!

Valle de Lagrimas, livro vivido, que *Valle de Galhofa* seria um livro de morto.

E o livro é dedicado a uma creança...

Para que se ha de mentir á innocencia?...

*

* *

Porventura, é typico, é modelo, disse eu.

Sem mór difficuldade aboliria a duvida, a condicional, se não fôra licito esperar da penna de Silva Pinto ainda outros livros, outras provas, outros modelos a que nunca a camaradagem, o morgadio do *Valle de Lagrimas* envergonhará, mas que, quem sabe? poderão supplantal-o, excedêl-o no terreno amplo, nos horisontes largos que o grande estylista tem diante de si.

Dos escriptos o melhor. Na maturidade sã, vigorosa, do seu temperamento, nunca Silva Pinto subiu tão alto, como agora. N'uma escala ascendente, desde o começo, vae progredindo, melhorando, e a *Philosophia de João Braz*, o mais perfeito, mais completo, de todos os seus volumes, vem de ser desbancado, com gloria, vem de ceder o passo ao *Valle de Lagrimas*, em que a Arte suprema de Silva Pinto se revela pujante, inexcedivel, inimitavel, na magia extranha, bizarra, de fazer prosa, de fazer arte com os logares communs, com as gastas chapas, banaes, sediças, com que todos nós, os subalternos, fazemos asneiras sob a fórma grandiloqua de artigos de fundo, ou sob a mascarilha garota de apreciações litterarias...(1)

JOAQUIM MADUREIRA.

(1) *Resistencia.*

«N'ESTE VALLE DE LAGRIMAS»

Este novo livro de Silva Pinto, que ha dias appareceu nas livrarias, é dedicado ao seu e nosso pequeno amigo Marius, — para elle *saber*, quando for grande. E *N'este Valle de Lagrimas* quer dizer, é claro, n'este mundo de tristeza em que nós todos vivemos, uns desalentados pelas desillusões, outros torturados pela esperança, e onde os moços são, ás vezes, os mais tristes. O Marius, com os seus olhos profundos e doces, na claridade d'um azul tão radioso como um pedaço do céu que a imaginação do pae, poeta e astronomo, lhe transmittiu talvez n'uma hereditariedade de sonho, ain-

da agora se está a preparar para entrar na vida, levando um rouxinol disserto a cantar-lhe dentro do peito. Ainda não ensaiou os primeiros passos, e já o seu amigo severo o está esperando na portada da existencia, por onde elle vae entrar, para lhe dizer que não acredite nas apparencias vãs, porque todas as flores do caminho são cardos, e ensinar-lhe o amargo Evangelho da Duvida. O homem não é mais do que um sonho doloroso, dizia já Chateaubriand, e esse sonho desfaz se n'um momento. Tudo é passageiro e transitorio. Até a Verdade ha-de ser eternamente relativa. Só uma coisa plana, immortal e invariavel, acima de todos os episodios mesquinhos da vida. E' a dôr que acommette e vence as almas sensiveis. Sentes um rouxinol a cantar-te no peito, pobre Marius ? Que importa? Ha-de pesar-te a argilla humana, e o montão dos teus grandes sonhos deliciosos ha-de desmoronar-se, dia a dia. A vida, meu pequeno amigo, não é mais do que uma corrida cega e furiosa atraz da desventura, igual á que Byron nos descreve do seu Mazeppa atravez as steppes da Ukrania. Cruel lição ! Mas que importa,

se é a voz da Verdade que falla alto na bocca do escriptor, ainda que a sua desesperada visão dos homens e das coisas esteja a carregar-lhe as tintas na palêta? Tambem o osteólogo não póde evitar-se de aperceber o esqueleto descarnado, atravez o corpo esculptural da mulher formosa que passa. O que é pena é que tal lição de scepticismo possa ir levar sombras ao fundo da alma plena de auroras do nosso pequeno amigo Marius!

N'este Valle de Lagrimas, é, pois, nada mais e nada menos que um desolador compendio de philosophia pessimista, a que o prosador eximio que Silva Pinto é, conservando intacto o culto da lingua, deu o relevo d'uma fina e vibrante obra litteraria. E é este um dos volumes em que o incorrigivel romantico melhor affirmou, com uma pujança de talento que a cada novo livro seu parece engrandecer-se, a originalidade do seu espirito e os recursos admiraveis do seu estylo. Ao lado das cartas de João Braz, o trecho final do livro, por exemplo, — aquella commovente historia da viuva do poeta Barros de Seixas, — é a prova extraordinaria

da maleabilidade d'esse espirito e da maleabilidade d'esse estylo.

Aqui está a impressão fugitiva que nos deixou a primeira leitura do novo livro de Silva Pinto, e que reproduzimos, desde já, apenas no intuito de registrar a publicação.(1)

ARMANDO DA SILVA.

---

(1) *Novidades*

«N'ESTE VALLE DE LAGRIMAS»

Já ha perto de mez e meio que, de dia para dia, andamos a dilatar a noticia que devemos e desejamos dedicar a este primoroso livro do nosso eminente collega Silva Pinto; mas tem-nos succedido com elle o que vae acontecendo, outrosim, com a conclusão do desauctorisado parecer n'estas columnas começado a formular ácerca da *Patria* de Guerra Junqueiro.

Umas vezes, tolhe-nos a vontade a falta de espaço, todo occupado pelo noticiario de occasião que não póde esperar e não só perde como de todo se inutilisa com a demora.

N'outros lances, a atonia do espirito, magoado

e oppresso, define-se por esse amargo quebrantamento, impossibilidade menos concepcional do que realisante, tédio e cansaço que os ignorantes e os irreflectidos reputam, presumpçosamente, preguiça ou incapacidade. Logo com acrimonia sentenceiam, sem repararem que a injustiça do seu desarrasoado não vem afinal a testemunhar senão contra elles, que se arvoram em magistrados, com opinião e voto em foro que lhes excede a alçada e que são, por completo, leigos.

O novo livro de Silva Pinto contém quasi 400 paginas, no formato adoptado para a serie autobiographica encetada pelo auctor. Precede muito proximamente cinco irmãos mais novos, que breve devem apparecer successivamente á luz.

A actividade de Silva Pinto não affrouxa com a multiplicidade da producção já realisada, antes ganha em intensidade e variedade, alargando o ambito da observação e do estudo. Poderosa organisação a d'este homem de letras ingenito e consummado; extraordinaria resistencia a d'um temperamento, tão formidavelmente apalpado, aliaz! E commovente e fecunda lição moral a que se extrahe da conducta d'este combatente,

que na disciplina do trabalho se recupera dos golpes que ao coração varonilmente orgulhoso, e enternecido e sensivel, vibra a fatalidade implacavel e inexoranda!

O volume actual enfeixa os capitulos seguintes: *O João Braz*, *Cartas de João Braz*, *Camillo Castello Branco*, *Mãe*, *Dramas*, *Na Bohemia*, *A bordo*, *Os inferiores*, *Entre a arvore e a casca*, *Pequenitos*, *O Diabo no Minho*, *Sombrio! Em Badajoz*, *Xerez e Havanos*, *O Marius*, *Os doidos e os outros*, *Romanticos*, *Triste*, *José Augusto Vieira*, *Na Penitenciaria*, *Homem ao mar! Cesario Verde*, *Os suicidas*, *Na vinha do Senhor*, *Voluntario! Jesuitas*, *Emquanto chove*, *O Julio*, *Carta setima*, *Oitava carta*, *Vigesima carta*, *Per umbras*.

Eis uma preciosa collecção de observações psychologicas as mais profundas ou subtis, delicadas ou asperas, exteriorisadas com o relevo forte d'um estylo inimitavel, porque seja o reflexo sincero d'uma personalidade propria, original, radicalmente accentuada.

De Silva Pinto se póde dizer — e isto garante os culminantes meritos d'este entendimento, es-

thetico por excellencia — que nunca é banal ; o logar commum, o trivial, burguez, prosaico ou charro, esquiva-se-lhe espontaneamente, até mesmo no especialismo de tarefas que parece não poderem furtar-se á pecha, como seja a faina quotidiana das gazetas. Tem este traço, de nativa distincção e fidalguia de porte litterario, commum com Rochefort, por exemplo ; mas se força fôsse buscar confrontos e desenhar parallelos, seria para a recordação de Jules Vallés, João Braz de que Silva Pinto é o Jacques Vingtras, que recorreriamos em appello.

Estas similitudes de physionomia, moral ou artistica, são sempre, naturalmente, imperfeitas e distinguem-se n'um tom mais e mais vago, quando cada personalidade parente é, comtudo, viva e intensamente differenciada. Ora, a de Silva Pinto é simplesmente inconfundivel.

Este bello volume agora apparecido, ao mesmo tempo que um triumpho artistico, é um documento humano perfeito, indispensavel para a comprehensão da complexa subjectividade do seu auctor.

Que duas laudas maravilhosas não são essas

paginas reveladôras, sublimes pela sinceridade sentimental e pela acuidade expressionante, que se denominam : *Per umbras*, *O Marius!*

Na admiravel fluencia narrativa, sobria, sempre com a palavra propria e orientada por um aproposito de bom-gosto nunca desmentido, vê-se que, sobre o papel em que redige, dos olhos do auctor se suspende uma lagrima redonda, amarga e resignada, em que o dilaceramento se funde no perdão e a justiça se humanisa e divinisa no effluvio d'um amor esparso e transcendente.

Assim, symbolisa bem a obra o titulo synthetico que para ella o nosso collega escolheu.

Aqui está um livro que convém seja lido. Pelos que viveram, para que, confortando-se na lição alheia e consolando-se na alheia desdita, persistam. Pelos que têm a viver ainda, para que, precavendo-se, aprendam.

Um duplo parabem a Silva Pinto, que não fez só um excellente livro, sob o ponto de vista litterario e artistico, mas ainda, sob o ponto de vista ethico e moral, um livro salutar. Não é só uma bella obra; é tambem uma bella acção.

Falar da realisação, do estylo, da maneira peculiar do escriptor seria pedante superfluidade, quando se tracta de figura tão vantajosa, antiga e vastamente conhecida no nosso meio pensante.

Assim, quem disser que a obra confirma, a este respeito, o juizo feito já, até aqui, terá em duas linhas dito tudo, o necessario e o sufficiente. (1)

José Pereira de Sampaio.

(1) *Voz Publica.*

INDICE

	Pag.
Os do Porto — 31 de janeiro de 1891	1
Liquidações Politicas	7
O caso de Marinho da Cruz	15
Homens do Porto	53
O Plebiscito	127
Excellente povo !	139
Ratões	145
Aquelle sujeito	153
Coiro e cabello	159
Lá para cima	163
Guia do viajante	169
Orçamento	175
A tal coisa	181
A Sarah	185
Pelas creanças	191
Patriotismo	197

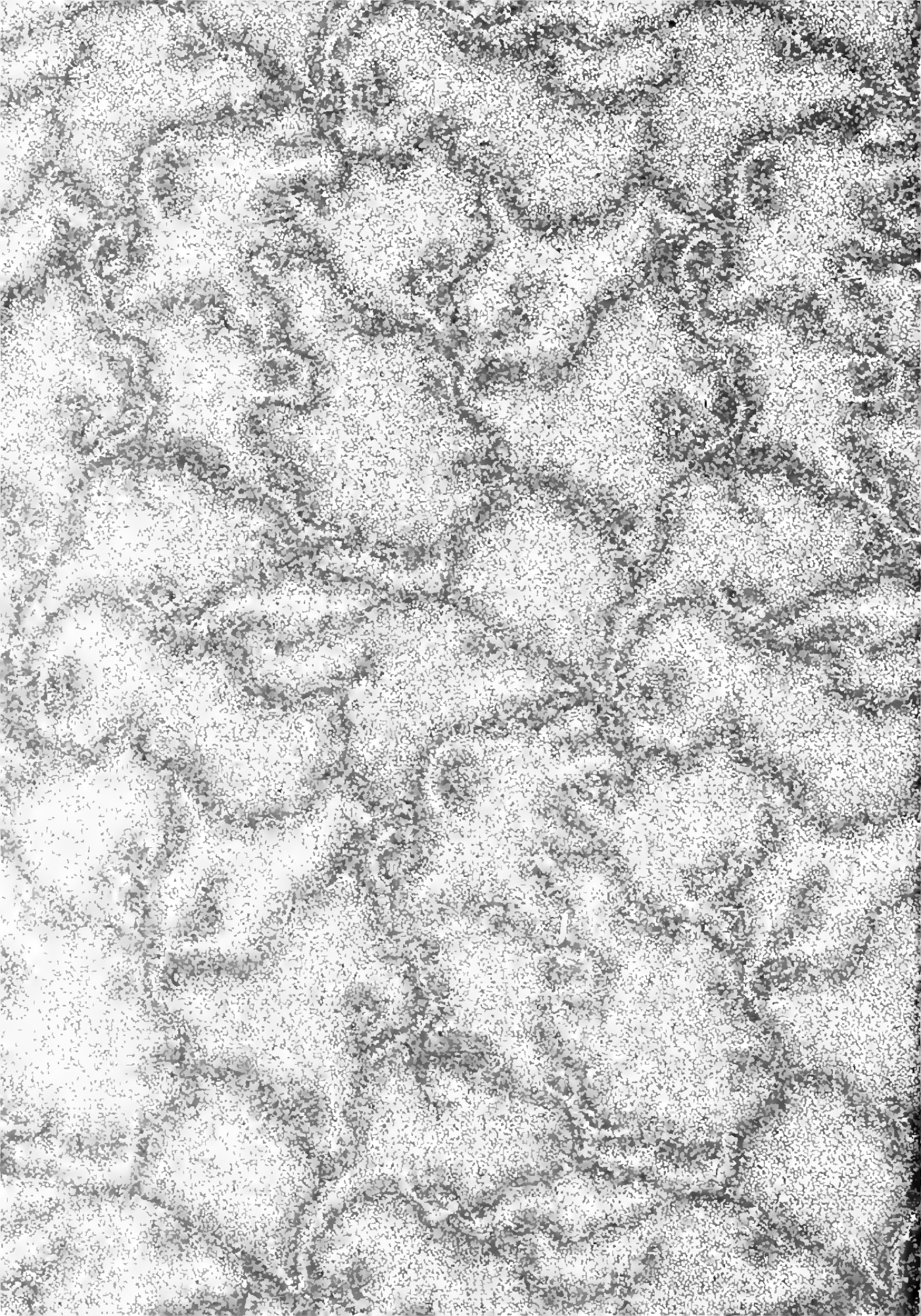
	Pag.
Um bom anonymo	201
A Geraldine	205
...Mas honradinhos	210
Os maus ricos	216
Os algozes das escolas	221
Benemeritos !	225
Cuba	229
João de Deus	235
A' corja	241
Atrocidad	247
Escriptoras	251
Coisas	257
Palmatoadas	263
Problema sério	269
A tal Princeza	275
Anarchismo	281
Cinzas	285
Por este mundo	291
Um caso	295
Os taes algozes	301
Problemas	307
Coisas graves	315
O Lamaçal	321

Pag.

Moral em acção..... 327
Os do Progresso..... 333
O Entulho politico..... 339
O Enxurro..... 345
No tal officio..... 353
Coisas praticas..... 359
Dez mil contos..... 365
A questão magna..... 371
Criticas..... 387

ERRATA

A pag. 121, onde se lê: *d'um typo de causticado*, deve lêr-se: *d'esse typo de causticado*.



PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
S55Q4

Silva Pinto, Antonio da
A queimar cartuchos

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 03 05 01 008 7